

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS EM SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM

SER SAUDÁVEL
NO
QUOTIDIANO
DAS
FAVELAS

CLÁUDIA MARIA DE MATTOS PENNA

DEZEMBRO

1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM FILOSOFIA DA ENFERMAGEM

SER SAUDÁVEL NO QUOTIDIANO DAS FAVELAS

CLÁUDIA MARIA DE MATTOS PENNA

Tese apresentada para a banca de avaliação como
requisito parcial para a obtenção do título de
doutor em filosofia da enfermagem.

FLORIANÓPOLIS

DEZEMBRO

1996


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM
DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM

TÍTULO: SER SAUDÁVEL NO QUOTIDIANO DAS FAVELAS
POR: CLÁUDIA MARIA DE MATTOS PENNA

Tese apresentada e aprovada pela banca examinadora:



Dr^a. ANA LÚCIA MAGELA DE REZENDE - PRESIDENTE



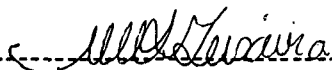
Dr^a. ELIZABETH RANIER MARTINS DO VALLE - MEMBRO



Dr^a. INGRID ELSEN - MEMBRO



Dr^a. LYGIA PAIM MÜLLER DIAS - MEMBRO



Dr^a. MARIA CECÍLIA SANCHÈS TEIXEIRA - MEMBRO

Dr^a. MARISTELA FANTINNI - SUPLENTE

Para a obtenção do título de Doutor em Filosofia da Enfermagem.

Florianópolis
12 de dezembro de 1996

ORIENTADORES:

Dr^a ANA LÚCIA MAGELA DE REZENDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

UIFSC - SANTA CATARINA

PROFESSOR Dr^o MICHEL MAFFESOLI

UNIVERSIDADE RENÉ DESCARTES - SORBONNE

PARIS V

Dedico esse trabalho aos "artistas da vida",
que constroem no cotidiano de sua existência
as possibilidades de serem saudáveis.

Ao meu pai e ao meu irmão Newton.
Minha eterna saudade.

À minha mãe, pela sua dedicação, apoio, força,
carinho e constante presença em todos os
momentos de minha vida. Saudade... agora que
você resolveu virar estrela...

AGRADECIMENTOS

Ao professor Michel Maffesoli, por mostrar sensíveis caminhos de se fazer ciência.

À minha orientadora e mestra, Ana Lúcia Magela de Rezende, por incentivar e permitir meus vôos, relativizados entre a emoção e a razão; e, a amiga, pelo carinho, pela amizade, com quem compartilhei importantes momentos de “estar junto”. Extensivos à toda família Rezende.

À minha família, pelo incentivo, apoio, confiança e carinho dispensados durante estes anos. Em especial à minha mãe, que traduziu tudo isto, num gesto de atenção diário, de fazer e me levar o café de todas as tardes.

À esses “artistas da vida”, eternos amigos, Rosane, César, Marta, Júlio, Flávia e Cleuza, pelas formas com as quais andamos delineando nossas existências, compartilhando nossas histórias e por tantas outras formas que ainda iremos desenhar por aí.

Aos professores, amigos e colegas da Escola de Enfermagem da PUC.Minas, pelo incentivo nesse caminhar. Em especial à Telma Maciel Silva pelo incontestável apoio em minhas empreitadas e presença nos momentos difíceis.

Aos colegas, professores e amigos da primeira turma de Doutorado em Filosofia da Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo muito que trocamos durante os anos de convivência e aprendizagem. Em especial, às professoras Ingrid Elsen e Ligya Paim, pelas contribuições na qualificação e pelo muito que aprendi com vocês nesse tempo de convivência. Minha admiração e meu respeito à colega Thereza Meiga Pinto.

À todos os amigos que sempre marcaram presença em minha vida.

À PUC.Minas e à CAPES, pelo apoio financeiro, tão necessários, quando nos propomos criar.

RESUMO

SER SAUDÁVEL NO QUOTIDIANO DAS FAVELAS

Este trabalho propõe uma discussão sobre saúde-doença e ser saudável, sob o ponto de vista da Sociologia da Forma de Simmel, da Sociologia Compreensiva de Weber e das categorias do cotidiano de Maffesoli. Apresentando a tese de que é possível “ser saudável no cotidiano das favelas”, faz primeiramente uma analogia da saúde-doença e ser saudável com a Mitologia Grega, para depois apresentar uma análise sobre os conceitos desenvolvidos pela ciência relacionando-os com o que é vivenciado no cotidiano das pessoas que habitam a favela. Considerando esta como um espaço onde ocorre as interações humanas, apresenta como se deu a construção da favela no processo de urbanização, além de mostrar como a violência, o risco, o lúdico e o simbólico fazem parte do cotidiano dos moradores e a estreita relação que estas formas têm com o que se denomina de estética do ser saudável. Para finalizar, apresenta como o profissional de saúde pode se colocar diante desse ser saudável.

RÉSUMÉ

ÊTRE SAIN DANS LE QUOTIDIEN DES FAVELAS

Ce travail propose une discussion sur la santé-maladie et l'être sain, du point de vue de la Sociologie Formelle de Simmel, de la Sociologie Compréhensive de Weber et des catégories du quotidien de Maffesoli. En présentant la thèse que c'est possible "d'être sain dans le quotidien des 'favelas'", il fait d'abord une analogie de la santé-maladie et d'être sain avec la mythologie Grecque, pour présenter ensuite une analyse sur les concepts développés par la science en les mettant en rapport avec ce qui est vécu au quotidien des personnes qui habitent la "favela". En la considérant comme un espace où les interactions humaines se déroulent, il montre comment s'est passé la construction de la "favela" dans le procès d'urbanisation, en montrant en plus comment la violence, le risque, le ludique et le symbolique font partie du quotidien des habitants, et leur étroite relation avec ce que l'on appelle l'esthétique de l'être sain. Pour terminer, il montre comment le professionnel de la santé peut faire face à cet être sain.

ABSTRACT

DAILY WELL-BEING IN SLUMS

Health - illness and well-being is what is intended to be discussed in this work, from Simmel's forms sociologie, Weber's comprehensive sociologie and Maffesoli's daily categorye. Presenting a thesis that it is possible, for the well-being of people's daily life in slums. There's an analogie of health - illness and well being with the greek mithologie, and then it presents an analisis concerning the developed concepts of science relating this concepts, with what has been experienced by people in slums. Considering slums are places where occurs human interactions, it is shown how slums were built in the process of urbanization, also showing how violence, risk, "cheerfulness" and simbolism area a daily part of their lives with the close relations that these forms take which is said to be esthetic of well-being. To sum up, it will be presented here how the professional in the area should act towards the well-being of these people.

SUMÁRIO

01. PRÓLOGO.....	01
02. ESCREVENDO UM MONÓLOGO.....	08
03. O CAMINHO EPISTEMOLÓGICO.....	19
04. POR UMA METODOLOGIA RELATIVISTA.....	32
05. UM RETORNO AO OLIMPO.....	38
- APOLO E DIONÍSIO: UMA CUMPLICIDADE DIVINA.....	41
- DO CONCEITO SAÚDE À UMA FORMA DE EXPRESSÃO.....	53
06. NO ESPAÇO-TEMPO DO ESPAÇO E DO TEMPO.....	61
- NO TEMPO DO ESPAÇO.....	61
- NO ESPAÇO DO TEMPO.....	67
07. DELINEANDO UM ESPAÇO ATRAVÉS DO TEMPO:	
A FAVELA.....	73
08. DELINEANDO ALGUNS MATIZES.....	88
- A VIOLÊNCIA NO ESPAÇO-TEMPO DA FAVELA.....	89
- O RISCO NO ESPAÇO-TEMPO DA FAVELA.....	101
- O LÚDICO NO ESPAÇO-TEMPO DA FAVELA.....	105
- O SIMBÓLICO NO ESPAÇO-TEMPO DA FAVELA.....	111
09. A ESTÉTICA DO SER SAUDÁVEL.....	118
10. DE VOLTA AO COMEÇO.....	128
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	137

“On invente um mundo cada vez que l’on écrit. Il s’agit en effet, au plus proche de son etymologie, *invenire*, de faire venir à jour ce que existe déjà, ce que nos habitudes de penser nous empêchent de voir, et qui pourtant est largement vécu dans la vie courante. En ce sens un livre n’apprend rien que l’on ne sache, ou que l’on ne devrait savoir. Il suffit qu’il donne à penser, qu’il serve d’accompagnement à la réflexion, qu’il favorise la rumination face au monde mystérieux qui nous entoure...” Michel Maffesoli (La transfiguration du politique)

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve sobre ele. Isto é, em efeito, ao mais próximo de sua etimologia, “*invenire*”, de fazer vir ao dia o que já existe, aquilo que nossos costumes de pensar nos impede de ver e que, entretanto, é largamente vivido na vida corrente. Neste sentido um livro não ensina nada que não se saiba, ou que não se deveria saber. É suficiente que ele faça pensar, que ele sirva de acompanhamento à reflexão, que ele favorize a ruminação face ao mundo misterioso que nos envolve. (Tradução livre).

1. PRÓLOGO

*“O morro não tem vez...
E o que ele fez...
Já foi demais...
Mas olhem bem vocês...
Quando derem vez ao morro...
Toda cidade vai cantar...”*

Assim Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes, dois de nossos poetas mais cantados mundialmente, iniciam uma de suas dezenas de canções compostas juntas. Seu lugar, aqui, mostra o caminho que pretendo seguir ao longo deste trajeto, que ora começa. Nada mais complexo do que falar e querer saber sobre essa gente, que vive lá no “morro”. Alusão bem brasileira, diria carinhosa, quando se quer falar das favelas, pois foi no morro que a maioria delas se instalou no país.

Essa gente aí, que boa parte da sociedade sempre considerou como “doente”, pelas condições precárias nas quais habita. Afinal sempre se tem a pretensão de propor mudanças a essas condições, sem ao menos demandar se elas são mesmo necessárias e se são, se seriam as que se propõe. Poderia acrescentar que, parece preferível, escutar aquela outra música, *Barracão*, de Luís Antônio e Oldemar Magalhães: *“ai barracão pendurado no morro, e pedindo socorro à cidade a seus pés”*. E sempre atender a esse pedido de socorro, não da maneira de quem pede, mas da maneira que se pensa ser melhor para eles.

Tenho a pretensão, hoje, de propor um outro olhar, um pouco menos asséptico, a esse lugar — trocar os óculos — e por isso iniciei com uma música. Versos simples do Vinícius, sobre uma melodia fantástica composta pelo Tom, que mostram o lugar que o morro ocupa nas grandes cidades, *“e o que ele fez demais”*, talvez

seja existir e persistir. Pois apesar de toda a adversidade, se “*derem vez ao morro*”, o que ele vai fazer é espalhar alegria, já que “*toda cidade vai cantar*”, o que, no mínimo, podemos considerar como algo saudável. Isso, em se falando da favela, do morro, dentro de uma ótica tradicional, parece ser impossível. Como poder pensar na favela como um lugar saudável? Um lugar onde as pessoas podem ser saudáveis? Podem viver saudáveis?

Com base nestes questionamentos, venho propor, no presente estudo, discutir o que é ser saudável/ter saúde no cotidiano, a partir do que observei ao trabalhar com as famílias nas favelas, aliando ao que acumulei enquanto atuava em hospitais.

Meu interesse nesse tema, tão amplo, iniciou-se ao perceber que a tentativa das análises da visão macro-social de entender o ser saudável passou sempre pela pretensão de conceituar saúde. Isto é, buscar reduzi-la à sua essência para tentar explicá-la e, assim, propor e criar modelos de assistência para direcionar as condutas dos profissionais ligados à área, tentando de maneira idealizada tornar a assistência uniformizada, sob a égide do atendimento igualitário.

Não tenho, como objetivo primordial desse trabalho, a intenção de criticar os conceitos já desenvolvidos até o presente momento. Entretanto, ao querer propor olhar as famílias que habitam na favela como saudáveis, faz-se necessário revisitá-los, pois parece que a possibilidade delas serem saudáveis no presente, aqui e agora, segundo essas concepções, é a mais remota possível. Mas, falarei disso mais adiante.

Percebo, hoje, que não posso mais manter um olhar “asséptico”, de profissional sob a favela e considerá-la só como carência e seu ambiente como insalubre. Milhares de famílias moram lá, e é nesse lugar que quotidianamente vivem sua vida,

fazem suas coisas, amam e odeiam, riem e choram, dizem serem felizes e sofrem. Relativizam, assim, o dever-ser, apregoado pela racionalidade progressista, que de certa forma impõe uma *“atitude de espera”*, como diz F. Crespi,¹ com o ser-estar-junto. Esse autor diz que *“a espera é a atitude daquele que pensa que há uma solução final das contradições da existência...ela olha para o futuro no qual ela projeta a imagem de uma conciliação final (céu ou sociedade perfeita)”*.

Entretanto ao se viver no cotidiano, essas famílias vivem a *“socialidade”*, que se traduz neste *“ser-estar-junto com”*, fundada em uma *“solidariedade orgânica”*. Esta é feita de pequenas ações consideradas banais, sem finalidades, que se esgotam em si próprias. Elas são realizadas hoje e agora, porque o amanhã se torna repetidamente no momento presente, e a construção dessa vida considerada pela ciência tradicional como ultrapassável, se dá na fugacidade do instante. Pois, como diz M. Maffesoli, *“o instante vivido está acabado em sua própria atualização e é isso, em poucas palavras, que faz com que essa metáfora, a que chamamos de social — condensação de instantes efêmeros — não possa ser dirigida, não pode ser planificada.”*²

Pretendo, portanto, neste ensaio, falar de coisas que foram consideradas durante muito tempo como de interesse não científico. Discutir sobre o cotidiano, sobre como as pessoas vivem seu dia-a-dia, como elas falam disso, querer compreender o que concerne ao senso comum, o que não é considerado digno de interesse. Pois, a lógica cartesiana que dominou nosso século vê o cotidiano como coisa menor, algo a ser ultrapassado; considera o senso comum como algo que não pode se confundir com a ciência.

¹ CRESPI. *Os riscos do cotidiano*, p.39-45.

² MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.95.

que para ser realizada deve manter uma certa distância, buscar a essência das coisas, aparar arestas. O racionalismo científico não considera a emoção, o afeto, o sentimento, o imaginário, como foco de interesse, mas não se pode negar que impreterivelmente eles fazem parte do viver do homem, do seu dia-a-dia.

Entretanto, há uma outra maneira de apresentar esse cotidiano considerado como banal e ultrapassável. Falo, aqui, do que propõe a sociologia compreensiva, “*que descreve o vivido naquilo que é, contentando-se, assim, em discernir as visadas dos diferentes atores envolvidos*”.³ Compreensiva porque não tem a pretensão de explicar e sim de entender o mundo naquilo que ele tem de obscuro, sem que para tal precise retalhar o objeto; compreendê-lo a partir de sua forma, que pode lhe dar várias modulações e, não apenas de seu conteúdo, de sua essência, que o reduz.

Não é questão de começar, agora, a explorar somente o que conta para a sensibilidade, para o sentimento, para a emoção e deixar a razão, sempre explorada “cientificamente”, do lado de fora. É justamente unir esses dois pólos, integrá-los e não mais uma vez separá-los, mas sim propor uma racionalidade sensível, que propõe relativizar emoção e razão, as micro-attitudes quotidianas e as macro-ações da história, pois ambas compõe a existência da humanidade.

Por isso, comecei com uma canção e pretendo caminhar neste trabalho, entre a subjetividade da arte e a objetividade de um estudo acadêmico, que segue um rigor epistemológico, integrando o que está na ordem do sentimento com o que está na ordem da razão.

³MAFFESOLI. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*, p.25.

O morro não tem vez... O morro pede passagem, o morro quer se mostrar, abram alas pro morro... Tamborim vai falar, é um, é dois, é três, é cem, é mil a batucar, o morro não tem vez, mas se derem vez ao morro, toda cidade vai cantar.

Mas, por que falar do *morro*, de um lugar, se a proposta é o ser saudável? Porque o lugar onde se mora tem um significado e uma importância para quem o habita; é na relação com esse lugar, com as pessoas e coisas que fazem parte dele, que se constrói o ser saudável. Porque na *"espacialidade onde tudo junto adquire corpo é um lugar dinâmico, feito de ódios e amores, de conflitos e distensões, é uma "casa" objetiva e subjetiva onde uma socialidade é vivida diariamente, na palidez e no brilho, fundada, como toda situação mundana, no limite"*.⁴

Como qualquer profissional da saúde, habituei-me a ver o "morro" como um lugar fisicamente precário, sem saneamento básico, iluminação, coisas mínimas para uma existência "normal", *sã*. Entretanto aprendi que as pessoas vivem lá, têm uma história, é lá onde se dá sua existência, o seu vivido. Por isso, busco hoje uma outra compreensão deste lugar, enquanto um espaço onde milhares de pessoas habitam e que, de um certo ângulo, acredito são saudáveis, por que não?

Não é o motivo, também, de deixar tudo como está. Não é essa bandeira que pretendo carregar, mas é a tentativa de propor um outro olhar, e compreender esse fenômeno, ao invés de simplesmente explicá-lo, de modificá-lo. Observar o "*morro*", considerando a liberdade das pessoas e o que elas realmente querem e têm como necessidade, (e não aquilo, que os "outros" pensam ser necessário); pois escolher o que se quer e agir de

⁴MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.58.

acordo com a escolha, tanto a nível individual como coletivo, não é uma forma de ser saudável?

É isso que pretendo discutir no presente trabalho, que se trata de um ensaio teórico. Apresentando o que observei durante o tempo em que desenvolvi minhas atividades profissionais na favela, e discutindo minhas idéias sobre ser saudável, fundamentadas na sociologia compreensiva, sob o ponto de vista da vida quotidiana.

Misturando arte e ciência, o imaginário e o real, inicialmente, situo minha trajetória profissional, para mostrar quando esse ensaio começa a tomar forma, na tentativa de compreender como se dá o processo saúde-doença no quotidiano dos moradores da favela, o que vem a ser mesmo esse espaço, qual meu interesse em estudá-lo, enquanto uma forma que delimita a estética de ser saudável. Após apresentar a trajetória epistemológica e metodológica escolhida, mostro de maneira analógica a relação da saúde-doença e do ser saudável, além de uma discussão com os conceitos já desenvolvidos. Em um segundo momento, focalizo como a favela se desenvolveu no país, relacionando desta maneira a história com o quotidiano dos moradores e, posteriormente, apresento quatro formas⁵, com as quais ela se mostra. Para finalizar descrevo a atitude do morador da favela perante esse espaço-tempo em que ele se encontra, o que denominei como a estética do ser saudável, além da postura que o profissional da saúde poderia ter diante deste ser, que é o seu cliente.

Sabendo que, como o quotidiano não cessa de escrever histórias, *“toda a obra científica não possui outro sentido que o de suscitar novas indagações: ela clama por sua própria superação e*

⁵Forma na concepção dada por Simmel e que é apresentada no capítulo 3.

*se condena ao envelhecimento. Aquele que deseja servir à ciência deve resignar-se a esta sorte.*⁶

Assim, seguirei daqui em diante, não me esquecendo de que ao se dar *“vez ao morro toda cidade vai cantar”*, porque a felicidade, entre outras coisas, faz também o ser saudável.

⁶WEBER apud MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.33.

2. ESCREVENDO UM MONÓLOGO

Após o cansaço da busca
aprendi o encontro.

Após afrontar vento frontal
navego com todos os ventos.

(Nietzsche - A Gaia Ciência)

Por que falar de meu percurso em um trabalho acadêmico?
Será ele de interesse científico?

Lendo Morin⁷ encontrei uma das melhores respostas a esse questionamento: *“Por que falar de mim mesmo? Não é decente, normal, sério que, quando se trata de ciência, de conhecimento, de pensamento, o autor se esconda atrás de sua obra e desapareça em um discurso impessoal? Nós devemos ao contrário saber que é aí que triunfa a comédia. O sujeito que desaparece de seu discurso se instala de fato à Torre do Controle. Ao deixar lugar ao sol copernicano, ele reconstitui um sistema de Ptolomeu cujo seu espírito é o centro... Ora meu esforço de método pretende precisamente me arrancar desse auto-centrismo absoluto pelo qual o sujeito, desaparecendo nas pontas do pés, se identifica à Objetividade soberana. Não é a Ciência anônima que se exprime por minha boca. Eu não falo do alto de um trono de Segurança. Ao contrário, minha convicção segreda uma incerteza infinita. Eu sei que se crer dono ou possuído pela Verdade já se está intoxicado, mascara a si mesmo suas falhas e suas carências. No reino do intelecto, é o inconsciente que se crê toda consciência.”*

A maneira como pretendo discutir tal tema — ser saudável — e como eu o concebo atualmente vem de certa forma sendo construída ao longo de minha vida, por isso falo de mim. Não carrego nenhuma verdade absoluta para ser defendida. A

⁷MORIN. *La méthode: la nature de la nature*, p.24. (Tradução livre).

pretensão real é de colocar minhas idéias e discuti-las, pois elas são carregadas de “*incertezas infinitas*”, dignas de críticas, talvez dignas de serem apresentadas enquanto tese de doutoramento, por isso os convido a conhecer esse trajeto até agora percorrido.

Minha formação profissional, como enfermeira, foi calcada no modelo bio-médico, que fundamentava os currículos de enfermagem. Formação esta que visava principalmente os cuidados mais individualizados de doentes e doenças e que deixava de certa maneira a questão saúde, em um segundo plano. Evidentemente, apesar de uma preocupação cada vez mais crescente na época sobre prevenção, saúde pública, minha formação foi, no início, mais voltada para a atenção hospitalar.

A partir desta formação técnica, desenvolvi-me como enfermeira e depois como docente em Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Esta foi implementada no Brasil nos anos 70, na década do “milagre brasileiro”, quando também a tecnologia em saúde foi amplamente desenvolvida. Revendo hoje, considero que as UTIs me fascinaram na época; havia até um certo orgulho em saber “dominar” os equipamentos do setor, respiradores mecânicos, monitores cardíacos; ter competência, ações técnicas, rápidas e precisas para “não perder” um paciente em parada cárdio-respiratória; e aprender, dia após dia, “dominar” os sentimentos, caso a assistência emergencial não ocorresse de maneira satisfatória e o paciente viesse a falecer.

Entretanto, comecei a reconhecer e a questionar essa competência fundamentada no imediatismo. O fascínio começava a diminuir, dado a uma preocupação sempre presente, que ia além desde atendimento: o sentimento dos pacientes internados no setor. Se por um lado, a implantação de UTIs nos anos 70 causou um impacto no atendimento à clientela hospitalizada com risco de vida, pois acreditava-se que a chance de sobrevivência de um

paciente, admitido neste setor, aumentava significativamente; por outro lado, ao ser “arrancado” da presença de sua família, em um momento crucial de sua existência, o paciente sempre estava inseguro, com medo de morrer, solitário, em meio de profissionais “confiantes” e de equipamentos “mágicos e barulhentos”, que lhe eram totalmente estranhos.

Entretanto, nem mesmo essa competência técnica e nem os “maravilhosos” equipamentos diminuía a incidência de doenças cardiovasculares ou similares, ou de reinternações constantes dos mesmos pacientes no setor.

Ainda de maneira incipiente, sem muita clareza, começava a perceber na prática diária que, realmente, outros fatores contribuía para essas reinternações. Com uma formação voltada para o atendimento individual da doença, começava a considerar que a presença dela em algum membro da família, influenciava sobremaneira na rotina familiar e, vice-versa, a família influenciava diretamente no desenvolvimento da doença de um familiar. Não era nenhuma novidade, pois qualquer literatura específica da área de saúde (ou doença) nos diz que existem tanto fatores predisponentes, próprios do sujeito para que ocorram as doenças, e aqueles ditos intercorrentes, que se dá pela interação do homem com seu ambiente.

Começava a delinear, para mim, o que significava para o ser humano conviver com uma doença crônica, pois esta o coloca perante seu tempo limite e, apesar da objetividade do tratamento, as maneiras de enfrentá-lo é subjetiva. Uma certa frustração crescia batendo direto com esta competência técnica capaz de solucionar os problemas imediatos desses pacientes, mas que nem sempre parecia ser satisfatória, pois havia uma grande dose de impotência para resolvê-los. Essa competência, válida para salvar vidas, no atendimento aos pacientes em momentos de urgência,

nada conseguia fazer para que os mesmos aderissem ao tratamento para evitar sua provável reinternação. Não enxergava, ainda, que existem outros fatores ligados ao dia-a-dia das pessoas, mais importantes para elas, que ultrapassavam as minhas próprias preocupações.

Com essas preocupações ingressei, em 1990, no Curso de Mestrado em Assistência de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscando um maior conhecimento científico e algumas respostas. No meu ingresso possuía um plano de estudos que constituía em desenvolver um trabalho de comunicação terapêutica com pacientes e seus familiares. Pensava que assim podia minimizar as questões emocionais dos mesmos, como estresse, ansiedade, medo.

Como mestranda comecei a fazer parte do Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na área de saúde da Família (Gapefam), formado por docentes, enfermeiros, estudantes de graduação e pós-graduação de enfermagem e outras áreas afins, ligado ao Programa de Pós-graduação de Enfermagem. Os estudos realizados no mestrado e as atividades desenvolvidas no grupo provocaram mudanças em algumas concepções, resultando em um redirecionamento de meu propósito inicial.

Em primeiro lugar, percebi que para compreender o que ocorre entre uma pessoa, sua doença e sua família, deveria buscar conhecê-la em seu ambiente natural. O que significava ser saudável, ou mesmo estar doente, para ela em seu cotidiano. Eu deixava desta maneira a segurança que o ambiente hospitalar oferece para nós profissionais para, como diz Nitschke,⁸ *“mergulhar no mundo da família”*, onde elas mantêm o poder.

⁸NITSCHKE. *Nascer em família*, 1991.

Nesta época desenvolvi um trabalho de assistência às famílias de pessoas com doenças crônicas, em uma comunidade rural da Grande Florianópolis, orientado por Elsen, fundamentado no Interacionismo Simbólico de Mead, entre outros.

Nesse trabalho percebi que tanto para a pessoa doente como para sua família, doença é um incômodo, algo que não a deixa desenvolver suas atividades diárias, geralmente explicadas pelos sintomas físicos, como a dor de cabeça, a dor na coluna. Essa situação também foi caracterizada por Elsen,⁹ em um trabalho com famílias de uma comunidade de pescadores, também em Florianópolis. Estas famílias descrevem saúde como “estado de espírito”, “poder desempenhar atividades, seu trabalho”, ausência de problemas como “não ter dor, não estar de cama”, e o funcionamento adequado do corpo como “dormir, comer e andar bem”.

Elas falam de seus sintomas, isto é, daquilo que sentem, do que experienciam em seu cotidiano e não da doença, como por exemplo, hipertensão arterial ou pressão alta, cardiopatia ou um problema no coração, que parece mais complicado, mais distante, mesmo quando se sabe dela. Conheci algumas pessoas, nesta época, que viviam, sem nenhum tipo de queixa, com os níveis de pressão arterial acima do considerado como normal.¹⁰ Mas, se a dor na coluna estivesse forte, a ponto de impedi-las de trabalhar, ou mesmo se a relação com algum familiar não estava bem, isto os fazia sentir “doentes”.

⁹ ELSÉN. *Conceitos e práticas de saúde de famílias catarinenses vivendo em uma vila pesqueira*, 1988.

¹⁰ PENNA. *A enfermagem interagindo com famílias de pessoas com doença crônica*, 1991.

Em relação a isto, Canguilhem¹¹ diz que *"Há uma relatividade da saúde e da doença bastante confusa para que se ignore onde termina a saúde e começa a doença... Aquilo que é normal, apesar de normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outra situação... O indivíduo é que avalia essa transformação porque ele é que sofre suas conseqüências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe."*

Assim entre os estudos realizados e as atividades desenvolvidas junto às famílias, percebi que ao trabalhar com elas em seu próprio ambiente, precisava conhecer seu modo de vida, para compreender como ocorre e se insere neste a questão saúde-doença. A convivência com essas famílias fez com que eu compreendesse que, à parte de todos os grandes acontecimentos de ordem sócio-econômica-política que ocorrem no país, o viver delas é marcado por eventos ditos comuns, mas nem por isso menos importantes, como acontece com todas as famílias. É o nascimento de um filho, o casamento de outro. Ou mesmo uma doença grave, a morte de um cônjuge ou de um filho. Tudo interfere na dinâmica familiar e na existência de cada um, na construção de sua história, provocando mudanças. As reações de alegria e tristeza são comuns nesses casos, como sentir e enfrentar essas situações diárias é o vivido de cada um, faz parte de sua história. Há vários fatos que podem fazer com que eles sejam saudáveis.

Por que falar sobre ser saudável? De meu tempo como enfermeira de UTI até o trabalho nas comunidades, a doença deixou de ter para mim a especificidade que tinha inicialmente. Deixei de encará-la apenas como doença crônica — cardiopatias, diabetes, hipertensão — como é exigido no setor. Quando se

¹¹ CANGUILHEM. *O normal e o patológico*, p.145.

trabalha dentro de uma comunidade a doença toma um caráter mais abrangente, ela é mais um evento que pode ocorrer na vida de uma pessoa, que vai fazer parte de sua existência, como vários outros. Faz-se necessário, a princípio, entender o que as pessoas têm como primordial em seu cotidiano, para que se possa assisti-las melhor. Como conversar sobre as conseqüências de uma cardiopatia do pai, ou mesmo as verminoses de um filho, se a necessidade primordial da família é ter um teto? Com as famílias que geralmente trabalhei, o fator sobrevivência, o agir diário, está relacionado com as necessidades de moradia, comida, trabalho, conforme discuti em minha dissertação de mestrado, ao fazer a análise do referencial teórico desenvolvido pelo Gapefam em sua assistência às famílias de posseiros em Florianópolis.¹² Ou mesmo, em um outro trabalho mais recente, quando discuti a necessidade de moradia, não apenas como casa física, mas como um espaço onde ocorrem as interações humanas mais diversas e onde o homem concretiza seus sentimentos, participando de uma vida diariamente, vivendo com tudo que seu vivido tem de particular e imprevisível.¹³

Tem sido um longo e árduo mas prazeroso caminho percorrido, com numerosas descobertas e consolidações de algumas crenças, entre o início de minha vida profissional até esse momento em que, como doutoranda, desenvolvo o presente trabalho e exponho minhas idéias acerca do que considero, atualmente, Ser Saudável.

Comecei a me interessar pelo estudo do cotidiano ao constatar que é nele que as pessoas constroem seu vivido. Neste

¹² PENNA. *Repensando o pensar: análise crítica de um referencial teórico de enfermagem à família*, 1992.

¹³ PENNA. *Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia*, 1993.

período, já no doutorado, aprofundei-me teoricamente sobre o tema, ao começar a participar do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Quotidiano e Saúde - Nupeqs, sob a orientação de Rezende. Esses estudos foram fundamentados, principalmente, nas leituras de Maffesoli.

Aos poucos o espaço, como objetivo de estudo, foi tomando forma. Seria possível as pessoas viverem em favelas e serem saudáveis? Se for considerar o espaço, somente como um lugar físico onde as pessoas habitam, poderia dizer que é impossível pensar em seres saudáveis nas favelas. Minha primeira intenção seria buscar uma mudança prática nesta situação, como, por exemplo, o saneamento básico. Mudanças que muitas vezes não estão na ordem de prioridade para os verdadeiros atores que atuam neste cenário — a favela.

As pessoas que habitam ali são geralmente migrantes que vieram para “a cidade grande” em busca do sonho de “melhorar de vida”, apregoadado pela ilusão do mundo progressista, desse mundo “prometeico”.¹⁴ Trazem consigo um sonho: “vencer na vida na cidade grande”. Sonho esse na maioria das vezes desfeito mais rapidamente do que podiam imaginar, por uma realidade muito dura; de ter que comer, dormir, trabalhar, sem ter os meios para que tal aconteça. E, assim, aprendem a viver o presente com o que este lhes impõe. Essas famílias, que dividem, muitas vezes, um mesmo pedaço de terra, aprendem a enfrentar de certa maneira uma vida juntos. Compartilham as pequenas coisas do dia-a-dia, seja lá de que maneira esse presente possa lhes aparecer. A favela é a casa deles. O lugar onde eles moram. Trocam idéias, buscam

¹⁴Michel Maffesoli fala do Mito de Prometeu para caracterizar as sociedades modernas, fundamentadas no progresso do homem através somente do trabalho tarefeiro. Podemos ler sobre o mito em REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*, p.14.

soluções juntos para os problemas diários. O retorno para o local de origem, muitas vezes, é impossível. Muitos trouxeram toda a família e construíram na capital sua nova casa. Outros dizem viver melhor agora do que no lugar de onde vieram. Para alguns este retorno pode significar um fracasso, pois não conseguiram vencer. Eles permanecem ali, porque formaram laços de amizade, interagem plenamente neste lugar, seja lá como ele se apresenta e penso que esses pequenos atos diários, essa interação fazem o ser saudável. Pois eles vivem ali o que Maffesoli¹⁵ chama de "proxemia". *"O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilho com outros."*

Comecei a perceber que nesse espaço, onde ocorre a proxemia, o estar junto, as pessoas poderiam ser saudáveis, mesmo neste presente, nesta vida considerada sem qualidade, que se pensa que eles vivem. Pretendia sair um pouco das concepções apreendidas de saúde e tentar compreender esse ser saudável, na vida cotidiana, na maneira como constroem sua existência, no presente. Compreendendo que ser saudável não designa aqui a apatia conformista, como poderia fazer crer, mas sim uma saudável e instável sabedoria e habilidade de enfrentamento, onde sempre está presente o desejo. Pois, como afirma Maffesoli,¹⁶ *"a existência corrente, a vida sem qualidade, através de seus momentos os mais insignificantes, de suas situações sem grande importância, advém uma perpétua criação, mesmo e sobretudo se ela não se projeta em um ideal longínquo, mas se vive no presente em um lugar que eu divido com os outros"*.

¹⁵ MAFFESOLI. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, p.169. (Grifos meus).

¹⁶ MAFFESOLI. *La contemplation du monde: figures du style communautaire*, p.46. (Tradução livre).

Se ainda pensava em elaborar um conceito de ser saudável, é porque aprendi, durante minha formação como enfermeira, que havia sempre uma necessidade de conceituar saúde, para construir a partir dele modelos de assistência e garantir um atendimento igualitário. Pensamento que foi se esvaindo à medida que a interação com essas pessoas aumentava e o estudo sobre o cotidiano se aprofundava.

A partir do exposto até aqui, comecei delinear o que é ser saudável no cotidiano das pessoas, no lugar em que elas habitam, onde mantém suas interações. Sua importância se dá no momento em que, enquanto profissional, estou procurando compreender como se dá o fenômeno saúde-doença na vida humana, para rever crenças e valores, que carrego durante o meu vivido. E porque, apesar do muito que já se escreveu sobre saúde, ainda existem algumas arestas para serem compreendidas. Junte-se a isso, no momento em que a Fundação Oswaldo Cruz propõe como tema central de seu último Congresso — Saúde e Cidade, ocorrido em novembro de 1994, a questão do espaço, principalmente urbano, começa a se fazer presente nas discussões de saúde do país. Além disso, há a mídia, falada e escrita, apresentando, constantemente, a crise em que se encontra o setor saúde e falando de sua falência. Se, dia após dia, mais crianças estão nas ruas, a criminalidade torna-se fato corriqueiro, a assistência à saúde cada vez precária, pode-se ainda pensar em saúde neste país?

Weber falava de um certo desencantamento do mundo, da sociedade em geral, no final do século passado, que pode estar se repetindo, atualmente. Maffesoli fala, hoje, de um certo reencantamento do mundo, encontrado no que é micro, nas pequenas coisas, no prazer de se estar junto, que é vivido e compartilhado pelo homem e seus pares. Talvez, ao apresentar

este presente ensaio, eu tenha a pretensão de querer reencantar, um pouco, esse desencantado mundo das práticas de saúde.

Assim, com esses pensamentos e algumas dúvidas, sigo pela trilha proposta para esse trabalho.

3. O CAMINHO EPISTEMOLÓGICO

**Se a gente melhorasse
Se a gente cultivasse
O dom de olhar pra dentro
De repensar, de refletir
De escolher o caminho e
seguir
Atrás do silêncio,
Atrás da beleza
Atrás da ciência
Que nos dão a certeza
Do encantamento...
(Ivan Lins e Victor Martins -
Bom Vai Ser)**

Na busca de idéias que fundamentem esse trabalho, elegi alguns autores que vêm me respaldar nesse caminho a ser percorrido. Tentando entender esse viver em favelas, aliado a algumas discussões em salas de aulas, nas diversas disciplinas cursadas durante o curso de doutorado, a questão estética começou a se fazer presente — a estética enquanto *forma* de expressão do ser humano em suas possibilidades de ser saudável. Para tanto, comecei a observar e entender a favela sob o olhar da *sociologia compreensiva*. O meu encontro com Maffesoli, no estudo do cotidiano, levou-me a Simmel e a Weber e suas obras formam a base do pensamento desenvolvido no presente trabalho, aliados à Morin e as questões da analogia como uma forma de se entender o cotidiano.

Em primeiro lugar apresento Simmel, sociólogo alemão, que com sua *sociologia da forma*, apresentada como a expressão da vida social, descreveu as micro-attitudes que compõem o cotidiano das pessoas, em fins do século passado e início desse, quando outros pensadores falavam em dimensões históricas, econômico-

políticas e religiosas, isto é. das macro-estruturas. Como apresenta Freund,¹⁷ *“Simmel não se interessava somente aos fatos massivos ou à sociedade em geral, mas também aos detalhes da vida de todos os dias, aquilo que chamamos hoje sociologia da vida quotidiana, por exemplo a comida, a coqueteria, a moda, o amor, a vida urbana, a morte etc.”*

Entretanto, Simmel foi um desses autores chamados de “malditos”, sendo mesmo incompreendido pelo meio científico, o que se pode inclusive confirmar conhecendo um pouco mais sobre sua história. Tendo sido vítima do anti-semitismo alemão da primeira grande guerra, foi impedido de assumir uma cadeira de filosofia na Universidade de Berlim, expoente máximo da intelectualidade alemã da época. Foi indicado, então, para a Universidade de Strasbourg, em 1914, período em que a Alsácia, região francesa, se encontrava sob o domínio alemão, onde permaneceu até sua morte em 1918. Essa universidade, com um número reduzido de alunos, não constituía um meio acadêmico importante como o de Berlim, ficando suas idéias restritas a um pequeno número de pessoas.

De acordo com Vieillard-Baron,¹⁸ restará sempre a explicar porque Simmel caiu no esquecimento, em se tratando da história do pensamento, até sua redescoberta pela Escola de Chicago em 1950. O autor precisou atravessar o Oceano Atlântico, postumamente, para começar a despertar o interesse na própria Alemanha, para se destacar mundialmente e ocupar o lugar que merece entre a intelectualidade.

Maffesoli, entretanto, sociólogo francês contemporâneo, vem resgatando as idéias de Simmel, entre outros autores, dando-lhe

¹⁷ FREUND. Introduction, p.13. (Tradução livre).

¹⁸ VIEILLARD-BARON. Introduction, 1989.

destaque. Esse autor vem, na atualidade, fazendo seus estudos sobre a vida cotidiana e o que a ela faz relação, ou seja, o que foi considerado, durante muito tempo, como de interesse não-científico. Há para o autor uma impregnação na vida cotidiana, que sempre foge aos olhos da ciência, é inexplicável, transgride o estabelecido, a norma, mas traduz a inexorável vontade de viver do homem. São atitudes múltiplas, do dia-a-dia, efêmeras que se esgotam em si próprias, no momento em que ocorrem, mas que formam a teia do viver humano. Assim, pela pluralidade desse viver, Maffesoli é adepto a uma atitude relativista intelectual de ver o mundo, não que se prenda à superficialidade, mas acreditando que há uma inter-relação das inúmeras verdades, tanto as científicas como as consideradas de senso comum. Como ele próprio descreve, *“de uma maneira matizada e, no sentido simples do termo, relativista, o sociólogo pode compreender a complementaridade, talvez seria necessário dizer, a sinergia dos vários elementos do dado social”*.¹⁹

Faz parte dos estudos do autor o lúdico, a astúcia, as máscaras, a teatralidade, o trágico, a violência, entre outras dimensões, que ocorrem num espaço físico que circunscreve o espaço de relações, quando se vive o que ele define de socialidade, que se traduz no “estar junto” fundada no presenteísmo, compondo o paradigma estético proposto pelo autor. Maffesoli²⁰ compreende a estética como *“uma finalidade sem fim. Pode-se entendê-la como esse desejo de se experimentar, em comum, emoções, sentimentos que se esgotam em si mesmos, que não procuram um além do que se dá a ver e viver”*.

¹⁹ MAFFESOLI. *Le paradigme esthétique*, p.107. (Tradução livre).

²⁰ MAFFESOLI. *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*, p.68. (Tradução livre).

Como diz Teixeira,²¹ “Maffesoli propõe uma compreensão poético-científica da realidade, que utilize, ao mesmo tempo, a lucidez crítica e o sonho ou a poesia... Aliás para ele a sociologia estaria muito mais próxima do senso comum do que da ciência, o que não significa, evidentemente, desprezo pelas teorias sociológicas.”

Quanto aos escritos de Simmel, o que me interessa em particular para o presente estudo, em sua vasta obra, é sua *Sociologia da Forma*, traduzida erroneamente como Sociologia Formal. O autor utilizava a noção de *formal*, que no alemão designa as questões relacionadas às formas, portanto, maleáveis, diversificadas; e não *formell*, que é o que realmente concerne aos aspectos formais, duros, como a lógica formal.²²

Na tentativa de compreender a diferença entre *forma* (*formal*) e *formal* (*formell*), pode-se dizer que a primeira é um modo variável que dá uma configuração particular a uma idéia, acontecimento ou ação, como a expressão que o artista adota na criação ou composição de uma obra, numa relação estética entre os dois. É um ser ou objeto cuja natureza e aspecto não se podem precisar, numa relação simbólica, imaginária. Por sua vez, a segunda nos dá a idéia de convencional, do realizado segundo fórmulas ou formalidades, como aquilo que é colocado dentro de uma fôrma.²³

²¹ TEIXEIRA. *Antropologia, cotidiano e educação*, p.41.

²² Podemos encontrar discussões sobre este aspecto do termo formal em SIMMEL. *Sociologie et épistémologie*, p.163-170. Em FREUND. Introduction, p.49. Com MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.26-27. Em REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*, p.110. E em TEIXEIRA. *Antropologia, cotidiano e educação*, p.104-106.

²³ Segundo Minidicionário AURÉLIO, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

As idéias do autor, entretanto, estão longe dessa última concepção. Pois a forma de Simmel *“constitui um processo que forma, informa, deforma, reforma e transforma, sem parar, aquilo que ela representa; de uma parte no espaço, deslocando os limites do conteúdo, seja por alargamento, seja por restrição; de outra parte no tempo, no sentido que na sua duração ele adota tanto contornos precisos, como limites flutuantes à vontade das tensões e dos relaxamentos que fazem uso nas relações particulares”*.²⁴

Por isso mesmo, Maffesoli²⁵ propõe o termo *formismo*, para designar a *Sociologia das Formas*, de Simmel, que ele entende como *“um procedimento rigoroso de descrição congruente com a aparência heteróclita”, mosaica, da vida social e que, ao mesmo tempo logre mostrar sua pertinência epistemológica”*.

Assim é que a forma de Simmel se insere em meu trabalho. O dizer sobre a vida social para esse autor se apresenta nas diversas formas em que o homem age em relação aos outros em sua vida cotidiana, pois tudo no mundo se apresenta sob uma forma. Esta pode ser concreta, como todos os objetos que são construídos, que se pode tocar, que se apreende com os sentidos, em uma expressão estética da existência; ou pode se apresentar como uma construção simbólica, imaginária — cuja natureza e aspecto não se pode precisar. Ela traz a primeira informação do que se quer conhecer, mostra os contornos do objeto, delimita e, por isso mesmo, identifica e individualiza, pois cada um tem sua forma em relação ao outro. Mas se por um lado, ela é fator individualizador, por outro é também integralizador, pois *“cada*

²⁴ FREUND. Préface, p.10. (Tradução livre).

²⁵ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.181.

' singular, extravagante

individualidade, em sua solidão e sua particularidade... se comporta como um todo e ao mesmo tempo é parte de um todo".²⁶

Assim, o homem, como ser social, estabelece-se em uma sociedade, que é, para o autor, "o conjunto das ações recíprocas dos indivíduos que a compõem".²⁷ Portanto, se existem inúmeras formas do homem interagir, as ações recíprocas fazem parte da ordem dos conteúdos, distintos um do outro. Considerando que o homem estabelece relações na sociedade com algum fim determinado, fruto de um tendência particular, seja ela qual for, familiar, política, religiosa, econômica, entre outras; as ações recíprocas são, então, aquelas esperadas em sociedade, das mais banais até as mais complexas, que são da ordem da socialização dos homens. Se alguém pisa em meu pé, é de se esperar que ele me peça desculpas. Ou, em época de eleição, qualquer político que pleiteie uma vaga na assembléia, tem que fazer campanha. Um culto religioso tem uma ordem, uma seqüência, que é esperada por todos aqueles que o seguem. Pois, o homem se engaja com outros em uma co-existência, agindo, às vezes, por, com ou contra os outros... E essas ações recíprocas significam que os suportes individuais das tendências e das finalidades constituem uma unidade, uma "sociedade".²⁸

Mas, nem tudo é tão determinado assim no jogo das relações humanas. Se uma ordem é estabelecida para a socialização dos homens, se ele preenche as formas com os conteúdos certos, é porque se faz necessário que ele se integre à sociedade. Jogo? Diria Maffesoli que "ao lado de ações lógicas, existem múltiplas atitudes que são 'não-lógicas'".²⁹ Aquelas atitudes que ocorrem na

²⁶ FREUND. Introduction, p.38. (Tradução livre).

²⁷ SIMMEL. *Sociologie et épistémologie*, p.121.

²⁸ Idem. (Tradução livre). (Grifo nosso).

²⁹ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.121.

“centralidade subterrânea³⁰ da existência — a relação ambivalente de cada indivíduo com o que se lhe propõe, não havendo, de maneira maniqueísta, uma recusa absoluta ou uma adesão arrebatada mas, fundamentalmente, uma atitude subversiva que nos parece expressão da saúde”.³¹

Assim para ambos os autores, ao lado da socialização da sociedade, existe a socialidade, que acontece quando a forma é o fim em si própria, o lado lúdico das relações, quando o que interessa é o estar junto com. Para Simmel,³² *“existe um número infinito de formas de relações — que podem ser de medíocre importância, e às vezes mesmo fúteis — e de tipos de ações recíprocas entre os homens, considerando os casos particulares, mas que contribuem contudo para constituir a sociedade tal como a conhecemos, mesmo que estas relações escapem das formas sociais mais vastas e por assim dizer oficiais”*.

Vive-se assim em harmonia, que não é isenta de conflitos, pois esta socialidade é, antes de tudo, a convivência e a coexistência da alteridade, daquilo que é diferente. Como diz Maffesoli,³³ *“é preciso efetivamente lembrar que toda socialidade é conflitiva, que toda harmonia é fundada na diferença e que, mesmo na troca mais estereotipada como a relação amorosa, seu contrário está em jogo”*. Vive-se, assim, a dialética da existência!

Para finalizar as idéias de Simmel, sem contudo esgotá-las, trago a analogia que o autor utiliza neste vai e vem incessante das

³⁰ A centralidade subterrânea constitui a socialidade e contrapõe o que é da ordem, da norma encontradas no centro do social. São todas as situações anódinas, que apesar de negadas, continuam ocorrendo, sem que nada se possa fazer.

³¹ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.120.

³² SIMMEL. *Sociologie et épistémologie*, p.89. (Tradução livre).

³³ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.39.

relações humanas, nesse vai e vem indivíduo-coletivo, o que se traduz na descontinuidade e continuidade das interações. Ele usa aqui a metáfora da Ponte (BRUCKE) e da Porta (TUR)— a ponte como elemento de associação, e a porta de desassociação — sem serem antagonistas uma da outra, mas sim complementares. *“Ao se fechar, a porta isola o que a ponte, em um espaço-tempo dado, reuniu. Mas, se abrindo, a porta reúne todos os espaços-tempos possíveis... Desunir e reunir coexistem, sucessiva e dialeticamente. Elas alimentam a essência paradoxal do social, que quer que associação e dissociação estejam sempre ligadas.”*³⁴

Ponte e porta são complementares, porque a primeira liga o que é familiar e conhecido àquilo que se quer conhecer. Quando se está sobre a ponte, o homem tem a oportunidade de construir o seu conhecimento, de uma forma que lhe própria. A ponte se manifesta na vida quotidiana. O homem olha, observa, de longe ou de perto, delimita por onde quer ir e mesmo se quer voltar. A porta, mesmo limitante, liga o finito ao infinito. Não se sabe de antemão o que está do outro lado. Diante dela o homem pode se colocar em permanência, sem abri-la, mas pode fazê-lo e se unir de novo à uma infinidade de espaços. A porta se manifesta na história, em uma construção coletiva da existência. *“Pois a vida quotidiana não é somente unificação: ela é unificação e separação... Quanto à história, ela se unifica no projeto de liberdade; esse nasce na vida quotidiana e fixa o futuro, no qual se insere a história, lugar de reencontro dos destinos individuais e do destino coletivo.”*³⁵

Aproveitando essa analogia feita por Simmel, passarei a falar sobre ela, que é outro fundamento relevante nesse trabalho,

³⁴ JAVEAU. George Simmel et la vie quotidienne: Tur et brucke et socialité, p.178.

³⁵ Ibidem. p.182.

considerando, inclusive, que caminhar junto ao formismo já é um procedimento analógico.

A analogia é uma forma de dizer o social, que busca pontos de semelhança entre fenômenos que são diferentes, que ocorreram em tempos distantes. É, de certa maneira, tentar compreender o presente através de sua correspondência com experiências ou situações que já ocorreram em um tempo passado. Pois, não se pode negar que o viver humano está carregado de uma interpretação simbólica, que vem sendo construído ao longo de sua existência. A analogia permite, portanto, mostrar o dizer do povo. Um dizer que é rico em metáforas, em histórias contadas e recontadas por todo o tempo, de geração em geração, com vários mitos e crenças sobre várias coisas, inclusive no âmbito da saúde-doença. Pois, segundo Morin, *“os mitos contam a origem do mundo, a origem do homem, seu status e seu destino na natureza, suas relações com os deuses e os espíritos. Mas os mitos não falam somente da cosmogênese, nem somente da passagem da natureza à cultura, mas também tudo que concerne a identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e tudo que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Eles transformam a história de uma comunidade, cidade, povo...”*³⁶

Assim, existem várias maneiras de falar sobre o ser saudável e seu espaço de viver, através da mitologia. Pois o mito se apresenta de várias formas e se mostra de maneira sutil, não podendo mais ser desprezado ao se buscar compreender a existência humana. Como diz Rezende,³⁷ *“o mito não pode ser desprezível na compreensão do societal, porque ele não o explica,*

³⁶ MORIN. *La méthode. La connaissance de la connaissance*, p.159.

³⁷ REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*, p.72.

não o separa. Ao contrário, ele fornece uma visão de conjunto mas não homogeneizada."

Mas, a analogia não se resume à comparação mitológica, ela também mantém uma relação com o estilo do cotidiano ao utilizar a poesia, a literatura, a música. Isto é, de acordo com Morin,³⁸ *"o jogo de analogias livres, espontâneas, tendo valor sugestivo, evocativo, afetivo, como as metáforas poéticas, literária e aquelas da linguagem cotidiana"*. Pois, como afirma Maffesoli,³⁹ *"é preciso apreciar o real em função das obras do irreal"*.

Ambos os autores estão de acordo que a utilização da analogia como instrumento de dizer o cotidiano se completa com aquele nosso lado racional e científico. Morin⁴⁰ diz que *"a analogia erra, vagabundeia, viaja, atravessa sem fronteiras, espaço e tempo. Ela comporta, potencialmente, erro, delírio, loucura, raciocínio, invenção, poesia. É necessário que ela seja aplicada à prática, ser testada, verificada, refletida e deve entrar em diálogo com os procedimentos analíticos/lógicos/empíricos do pensamento racional."* Maffesoli,⁴¹ por sua vez, afirma que, *"ao permitir uma atitude compreensiva, a analogia abre caminho à integração da reflexão intelectual na organicidade societal. No que aqui nos concerne, digamos que o sociólogo não mais fará as vezes do mestre-escola, um árbitro do bem e do mal; ele deverá contentar-se em ser aquele que chama a atenção para a polifonia da vida social."*

³⁸ MORIN. *La méthode. La connaissance de la connaissance*, p.139. (Tradução livre).

³⁹ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.138.

⁴⁰ MORIN. *La méthode. La connaissance de la connaissance*, p.141.

⁴¹ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.153.

De acordo com Maffesoli,⁴² a analogia foi um desses instrumentos deixados de lado naqueles estudos que utilizam metodologias analíticas e lógicas, que promulgam e estabelecem leis, sem ser, entretanto, o único instrumento capaz de compreender a vida social. Ela se apresenta com a intenção de integrar em tais leituras do dado social, que geralmente são rígidas, este lado do vivido social que é instável e variável. Propõe compreender o presente comparando-o com momentos de um tempo passado. É o que o autor chama de *“vida cíclica”*, que vai nos remeter a um *“tempo da paixão que predomina sobre todas as construções racionalizantes... reconhecer-se que é perfeitamente legítimo querer reformar ou revolucionar este estado de coisas, pois o ritmo cíclico, através de seus diversos rituais, nos leva a uma epistemologia renovada, que está apenas começando a constituir-se”*.

Aceitar essa instabilidade e a diversidade do vivido requer uma *“atitude compreensiva”*, que nos leva ao encontro de Weber, que vem completar, junto à sociologia da forma e à analogia, o quadro epistemológico deste estudo.

Weber foi, segundo Maffesoli,⁴³ um dos maiores protagonistas da sociologia compreensiva. Contemporâneo de Simmel, de quem foi amigo, compartilhando inclusive das idéias, teve mais *“sorte”*, pois ocupou uma cadeira na Universidade de Munique, expoente intelectual da época. Jurista de formação sempre se interessou pelas questões filosóficas e metodológicas. Segundo conta Freund,⁴⁴ *“em fins do século XIX a universidade alemã estava dominada pelos conflitos metodológicos”*, que constituíam-se na resolução de uma questão: *“havia diferença*

⁴² MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.181.

⁴³ *idem*.

⁴⁴ FREUND. *Introduction*, 1992.

entre as ciências da natureza e as ciências humanas e qual seria ela?”

Dentro deste espírito, então, em uma vasta obra Weber aponta os aspectos de sua sociologia compreensiva, que consiste na busca de compreender o vivido de acordo com a experiência de quem o viveu, em um determinado tempo-espço. Há em toda atividade humana uma carga emocional e afetiva, repleta de uma simbologia que constrói assim as experiências do homem. Estas experiências, para Weber,⁴⁵ não podem ser interpretadas somente pelos meios racionais, que em muitos casos conseguem explicar os fenômenos, mas que não consideram aqueles que são subjetivos.

A sociologia compreensiva vem, então, tentar preencher essa lacuna. Considero aqui o homem agindo em seu cotidiano, naquele espaço que lhe é conhecido, interagindo com seu meio, onde ele é autor e ator, contracenando com outros autores e atores. E é a partir de sua própria concepção que devemos interpretar a sua experiência. Como para Simmel, a interação e a atividade humana também têm lugar de destaque na obra de Weber,⁴⁶ entendendo por *“atividade um comportamento compreensivo relativo ao comportamento do outro, que se acha condicionado no curso de seu desenvolvimento por esta relação significativa e subjetiva”*.

Além disso, a sociologia compreensiva busca entender o dado social relativizando-o, pois este, fundamentado no aqui e agora, possui diversas interpretações. Por isso mesmo, Maffesoli⁴⁷ fala de uma *“atitude compreensiva”* que o intelectual deve ter, permitindo que tanto seus conhecimentos científicos como os empíricos sejam utilizados para compreender e descrever

⁴⁵ WEBER. *Essais sur la théorie de la science*, 1992.

⁴⁶ Ibidem. p.304.

⁴⁷ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.131.

“fenomenologicamente esta existência quotidiana naquilo que tem de fulgurante, explosivo, fragmentado e multi-sensual”.

Assim, pretendo mostrar nesse trabalho, que vem sob a forma de um ensaio teórico, minhas construções teóricas, as formas que observei e delineei sobre ser saudável, aquele que encontrei em meus trabalhos com famílias em uma comunidade carente. A questão do espaço entra como pano de fundo, pela impossibilidade que se tem de, enquanto profissionais de saúde, acreditar que mesmo morando na favela é possível ser saudável. A questão do tempo — aqui o cotidiano — junto ao espaço também se faz presente, porque é no aqui e agora que essas famílias vivem. São, portanto, minhas observações sobre o fenômeno, elaborações construídas ao longo de meus trabalhos e leituras, que coloco em discussão, me questionando sempre: Será possível ser saudável no cotidiano das favelas?

Colocada, então, a fundamentação teórica deste trabalho, apresento a seguir em que bases metodológicas foi desenvolvido.

4. POR UMA METODOLOGIA RELATIVISTA

“Ora, o que se reprova ao ensaio, e à sua pesquisa estilística, é o esforço no sentido de partilhar, com o maior número possível de pessoas tesouros do conhecimento que se crê constituem propriedade característica dos clérigos.” (Michel Maffesoli - O conhecimento comum).

A escolha de redigir um ensaio teórico, enquanto uma tese de doutorado, não é uma opção das mais fáceis a se fazer. Sobre ele pairam mais críticas, do que pontos positivos, que animem o autor a se enveredar por este caminho. É um desafio! Entretanto, optei por correr esse risco, pois, como diz Eco,⁴⁸ *“elaborar uma tese é como exercitar a memória... e é melhor aprender coisas que nos interessam”*.

O ensaio pode correr o constante risco de ser acusado de pura especulação, como se o autor estivesse no *“mundo da lua, como se a realidade fosse um jogo de idéias”*.⁴⁹ Tenho, entretanto, a consciência de não ter feito isto pois, fundamentei-me em minhas próprias observações e experiências, já referidas anteriormente e nas idéias dos autores que elegi. Assim considero que tenho o respaldo de que necessito para não me perder em uma via meramente circunstancial. Além do mais, uma autocrítica e uma

⁴⁸ ECO. *Como se faz uma tese*, p.5.

⁴⁹ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985. p.23

auto-análise estiveram sempre presentes, na tentativa de expor idéias coerentes neste ensaio.

Morin⁵⁰ diz que na sociologia ensaísta, diferentemente da científica, *“o autor do ensaio está muito presente; ele diz eu, ele não se esconde, ele reflete, ele exprime aqui e ali algumas considerações morais...”* Junte-se a suas palavras o que Maffesoli⁵¹ diz: *“O pensador, aquele que diz o mundo, não se deve abstrair; é que ele faz parte daquilo que descreve e, situado no plano interno, é capaz de manifestar uma certa visão de dentro, uma ‘intuição’.”*

Portanto, esse trabalho começou a partir de minha intuição.⁵² Desde a minha dissertação de mestrado, os trabalhos desenvolvidos nas comunidades, com as quais trabalhava, a questão de “ser saudável” começou a se delinear. Observando as pessoas que encontrei e conheci em seu barraco, sua “casa”, na favela, as ações desenvolvidas no dia-a-dia, misturando-se com outras situações já vivenciadas, enquanto profissional, levaram-me a buscar compreender o que é tentar e conseguir ser saudável, mesmo habitando em um lugar como aquele. O espaço, que sempre vem acompanhado pelo tempo, foi-se fazendo presente. A princípio era, apenas, o espaço-físico, que foi se transformando em espaço-interacional, espaço-saudável, espaço-vida, presentes no cotidiano de cada uma das famílias.

Se a princípio as observações foram aleatórias, elas se tornaram, com o tempo, sistematizadas, sendo a base do presente trabalho, transformadas em considerações teóricas sobre o tema.

⁵⁰ MORIN, Edgar. Sociologie. 2ed. Paris: Fayard. 1994. p.18. Tradução livre.

⁵¹ MAFFESOLI, Michel. O conhecimento comum. op.cit. p.25

⁵² Segundo dicionário Aurélio: é contemplação pela qual se atinge em toda a sua plenitude uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico.

Entretanto descrever idéias próprias como tese de doutorado, se não é mera especulação, pode se tornar extremamente subjetiva. Aí está outra crítica que a academia faz ao ensaio — a alta dose de subjetividade que ele pode ter. Pois o autor tem a liberdade de dizer com um estilo próprio, mostrar suas próprias idéias, ir pelo caminho que ele escolheu, de uma maneira talvez sutil, talvez abrupta, simplesmente delinear contornos, tocar de leve, sem querer se explicar. Aí, dizem, a subjetividade não tem seu lugar junto à “ciência” e pode prescindir do rigor metodológico exigido por esta.

Entretanto este se faz presente neste trabalho, aliado a uma argumentação lógica e reflexiva que busquei fazer ao expor minhas idéias e analisá-las à luz da literatura selecionada. A minha subjetividade pode se tornar científica, a partir do momento em que estabeleci uma discussão com bibliografias existentes, tentando não apresentar somente uma síntese das mesmas, mas com a intenção de manter um diálogo com a literatura, mostrando posições teóricas próprias, sabendo que, com isso, estarei enfrentando polêmicas, pois nada me assegura uma aceitação unânime.⁵³ Junte-se a essas afirmações o que Severino⁵⁴ diz sobre o ensaio teórico, que consiste *“numa exposição lógica e reflexiva e numa argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal”*.

Para tanto, desde a escolha do tema, vim selecionando textos científicos, literários e jornalísticos, que apresentam coerência com o assunto. Não se tratou de uma escolha arbitrária, tentando ressaltar apenas alguns pontos de interesse, mas, como afirma Asti Vera,⁵⁵ *“a reflexão crítica sobre o material bibliográfico*

⁵³ Baseado em A. J. Severino, P. Demo, M. Maffesoli e E. Morin.

⁵⁴ SEVERINO. *Metodologia do trabalho científico*, p.121.

⁵⁵ ASTI VERA. *Metodologia da pesquisa científica*, p.126.

inicia-se a partir da seleção, que já implica uma atitude crítica face aos textos”.

Ao escolher o ensaio teórico para falar sobre o ser saudável, no espaço-tempo em que ele vive, na vida quotidiana; expus idéias próprias, falei sobre o que vinha intuindo, percebendo, compreendendo, construindo ao longo de meu conhecimento, ousei um pouco, e busquei uma forma de dizê-lo, coerente com o tema escolhido e comigo mesma. Pois *“há um estilo do quotidiano feito de gestos, de palavras, de teatralidade, de obras em caracteres maiúsculos e minúsculos, do qual é preciso que se dê conta — ainda que, para tanto, seja necessário contentar-se em tocar de leve, em afagar contornos, em adotar um procedimento estocástico e desvolto”*.⁵⁶

O procedimento de escolha foi a analogia realizada com a mitologia, que aliada às discussões teóricas, permitiu misturar arte e ciência, poesia e razão, pois, como afirma Viguier,⁵⁷ *“em uma época onde o fantástico e o real estão ainda imbricados, a mitologia tenta à sua maneira responder à origem do homem e aos enigmas do universo”*, e ao utilizar poesias ou canções que falem desse viver saudável, endosso o pensamento de Asti Vera:⁵⁸ *“Há idéias filosóficas em obras de ficção e inclusive em alguns poemas.”*

Estabeleci, portanto, uma tese: é possível ser saudável no quotidiano da favela. Partindo dela, fiz uma discussão sobre saúde-doença e ser saudável, inicialmente, apresentando uma analogia com dois deuses gregos, para posteriormente fazer uma discussão

⁵⁶ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.36.

⁵⁷ VIGUIER. *Mémento de la mythologie grecque et romaine*, p.7. (Tradução livre).

⁵⁸ ASTI VERA. *Metodologia da pesquisa científica*, p.129.

destas dimensões sob a ótica dos conceitos e modelos de saúde desenvolvidos ao longo dos tempos.

Essa escolha analógica se deu, levando em consideração o que Rezende⁵⁹ diz: *“A ciência pode explicar biológica, física, química e até ciberneticamente a decrepitude do organismo, o desgaste da maquinaria humana, as causas, os sintomas, o que acontecerá depois com o corpo. Todavia, nenhuma dessas explicações é suficiente para resolver a grande angústia do finir. Essa angústia que foi mediatizada através dos mitos, nas sociedades progressistas foi posta a nu, com uma carga de racionalidade insuportável para o homem. Na tentativa de domesticar a finitude, a sociedade racional-finalista explicou-a, e acreditou incorporá-la, racionalmente, ao cotidiano, esquecendo, entretanto, de que este ser humano não é somente racional, que ele quer também crer sem provas objetivas; ele deseja participar do mito.”*

Após essa primeira exposição, trouxe as dimensões espaço-tempo, localizando a favela, como um lugar que se transforma num espaço de relações, neste cotidiano em que se vive.

Depois de uma descrição histórica da favela, delineei quatro formas, que mostram como ela pode se apresentar. São elas: a violência, o risco, o lúdico e o simbólico. Esta última forma se apresenta pelo significado que cada espaço tem para quem o habita, seja lá como ele possa ser; o lúdico que foi uma forma de enfrentamento sempre encontrado entre os moradores de favelas; pela crescente onda de criminalidade que ocorreu, do tempo em que o trabalho foi concebido até os dias de hoje, fez-se necessário analisar a questão da violência e sua estreita relação com a favela; da mesma maneira, o risco, ao qual estão sempre expostos, que vai

⁵⁹ REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*, p.7.

do adoecer, de serem removidos ao desabamento dos barracos; e como estas formas se entrecruzam para mostrar esse ser saudável. Aqui, também, foram utilizadas analogias com letras de músicas de compositores brasileiros que serviram para ilustrar poeticamente essas formas.

Dentro de todo esse contexto, o ser saudável é apresentado na forma em que ele se mostra em seu dia-a-dia, que se traduz na estética da existência cotidiana. Finalizando, vem a postura de um profissional, que precisa rever crenças e conhecimentos, para se relacionar neste espaço, na perspectiva de aprender a relativizar. Mais uma analogia com a mitologia foi feita, neste momento.

Se propus, aqui, relativizar arte — mitologia, poesia — e ciência, trazendo autores independentes de sua linha de pensamento, para falar do cotidiano das favelas e o ser saudável, é que, conforme Maffesoli,⁶⁰ o relativismo *“não constitui, de modo algum, uma abdicação do espírito — senão uma forma de investigação que permite apreender a riqueza da experiência social... que não pode ser reduzida a uma só verdade, pois estamos diante de verdades fragmentárias, múltiplas e moventes”*... Assim, na coexistência da arte e da ciência, reafirmando a riqueza do viver cotidiano, quero dar fundamento à tese que apresento:

É possível ser saudável no cotidiano das favelas.

⁶⁰ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.75-78.

5. UM RETORNO AO OLIMPO...

“Uma é a raça dos deuses, outra a dos homens..

**A humanidade não é mais que nada,
enquanto os deuses têm por morada
um céu de bronze, eternamente fixo.**

**Temos, porém, com os imortais,
um certo parentesco,**

**pela sublimidade de nossa alma
e até mesmo pelo nosso corpo,**

**muito embora ignoremos o caminho
que nos traça o destino noite e dia.”**

(Píndaro - Nêmeana, V, 1... in: Lima)

Conta a mitologia que no início dos tempos, o Caos reinava absoluto, até quando a Mãe Terra ou Géia surgiu dele e gerou Urano, o Céu Estrelado. Géia e Urano tiveram seis filhos e seis filhas, entre eles Oceano, Crono, Réia e a doce Tétis, deusa do mar. Urano vinha todas as noites acasalar-se, mas como odiava os filhos que Géia lhe dava escondia-os e não os deixava ver a luz, despertando a revolta da Mãe Terra. Ela fabricou uma poderosa foice e dando-a ao filho Crono, que numa emboscada deferiu um golpe em seu pai, cortando-lhe a virilidade e jogando-a para trás, fez com que o sangue derramado fecundasse sua mãe, que deu à luz os Gigantes e as Ninfas. O Céu nunca mais se acasalou com a Terra, passando a encobri-la apenas, dando-se, então, o início do reinado de Crono.

Como seus irmãos, Crono desposou sua irmã Réia. Conta-se que ele comia os filhos logo que esses nasciam, pois, segundo as profecias de sua mãe, ele seria destronado por um deles, o que acabou acontecendo. Réia conseguiu esconder três de suas filhas e três de seus filhos, entre eles Hera e Zeus. Este último destronou

seu pai e se tornou senhor absoluto do Olimpo, sem antes debelar revoltas de seus irmãos para destroná-los.

A geração de Zeus é protagonista de todas as histórias ocorridas entre deuses, titãs, heróis e mortais, contadas e recontadas pela mitologia. Os deuses são vários e cada um tem sua história, que não se encerram aqui. Diferente do deus monoteísta, eles tinham uma relação de amor e ódio entre si e com os homens. As histórias se confundem umas com as outras em uma trama pouco divina, na qual se misturam amor, ciúme, vingança, infidelidade, traição, orgia, sedução. Não havia nenhuma conotação moral, já que irmãos casavam-se entre si, conspiravam uns contra os outros, deuses traíam suas mulheres e roubavam as dos humanos. Os homens tinham uma relação mais face a face com os deuses, que apresentavam reações também humanas como qualquer mortal. Aos deuses cabiam a imortalidade, as magias, profecias, além de não seguirem um crescimento como o dos humanos, pois logo que nasciam já se apresentavam em idade de falar, lutar, entre outras ações adultas, o que já mostrava o fascínio humano pelo fantástico. Havia, portanto, segundo apresenta Graves,⁶¹ uma estreita relação entre o imaginário e o real para a mitologia, isto é, o real era interpenetrado pelo mito.

Não havia uma escolha entre o bem ou o mal, mas ações que os deuses escolhiam dependendo da situação que se apresentava, que poderiam trazer vantagens ou não para os humanos. Por isso mesmo, o monoteísmo tentou empurrar o Olimpo e seus habitantes para o esquecimento. A ciência racional, que busca explicar todos os fenômenos através da comprovação de fatos e da elaboração de leis, condenou também o mito ao fantástico, à lenda, aos contos infantis, ao teatro, ao senso comum.

⁶¹ GRAVES. *Os mitos gregos*, 1990.

Entretanto há, entre alguns estudiosos, uma tentativa de resgate dos habitantes do Olimpo para a compreensão do homem. A psicanálise freudiana é um exemplo disso, haja vista as histórias de Édipo, na compreensão do desejo do filho pela mãe, ou Narciso, o que se apaixona por si próprio, para citar apenas algumas. Historiadores afirmam que o mito permite que o homem se conheça e se compreenda melhor.

Como diz Rezende,⁶² *“o mito não ocupa uma lacuna da ciência que o progresso científico vai expurgar e preencher, mas é, sim, uma forma diferenciada do conhecer, uma abordagem estranha à racionalidade objetiva, nem por isso menor ou ilegítima”*. Segundo Sironneau, citado pela autora, há uma coexistência entre o pensamento científico-racional e o mítico, mas não uma substituição.

Por isso, retorno ao Olimpo, na busca de compreender a saúde-doença nesse cotidiano, pois, mesmo sendo criações e criaturas de um tempo longínquo, esse contato com a divindade pode revelar sutilmente o homem e seu vivido. Apesar de todo o esforço racional e científico para se explicar o fenômeno saúde-doença, há sempre um lado de sombras, que resta inexplicável. Se por um lado a ciência consegue nos dias de hoje prolongar a existência humana, descobre curas, inventa equipamentos; por outro, ela ainda não conseguiu compreender a angústia do homem perante o morrer, como não entende o que faz pessoas desenganadas, e mesmo outras, vivendo em situações precárias, resistirem e sobreviverem. Mas, quem sabe se os deuses do Olimpo, num exercício de analogia, consigam apontar alguma trilha,

⁶² REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*. p.7.

pistas, que revelem alguns aspectos desse ser saudável, objeto de interesse no presente ensaio.

Escolhi dois mitos para me acompanharem neste trajeto, sem querer de maneira alguma ofender os outros, mas como a Mitologia é vasta, foi necessário uma opção, que recaiu na adequação dos mesmos com o tema.

APOLO E DIONÍSIO: uma cumplicidade divina.

Um corpo esbelto, bem talhado, alto e desenvolvido, um rosto sem barba, mostrando a face radiante de uma beleza única, incomparável, ornado com uma linda e imensa cabeleira que lhe cai até os ombros. Demonstra uma graciosa e sedutora atitude, tanto ao falar como ao andar, sendo obstinado em tudo o que faz. Ele possui uma luminosidade natural, espalhando luz por onde anda, pois traz o próprio sol em si — ele é o deus do sol. Assim é Apolo, filho de Zeus e de Leto, uma das várias amantes que o deus teve, irmão gêmeo de Ártemis.

Como em todos os casos extraconjugais de Zeus, Leto foi perseguida por Hera, sua esposa legítima, o que dificultou o nascimento dos gêmeos, que levaram 9 dias e 9 noites para nascer. Hera ordenou que o monstruoso dragão Píton perseguisse a grávida e não permitisse que lugar algum a acolhesse para o parto. Além do mais, aprisionou Ilícita, a deusa do parto, ao pé de si. Assim Leto vagou por todos os lugares, mas nenhum a recebeu, com medo da cólera da deusa maior. Até que uma ilha estéril e flutuante, denominada depois de *Delos*, a *iluminada*, por Apolo, acolheu-a. Todas as demais deusas intercederam por ela junto a Hera, dando-lhe um colar de fios de ouro através de Íris, fazendo com que ela soltasse Ilítia, que veio, então, em socorro de Leto.

Ártemis nasceu primeiro e, dizem, ajudou sua mãe no nascimento do irmão.

Apoio teve sua fase de iniciação no país dos Hiperbóreos, "que viviam sob um céu puro e eternamente azul".⁶³ Entrou em Delfos um ano depois, no carro puxado por cisnes brancos, trazendo arco e flecha nas mãos e pronto para lutar contra Píton, que ameaçara sua mãe, durante o seu parto. Ao matá-lo, com um golpe rápido e certeiro, tirou-lhe a pele e com ela cobriu a trípode, onde se sentava a Pitonisa em Delfos, a sacerdotisa de Apolo, para proferir seus vaticínios.

Apolo exercia um real fascínio em todos, mortais e imortais, não só por sua beleza, mas também por sua música. Não havia festa, reunião no Olimpo, que ele não maravilhasse a todos com sua lira, instrumento de cordas, que tocava divinamente e que fez dele o deus da arte.

Amou mulheres e homens indistintamente, mas por vezes foi infeliz em seus casos amorosos, resultado das vinganças de seus inimigos. Apaixonou-se pela ninfa Dafne, que demonstrou enorme indiferença ao deus, instilada pelas flechas de Eros, que queria vingar-se de Apolo, pois este dizia sempre ao deus do amor e da indiferença que arco não era brincadeira de quem não sabia manejá-lo, sem saber que flechas o pequeno deus carregava. Assim, Dafne ao ser perseguida por Apolo, pediu ao pai, o deus-rio Peneu, que a ajudasse e este a transformou em loureiro, árvore que passou a ser a preferida do deus, que sempre usou, a partir daí, um ramo em seu cabelo. Apaixonou-se, em outro momento, pelo jovem e belo Jacinto, que tinha outros admiradores, entre eles o deus-vento Bóreas. Mas Apoio não precisava se preocupar com o rival, já que o jovem dedicava-lhe toda atenção. Um dia, porém,

⁶³ BRANDÃO. *Mitologia grega*, p.84.

quando os dois brincavam, o deus-vento soprou mais forte e desviou o disco lançado por Apolo, acertando em cheio a cabeça de Jacinto, que veio a falecer. Todas as tentativas do deus para salvá-lo foram em vão, e este acabou por transformá-lo em uma flor, a qual leva o mesmo nome do amado jovem.

Apolo, apesar de nunca ter casado, teve vários filhos. Deus agrário, teve Leto, protetor dos campos e dos rebanhos. Deus das artes, gerou o músico Lino e Orfeu, o qual além de músico, foi poeta e cantor insuperável. Teve um filho adivinho e um filho médico, Asclépio.

Retenho-me um pouco mais em Asclépio, que se tornou um médico promissor, a ponto de ter sido ponto de discórdia entre seu pai e seu avô, despertando a cólera deste. Asclépio fez tantos progressos na medicina, que chegou a ressuscitar vários mortos, fazendo com que Zeus se sentisse ultrajado e terminasse por fulminá-lo com o raio forjado pelas Ciclopes, mortas por Apolo, para vingar a morte do filho. Zeus, apesar de sua predileção por Apoio, ficou furioso e exilou-o do Olimpo.

Abro, aqui, um parênteses, para falar um pouco mais desse filho de Apoio. Brandão conta que Asclépio *“desenvolveu uma verdadeira escola de medicina, cujos métodos eram sobretudo mágicos, mas cujo desenvolvimento (em alguns ângulos espantoso para a época) preparou o caminho para uma medicina bem mais científica nas mãos dos chamados asclepiades ou descendentes de Asclépio, cuja figura mais célebre foi o grande Hipócrates”*.⁶⁴ Pai e filho tratavam através da *metanóia*, que significa que a cura só se processa através da transformação de sentimentos. De certa forma, eles acreditavam que as doenças apareciam através das faltas e dos erros que provocavam o enfraquecimento do homem e

⁶⁴ BRANDÃO. *Mitologia grega*, p.90-91.

aumentava a propensão para os agentes mórbidos, que as causavam. Tinham como máxima que a cura vinha a partir da purificação da mente, pois dessa maneira o corpo permanecia curado.

Volto à história de Apolo, que por interferência de Leto aceitou o castigo de exílio do Olimpo. Refugiado na casa do rei da Tessália, Admeto, guardava-lhe o rebanho, o qual, durante o período em que esteve sob sua guarda, produziu filhotes gemelares, além da prosperidade que se instalou na região. Seu fascínio continuava a se espalhar, principalmente quando tocava sua lira, que continuava a encantar a todos.

Passado um ano, e com o constante apelo de Leto a favor do filho, Zeus perdoou Apolo, restituiu-lhe os direitos divinos e ele pôde retornar ao Olimpo com toda a sua glória, mas a partir daí passou a fazer tudo com moderação. Como diz Graves, "as frases *Conhece-te a ti mesmo!* e *Nada de excessos!* andavam constantemente nos seus lábios".⁶⁵

Muito ainda poderia se dizer de Apolo, sua história é extensa em aventuras, amores, batalhas. Apolo, o deus mais belo do Olimpo, torna-se agora o ideal da saúde que o homem busca. Quem, entre todos os mortais, não gostaria de ser como ele, sempre representado com sua eterna juventude, sua beleza sem comparação, seu corpo perfeito — o ideal apolíneo, a saúde apolínea?

Ele empunha seu carro, puxado por cisnes brancos, com segurança e firmeza, que vem trazendo a luz, a claridade, a beleza de um dia ensolarado. Não há dúvida de que Apolo encarna o ideal de perfeição, e não há nada que se busque mais do que isto. O deus do equilíbrio entre a beleza e a sabedoria, da harmonia entre

⁶⁵ GRAVES. *Os mitos gregos*, p.75.

as belas formas e uma inteligência que ultrapassa o momento presente, pois ele tem o poder de prever. Ele é iluminado, traz em si o esplendor do sol, da pureza, sem nenhuma mácula. Quem não gostaria de uma eterna parceria com ele, a plenitude da saúde perfeita? Ter a segurança fundamentada na disciplina, na ordem — nada de excessos — pois o deus-sol-saúde, Apolo — a mente sã — quer orientar os desejos dos homens, desenvolvendo sua consciência, propondo o conheça-te a ti mesmo. O encontro com Apolo deve ser sublime, nada pode interferir nesse relacionamento, pois com a força que ele dá, parece que se é perfeito e imortal.

Mas, não se deixe enganar pelo deus, não se esqueça de que não existe linearidade nas ações dos habitantes do Olimpo. Como mostra Lamas,⁶⁶ Apolo *“vivificava os seres, fazia germinar as plantas e amadurecer os frutos e as searas, purificava a atmosfera e destruía os miasmas, mas era igualmente o deus da canícula, das secas; o deus forte e sempre vitorioso, mas também o deus que mata”*. E Commelin⁶⁷ reafirma: *“Suas flechas são algumas vezes terríveis e maléficas porque, em certos casos, o ardor do sol produz miasmas mefíticos e pestilentos; mas geralmente seu efeito é salutar.”*

Não se pode esquecer que o mesmo sol que revitaliza ou cura pode às vezes ferir. Nem sempre pode-se confiar totalmente no deus, pois o inverno pode chegar, ele simplesmente se despedir e ir para outros lugares como o país dos Hiperbóreos, onde ele fica nesse período do ano. Assim é que Apolo encarna a saúde esperada, o que se busca como ideal, mas traz em si o que se quer evitar, a doença. Sem que se espere, ele se apresenta com a outra

⁶⁶ LAMAS. *Mitologia geral*, p.155.

⁶⁷ COMMELIN. *Nova mitologia grega e romana*, p.47.

face, que ainda é desconhecida, e que abruptamente se mostra, pois as duas são características do mesmo deus. Mas, no momento em que ele mostra a sua face mais dura, dá a oportunidade de se conhecer um outro deus, já que o que se tem no Olimpo é o politeísmo.

O sol se põe, neste momento; a noite vem silenciosa... Mas, nem tanto assim. Surgem, de repente, ao som de uma música hilariante, mulheres saltitantes, rindo, gritando, provocantes, fazendo uma grande algazarra, dançando freneticamente, regadas a vinho e, pasmem, na sua grande maioria casadas, acompanhando um homem, risonho, mas atarracado, sem nenhum atributo físico, andando em passos trôpegos, trazendo vinho em abundância, que serve sem parar a todas... As mulheres são as bacantes, ele é simplesmente Dionísio, o conhecido deus do vinho.

Meio-irmão de Apolo, também filho de Zeus com outra de suas amantes mortais, Sêmele, que também foi perseguida por Hera. Dionísio tem duas histórias de seu nascimento, mas as duas o revelam como aquele que venceu a morte, o renascido. Em uma delas, Hera, travestida em amiga, sugere a Sêmele que pedisse a Zeus que se mostrasse em toda sua plenitude. O deus negou a princípio, pois sabia o que isso poderia provocar, mas como a amante não quis mais se deitar com ele, resolveu se mostrar. Ao se revelar com seus raios e trovões, incendiou o palácio, matando Sêmele. Zeus, em um gesto rápido, retirou o feto inacabado do ventre da mãe, costurando-o em sua coxa, onde a criança terminou sua formação. Esta condição o tornou imortal, o que não ocorreria se tivesse nascido de sua mãe, pois a tradição mostra que filhos de deuses e mortais tornavam-se heróis, uma categoria privilegiada, mas mortal.

Em outra versão, conta-se que Zeus confiou o filho recém-nascido a Apolo e aos curetes, para que o protegessem da ira de

Hera. Essa, porém, descobrindo onde ele se encontrava, mandou os Titãs raptarem-no. Eles o mataram e o partiram em vários pedaços, cozinhando-o. Entretanto Zeus fulminou os Titãs, conseguindo salvar o filho, engoliu seu coração, dando-lhe a imortalidade.

Hera não se deu por satisfeita ao ver os seus planos serem destruídos e sua perseguição continuou até a juventude de Dionísio. Primeiro enlouqueceu os pais que o adotaram, fazendo com que eles matassem todos os filhos legítimos e depois se matassem. A deusa acabou conseguindo enlouquecer o jovem deus, que desenvolveu a *mania* e vagou errante, tornando-se por isso o estrangeiro, que não encontrava paradeiro em nenhum lugar, cometendo crimes por onde passava, até que sua avó Réia o acolheu e o purificou.

Passada a *mania*, Dionísio fez o vinho, líquido vermelho, borbulhante, que regava suas festas, as orgias. Chegava repentinamente, arrebatando mulheres que o seguiam sem pensar nas conseqüências, fazendo com que todos entrassem em êxtase, provocando barbáries e infanticídios por onde passava, como fez com as Miníades, as três filhas do rei Orcômeno. Estas repreendiam severamente as Ménades, sacerdotisas do deus, que participavam de suas festas e, pior, não queriam reconhecer a divindade de Dionísio. Ele lhes dá uma última oportunidade para tal e como elas faltassem mais uma vez à festa, ele as perturba metamorfoseando-se em diversos animais, além de fazer o tear escorrer leite e néctar. Assustadas, elas correram ao encontro da cerimônia do deus e acabaram por oferecer o filho de uma delas em sacrifício.

Em outro momento, como conta Eurípedes, em sua peça *As Bacantes*, as vítimas de Dionísio são de sua própria família. Penteu, seu primo, filho de Agave, irmã de Sêmele, filha de Cadmo,

reinava absoluto em Tebas, mas não rendia oferendas ao deus e nem reconhecia sua divindade. Da mesma maneira que suas tias não acreditavam que Sêmele tivera como amante Zeus, escondendo na realidade uma paixão pecaminosa por um mortal e que a mando de Cadmo mentia sobre a paternidade do filho. Por isso, Zeus enfurecido com sua mentira a havia matado.

Dionísio pelo amor que devota a sua mãe, querendo a todo custo fazer-lhe justiça, instala a mania sobre as mulheres de Tebas, incluindo suas tias, que se entregam às orgias nas montanhas, abandonando suas famílias. Penteu se horroriza frente ao que ocorre nas montanhas, querendo a todo o custo acabar com o que ali se instala. Dionísio, transformado em estrangeiro, como um mensageiro, deixa-se prender pelos serviçais do rei e aproxima-se dele. Os dois discutem e Penteu manda prender o estrangeiro, que consegue se livrar. Depois este convence o rei de se travestir em mênade, para ir observar as mulheres na montanha. Com uma estratégia divina, Dionísio faz com que as mênades descubram o espião e, comandadas por Agave, pois tomada pela mania não reconhecia o filho, matam-no e esquartejam-no. A mãe ainda se vangloriava para Cadmo, de ter sido feliz em sua caçada, pois para ela havia matado um leão, enquanto o avô já se desesperava, com a perda de Penteu e a loucura da filha. Aos poucos, portanto, ela vai voltando de seu delírio e se vê diante da realidade. Pai e filha pedem perdão ao deus, mas já era tarde e se vêem, então, exilados de sua terra natal para sempre.

Por que contar as barbáries de Dionísio? Porque, como afirma Eurípedes⁶⁸ no final de sua peça, *"há muitas formas de intervenção divina; muitas coisas além da expectativa fazem os*

⁶⁸ EURÍPEDES. *As bacantes*, p.100.

deuses. O que era esperado não foi cumprido; eis que o deus achou o caminho para o inesperado”.

Por isto não prejudique o deus. Dionísio só promovia o inesperado, a desordem na ordem instituída e tirânica, ele desestruturava o que estava posto e, se de forma injusta, impunha o caos, era para que se reestruturasse a ordem sobre outras bases, mais democráticas. Ele é o deus da transformação e causa estranheza porque ele traz a alteridade, com a qual, na maioria das vezes, é difícil ter qualquer *“sentimento de irmanação, de partilha, de pertencimento, de co-participação para com aquele que é essencialmente diferente”*.⁶⁹

Dionísio é o estranho, porque ele é o estrangeiro, que vem de fora, ao qual não se conhece bem, principalmente porque ele se apresenta de diferentes formas. Mircea Eliade apud Brandão afirma que: *“Dionísio assombra pela multiplicidade e pela novidade de suas transformações. Ele está sempre em movimento; penetra em todos os lugares, em todas as terras, em todos os povos, em todos os meios religiosos, pronto para associar-se a divindades diversas e até antagônicas.”*⁷⁰

Por isso mesmo, Detienne vai denominá-lo de *“deus epidêmico”*, pois mesmo sendo estrangeiro, ele é *“por excelência o deus que vem; aparece, manifesta-se, faz-se reconhecer”*.⁷¹ Ele é o deus socializador, pois chega para todos, homens, mulheres, crianças, sem distinção de classe social e credo.

Ele é o deus das máscaras. Ora apresenta uma face jovial, ora de velho. Em outro momento é um touro ou um bode. Da mesma maneira que traz o vinho, que embriaga, dá o êxtase, traz a hera,

⁶⁹ REZENDE. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*, p.47.

⁷⁰ BRANDÃO. *Mitologia grega*, p.138.

⁷¹ DETIENNE. *Dionísio a céu aberto*, p.14.

uma planta normalmente utilizada pela sua característica calmante. Se invade cidades com suas orgias provocando o caos entre os que não o reconhecem como um deus, ensina a magia da vinicultura àqueles que simplesmente o acolheram bem. Se em suas festas o sangue se confunde muitas vezes com o vinho tomado, dilacera corpos, mostra sempre a face da morte, transgride a norma, leva seus adeptos ao êxtase, é porque o homem ao “sair de si”, tem a oportunidade de libertar-se das condições impostas, de convenções, normas e tabus estabelecidos e, talvez, se conhecer melhor. Em seu ritmo cíclico, que o leva da vida à morte, ele mostra que a vida não tem um caminho linear, perfeito.

Ele tem com Apolo uma convivência tranqüila, pois este não interfere em sua vida. Brandão e Detienne concordam que existe inclusive uma cumplicidade entre eles, com todas as suas diferenças. Tanto é que Dionísio, geralmente, se estabelece no inverno em Delfos, quando Apolo parte para o país dos Hiperbóreos. Detienne afirma que, “o deus que se apresenta como estrangeiro diante da cidade é, de todos os deuses de Tebas, a divindade mais poderosa junto com Apolo, aqui ainda, seu cúmplice”.⁷²

Afinal que cumplicidade é essa? Apoio, emblema da saúde, já mostrou sua outra face, a da doença. Ele apontou sua flecha que caindo sobre as cabeças humanas, estabeleceu o caos. A doença invade o corpo, ela vem de fora, como o estrangeiro. Mas, quem estabelece o caos e é o estrangeiro, não é Dionísio? Aí está a cumplicidade dos dois deuses, que por um momento se confundem. Apolo ama o seu meio-irmão e quer que ele seja reconhecido como deus. No primeiro encontro não é possível reconhecer sua divindade, faz-se como as Miniades ou como a

⁷² DETIENNE. *Dionísio a céu aberto*, p.37.

própria família de Dionísio, pois não se está preparado para aceitar as comemorações propostas pelo deus, que se apresenta com uma de suas máscaras. Ele quer que todos se transformem em bacantes. Ele vai exigir uma oferenda e se colocar diante do homem em seu pior momento, a descoberta de seu tempo limítrofe. Apolo mostrou suas duas faces, aquela que é o ideal de saúde e a outra que coloca o homem diante da morte, retirando toda a possibilidade de sua imortalidade, mostrando sua condição mais humana.

Aí entra Dionísio. Não se pode esquecer de uma característica essencial do deus. Ele é o renascido, aquele que como humano venceu a morte e na sua segunda gestação obteve sua condição imortal. Ele proporciona isso — vencer a morte — desde que o reconheça como deus. Para que se consiga enfrentá-la, é necessário que a doença faça parte da vivência, para que se possa reconhecê-la e assim, talvez, aceitando essa condição humana, consiga-se vencê-la, como um ser imortal. É por isso que Apolo coloca o homem diante de Dionísio. Enfrentar a doença, faz do homem um ser saudável, não no futuro, como uma idealização separada da outra face de Apolo. Dionísio oferece esta máscara ao homem, a de ser saudável, mesmo em condições antagônicas. Ele faz reconhecer que mesmo sendo meros mortais, está-se em condição de enfrentar seu tempo limite, no dia-a-dia. Em cada orgia, mesmo que esta seja contraditória, ao colocar-se perante a morte ou ao êxtase produzido pelo vinho, ele mostra seu caráter renovador, sempre recomeçando algo. Ele mostra a não linearidade do tempo, que também é cíclico, faz-se e refaz-se no efêmero, esvai-se no próprio instante em que, muitas vezes, precisa-se viver o presente por ele mesmo, sem preocupações com o futuro. Como diz Eurípedes, *“se o homem, em seu breve momento, anda atrás*

de coisas grandes demais para ele, pode perder as alegrias que estão ao seu alcance".⁷³

Os dois deuses aparecem, aqui, com toda sua cumplicidade. Apolo, mostra suas duas faces, aquela que se persegue, mas que sempre aparece como um ideal apolíneo, a saúde perfeita, a que se procura, mas que parece estar no futuro. E num movimento cíclico apresenta a outra, aquela que se nega, evita, a doença que coloca o homem perante a morte.

Dionísio, entretanto, chega e mostra que ao aceitá-lo também como deus, permitindo-se viver o presente, naquilo que ele tem de efêmero, extasiando-se com o dia-a-dia, pode-se enfrentar a condição mortal inerente ao homem e ser saudável. Afinal, além do deus aparecer e desaparecer quando bem entende, se transmutar em vários seres, ele foi até o inferno e fazendo uma oferenda a Hades, deus do inferno, conseguiu que sua mãe fosse libertada e se juntasse a ele no Olimpo, onde passou a ter o seu lugar, para desgosto de Hera. Ele só quer receber oferendas como deus, quer parceiros em suas orgias.

Afinal, "a embriaguez, o erotismo, a fertilidade universal, mas também as experiências inesquecíveis provocadas pela chegada periódica dos mortos, ou pela manía, pela imersão no inconsciente animal ou pelo êxtase do enthusiasmós — todos esses terrores e revelações surgem de uma única fonte: a presença do deus. O seu modo de ser exprime a unidade paradoxal da vida com a morte".⁷⁴

⁷³ EURÍPEDES. *As bacantes*, p.74.

⁷⁴ BRANDÃO. *Mitologia grega*, p.138.

Do conceito saúde a uma forma de expressão: o ser saudável

Embarcada no carro puxado pelos cisnes brancos de Apoio, deparo-me com os olhos da ciência e sua constante busca na definição de conceitos de saúde. Isto é, buscar reduzi-la à sua essência para tentar explicá-la, com o objetivo de criar modelos de assistência, que direcionem as condutas dos profissionais ligados à área, tentando de maneira idealizada tornar a assistência uniforme, sob a égide do atendimento igualitário.

Nessa lógica, desde Hipócrates vê-se que a questão da saúde passa sempre pelas questões duais de adaptação/desadaptação, ou equilíbrio/desequilíbrio do homem em relação às forças externas que tendem a perturbar sua harmonia. Isto é, linearmente se o meio interno está adaptado ou equilibrado com o meio externo, o homem está com saúde. Ao contrário, se esse se apresenta desequilibrado ou desadaptado ao meio, ele tem doença. Desta maneira o homem se apresenta dentro de padrões ditos de normalidade, ou, se não, patológicos.

Lembro-me de que, segundo Brandão,⁷⁵ Hipócrates foi um seguidor de Asclépio, filho de Apolo, como dito anteriormente. Aqui a mitologia se confunde com a história e as duas mostram que, se antes a doença era uma maldição dos céus e para curar-se o homem precisava se purificar, Hipócrates vai lançar as sementes para um modelo de assistência sobre bases científicas.

A partir daí, seguindo o modelo cartesiano, o homem foi subdividido em sistemas, as doenças observadas de maneira uniforme para serem igualmente tratadas. Leavell e Clark⁷⁶ desenvolveram o que se convencionou chamar de história natural

⁷⁵ BRANDÃO. *Mitologia grega*, 1995.

⁷⁶ LEAVELL, CLARK. *Medicina preventiva*, 1986.

da doença, que dá origem a um modelo preventivo. Nele se tem um agente — aquele que a transmite, o hospedeiro — no caso o homem, aquele que a recebe — e o meio ambiente, tudo aquilo que, externo ao homem, contribui para o desenvolvimento de doenças e afetam a vida. Mas, nesta concepção quando a doença não é transmitida por um agente, ou seja contagiosa, o hospedeiro se confunde com o agente. Ao que Canguilhem⁷⁷ vai criticar ao dizer que a doença é ativa, sai e entra do homem, enquanto este luta todo o tempo, às vezes, com um agente externo, outras consigo próprio, buscando um equilíbrio entre forças contrárias.

Dentro deste contexto, a Organização Mundial de Saúde conceitualiza saúde como *“um estado de relativo equilíbrio de forma e função do organismo, que resulta de um ajustamento dinâmico satisfatório às forças que tendem a perturbá-lo. Não é um inter-relacionamento passivo entre matéria orgânica e as forças que agem sobre ela, mas uma resposta ativa no sentido de reajustamento.”*⁷⁸

Há aqui aquela constante luta pelo equilíbrio e adaptação do homem com o seu meio ambiente. Forças contrárias se embatendo para que a saúde seja, de preferência, a recompensa do homem, nesta batalha interminável, cansativa. O homem sempre lutando para que sua evolução se processe, no modelo progressista e linear da humanidade.

Independente de qual concepção se tenha, a questão é que saúde passou a ter um valor coletivo para a sociedade moderna, progressista que tem no trabalho o seu objetivo e que se apodera do corpo individual, enquanto mão-de-obra produtiva, sem levar em consideração o próprio homem. Com o que Berlinger⁷⁹ concorda ao

⁷⁷ CANGUILHEM. *O normal e o patológico*, 1990.

⁷⁸ LEAVELL, CLARK. *Medicina preventiva*, p.16.

⁷⁹ BERLINGER. *A doença*, p.38.

afirmar que *“de fato é verdade que a saúde é um bem coletivo, que diz respeito a toda sociedade, mas isso não anula as características individuais das doenças”*.

Essas características individuais realçam o que Laplantine⁸⁰ diz, que se, por um lado, a sociedade confere a alguns de seus membros um *“poder terapêutico”*, que fundamentado nos modelos se estende além das doenças, pois toma sob sua guarda a alimentação, o sono, o trabalho, o lazer, a sexualidade, a educação, todas as situações de desvios sociais e a própria morte; por outro lado, o homem, independente desses modelos, tendo como referência sua experiência, partindo de seu vivido, possui uma interpretação simbólica tanto de sua doença como do atendimento que recebe.

O problema que se coloca é que, apesar disso, essa interpretação não é, na maioria das vezes, levada em consideração, mesmo que isso já tenha sido apontado por alguns estudiosos. Como Castiel⁸¹ afirma *“o modelo prevalecente na biomedicina e na epidemiologia moderna tem pouco a dizer sobre o sofrimento e sobre a estranheza de perceber-se possuidor (?) de um corpo (que, mais estranho ainda, adoecer)”*: Deve-se ressaltar, ainda, que esses modelos acabam por reduzir o homem a um padrão único de referência, a uma determinada normalidade comum a todos.

Entretanto, concordando com Canguilhem,⁸² o que pode ser normal, *“apesar de normativo”*, para alguns, pode ser patológico para outros, pois existe uma linha muito tênue entre os dois, sendo

⁸⁰ LAPLANTINE. *Antropologia da doença*, 1991.

⁸¹ CASTIEL. *O buraco e o avestruz: a singularidade do adoecer humano*, p.189.

⁸² CANGUILHEM. *O normal e o patológico*, p.145.

que é o indivíduo que sabe quando ocorre a mudança de um para o outro, já que é ele quem a percebe, pois é ele que sofre as conseqüências da doença.

Outra concepção, portanto, a da epidemiologia moderna, coloca outras condições, que, indo além do equilíbrio-desequilíbrio entre homem e meio ambiente, passam a determinar o processo saúde e doença. Assim é que, num pensamento mais ampliado, propôs-se o conceito desenvolvido pela VIII Conferência Nacional de Saúde, ocorrida no Brasil em 1986 e que fundamenta, hoje, o Sistema Único de Saúde vigente: *“Em sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. E, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção, as quais podem gerar desigualdades nos níveis de vida.”*⁸³

A concepção de saúde como resultante de todas as outras condições, traz-me a idéia dela colocada fora do homem, algo a ser encontrado em um outro tempo, a ser buscado no fim, depois que ele tiver conquistado todas as outras coisas, primeiro. Tanto o conceito da OMS, como este último, colocam a saúde como resultado, isto é, ela é a somatória de outras tantas condições, que se precisa ter, para alcançá-la. Tenho a impressão de que ao falar da saúde como resultante, o homem deva se colocar num compasso de espera. Esta, como diz Crespi,⁸⁴ *“é a atitude fundamental daquele que pensa que há uma solução final das contradições da existência. Se o presente mostra uma situação inconciliável (e como poderia mostrar?), a espera volta as costas para o presente:*

⁸³ NASCIMENTO. *Democracia e saúde: uma perspectiva arendtiana*, p.189.

⁸⁴ CRESPI. *Os riscos do cotidiano*, p.39-45.

ela olha para o futuro no qual ela projeta a imagem de uma conciliação final (céu ou sociedade perfeita)..." A saúde apresentada desta maneira, parece ser sempre algo a ser alcançado num futuro, que me parece estar mais próximo da morte (e para que saúde aí?) do que da vida. Aproxima-se do ideal apolíneo, que tanto se quer alcançar.

Penso, portanto, que a saúde deve estar no presente do homem para que ele possa viver, construir uma existência que lhe dê prazer. Para que ele possa ser, possa ter, possa existir em seu cotidiano mesmo se este é considerado banal, por muitos, repetitivo, com suas contradições, em constante interação com o seu meio.

Por isso mesmo concordo com Vaitsman⁸⁵ quando ela argumenta que a saúde não deveria ser considerada como resultante dessas outras condições. Ao se propor uma nova concepção de saúde, deveria se tentar a recuperação do seu significado para o indivíduo, que possui uma singularidade e uma subjetividade, além de considerar sua interação com os outros e com o mundo. É o caso de levar em conta a experiência cotidiana do homem, o seu vivido, considerar sua estreita relação tanto com Apolo como com Dionísio.

Há, inclusive, alguns indícios de que isso venha acontecer. Castiel⁸⁶ diz que *"existem tentativas ainda embrionárias de estabelecer-se uma outra vertente teórica na América Latina. Foi batizada de epidemiologia dos modos de vida e procura incluir as dimensões da cotidianidade e do simbólico na abordagem da vida social."*

⁸⁵ VAITSMAN. *Saúde, cultura e necessidades*, 1992.

⁸⁶ CASTIEL. *O buraco e o avestruz: a singularidade do adoecer humano*, p.150.

Mas, se estas são apenas tentativas embrionárias, os conceitos apresentam, ainda, uma certa disparidade com a realidade, como diz Simmel,⁸⁷ que faz com que esta jamais seja compensada por aqueles. Pois, *“as determinações de uma coisa real têm entre elas uma continuidade, uma graduação flutuante que as faz passar de uma a outra, de tal forma que são totalmente incompreensíveis por nossos conceitos imobilizados e seu desenvolvimento em leis da natureza”*.

Por isto, deixo a imobilização do conceito de saúde e busco compreender o que é ser saudável, não propondo uma concepção, mas ficando com a maleabilidade da noção ou da forma, que pode mudar-se em outra a qualquer momento. Pois, como diz Maffesoli,⁸⁸ *“referindo-se a um objeto particular o conceito é Uno ou, pelo menos, compõe-se com conceitos vizinhos para constituir uma unidade. Determina a verdade, o que deve ser a verdade. Tudo o que escapa ao seu domínio incide em erro e perde direito à existência. Eis, um tanto esquematizada, a lógica do ‘dever-ser’ que caracteriza a atitude conceitual... Constranger a heterogeneidade da vida à unicidade do conceito sempre teve conseqüências para a história humana. É por isso que é preferível opor a moleza da noção à rigidez do conceito. A primeira satisfaz nosso desejo de conhecimento, relativizando, ao mesmo tempo, o fantasma do poder que dormita em todo o intelectual.”*

Assim, para mim, hoje, pensar o ser saudável significa compreender o homem no seu viver cotidiano, tal como ele o pode conceber, porque aí é que fixa o seu vivido. É pensar o homem inserido em um lugar, interagindo neste lugar, com familiares e amigos. Até porque desde o tempo das cavernas os homens

⁸⁷ SIMMEL. *Sociologie et épistémologie*, p.17.

⁸⁸ MAFFESOLI. *O conhecimento comum*, p.59.

procuram um teto onde se abrigar. Um lugar onde possam chamar de seu. Acredito que o espaço onde se habita tem um significado muito maior, do que simplesmente a casa, enquanto um espaço físico. É a "casa" com a sensação de pertencimento a um lugar, a um grupo. Um espaço onde se possa interagir e que traz lembranças que são significativas. Um lugar para onde se retornar no fim de um dia de trabalho, encontrar pessoas e coisas que são importantes. Um lugar que é presente em no imaginário, com toda a carga de realidade que ele apresenta. A casa tem, segundo A. Heller,⁸⁹ *"o sentido de segurança: a casa protege. Contribuem ademais relações afetivas intensas e sólidas: o calor do lugar. Ir a casa significa mover-se na direção de um ponto fixo no espaço onde nos esperam coisas conhecidas, habituais, a segurança, e uma forte dose de sentimento."*

Se tenho a intenção de delinear uma noção sobre o ser saudável, a partir de seu espaço, é porque aí é onde o homem se expressa, constrói a sua existência cotidiana. É no tempo presente que ele, interagindo com outros homens e com seu lugar, desenvolve seus símbolos, tenta enfrentar as situações seja lá quais forem e como se apresentam. É neste presente cotidiano que ele se encontra com Dionísio e sonha com Apolo. É no efêmero do aqui e agora, que ele vivendo sua morte de todo dia, para usar uma expressão de Maffesoli, sobrevive e tenta, no meu entendimento, ser saudável, mesmo que esse espaço seja a favela e que pareça ser impossível vê-la enquanto saudável. Porque ali não existe a segurança do equilíbrio. A grande maioria ali não possui "alimentação, habitação, educação, renda, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, aceso e posse de terra e acesso a serviços de saúde". Dentro desta ótica conceitual,

⁸⁹ HELLER. *Sociologia de la vida cotidiana*, p.385.

unificada, impera a lógica do “dever-ser” e não se pode considerar que eles tenham saúde, mas não posso afirmar que não sejam saudáveis.

Se eles convivem ali todo o tempo com a violência, com o risco de adoecer, de perder sua moradia, eles possuem, também, uma estreita relação com Dionísio, resistindo ludicamente ao que a vida lhes apresenta. Estão ali construindo o significado de sua existência, no espaço-tempo cotidiano.

Não tenho outras tintas para pintar a favela. Entretanto, contendo meu afã profissional imediatista de tudo querer mudar, quero me dar a oportunidade de parar e, numa atitude compreensiva, *“ouvir a relva crescer”*.⁹⁰

⁹⁰ Expressão utilizada por Michel Maffesoli.

6. NO ESPAÇO-TEMPO DO ESPAÇO E DO TEMPO

**“Enquanto isso
anoitece em certas regiões
E se pudéssemos
ter a velocidade para ver tudo
assistiríamos tudo.”
(Marisa Monte e Nando Reis
-Enquanto isso)**

O interesse de inserir neste ensaio a questão espaço-tempo veio desde o início dos estudos sobre o cotidiano, sob a ótica de Maffesoli. Para esse autor, o espaço é um lugar privilegiado onde ocorrem as interações, o lugar físico, material, real que circunscreve um outro espaço, imaginário, simbólico, espaço vida. O tempo é o instante presente, repetitivo, cíclico e mítico, que na sua repetição, se coloca frente ao tempo linear — do nascer, viver e morrer. Este tempo cíclico, de que fala o autor, é a forma com a qual o homem negocia e resiste, diariamente, diante de seu tempo limite. Falo adiante, do espaço e do tempo, separadamente, na tentativa de aprofundar alguns aspectos específicos de cada um, para depois reuni-los, ao mostrar as formas, nas quais a favela pode se apresentar, além de reconhecer que ambos caminham sempre juntos, pois não se fala no espaço sem pensar no tempo e vice-versa.

NO TEMPO DO ESPAÇO

Uma das formas de se pensar o espaço, é falar do sideral, lugar dos astros, aquele que conhecemos senão através de fotos, imagens de televisão, que vai além do que os olhos podem ver no céu, mas por onde, às vezes, o pensamento voa.

Não posso pensar no espaço, sem lembrar-me de Einstein e sua Teoria da Relatividade. A grosso modo, se mais de uma pessoa observar um corpo em movimento em um determinado espaço, a descrição deste vai depender de onde o observador está localizado. O corpo é o mesmo, o movimento é o mesmo, o lugar varia e as pessoas, também. E, aqui, coloca-se a questão tempo, sempre interligado com o espaço. Se o movimento continua, cada fração de segundo muda a percepção de cada observador diferentemente. Mais do que isso, para a relatividade, estão ocorrendo incontáveis acontecimentos, em um mesmo tempo, em infinitos espaços, o que nos coloca diante da diversidade de momentos vividos, nos mais diferentes lugares, que estão construindo o cotidiano de todo o mundo.

Posso, portanto, afirmar que o espaço é uma construção humana. Para dar uma direção espacial, fala-se em esquerda, direita, acima, abaixo, em frente, atrás, mas essas posições não são estáticas, elas mudam de acordo com o lugar onde alguém está ocupando. A esquerda de uma pessoa se torna a sua direita, no momento em que ela faz uma volta de 180 graus sobre os seus pés. Se duas pessoas se colocam de frente uma da outra, a esquerda desta é a direita daquela, e vice-versa, ou o que está diante de uma, está atrás da outra. E tudo pode mudar, basta que elas se coloquem de lado, mas nunca no mesmo espaço, pois a física afirma que cada corpo sólido ocupa um lugar, o seu lugar no espaço.

Saindo da física, deparo-me com o espaço enquanto lugar físico, geográfico, o solo onde se pisa, as montanhas que o circundam, os rios que o cortam, que vão em direção ao mar. O país desenhado por seus diversos estados, que fazem fronteiras entre si, demarcando diversos lugares ainda inexplorados e milhares de aglomerados de diversos tamanhos, chamados de

idades. Pode-se designar regiões, territórios, relevos, bacias hidrográficas, ilhas, porque a cartografia é uma das artes mais antigas desenvolvida pelo homem, que vai desenhando os espaços em algum mapa, partindo de uma realidade que ele observa e define, propondo limites imaginários, criando histórias de um lugar. É ele que estabelece a expansão do espaço, ocupando o que lhe convém, determinando a densidade demográfica de cada cidade, demarcando cada limite, a partir do momento em que vai ocupando seus espaços, delimitando um território, produzindo o que posso descrever como o processo de urbanização.

Aqui, se estabelece a relação homem-espaço, visto pelo ângulo da sociologia. O homem da antigüidade, que habitava o campo, por uma necessidade comercial, imposta pelo progresso, passa a estabelecer outros tipos de aglomerados, a iniciar outras relações, a formar o que se denominou de "burgos". Mais tarde, viram cidades, subdivididas em diversos espaços, que circunscrevem as várias interações que o homem mantém.

Por um lado, há o que se pode chamar de uma macro-interação, que se dá nos espaços das instituições político-sociais, com suas regras, normas preestabelecidas que determinam ações socialmente esperadas, de certa maneira anônimas e que especificam o "ideal-tipo", de Weber. Este autor, ao fazer uma análise das formações urbanas ao longo da história, descreve os papéis sócio-políticos desenvolvidos por cada pessoa ou grupo, que vão dando forma a cada metrópole, que se estabeleceram de maneiras diferentes. Independente, entretanto, destas diferenças, Weber⁹¹ diz que, *"por todo mundo, a cidade foi essencialmente um ajuntamento de pessoas, até o momento, estrangeiras ao lugar"*. Ao que se pode inferir que, de certa maneira, é o que ocorre até os

⁹¹ WEBER. *La ville*, p.60.

dias de hoje. O autor mostra que na antigüidade, as cidades se formavam a partir do ajuntamento de delegações enviadas pelas tribos rurais e por possuírem legitimidade política eram responsáveis pelo estabelecimento das mesmas, sendo considerados os únicos cidadãos. A plebe não tinha os mesmos direitos políticos, por não terem linhagem, sendo subdivididas de acordo com seu pertencimento a um território. De uma maneira geral, o advento das cidades está diretamente ligado com o da burguesia, que por fins comerciais construiu-as e que, pela sua força econômica, sempre se colocou no poder. E completando esse quadro das macro-relações no espaço urbano, aparece o servo, que segundo Weber constitui o ideal-tipo da classe trabalhadora, que dificilmente tem uma ascensão ao poder, e que apesar de algumas diferenças existentes entre estes e os escravos da antigüidade *"em todos os lugares o servo foi explorado para fins econômicos"*.⁹²

Por outro lado, há também o espaço que delimita, o que se pode chamar as micro-interações do homem, as mais afetuais, essas que ocorrem no cotidiano com os amigos, com a família, nos lugares onde ocorrem suas ações mais pontuais, como mostra Simmel,⁹³ ao fazer uma comparação entre as interações existentes entre os moradores das grandes cidades e das pequenas. Nestas, as pessoas possuem relações mais estreitas, freqüentemente face à face, enquanto nas cidades maiores as pessoas se tornam mais anônimas e mantêm relações mais frias, desenvolvendo um senso de individualidade. Entretanto, isto não é de todo ruim, pois nas grandes cidades, as pessoas são mais livres para escolher com quem vão se relacionar, e, também, não estão sob os pré-

⁹² WEBER. *La ville*, p.194.

⁹³ SIMMEL. *Philosophie de la modernité*, 1989.

juízos, tão comuns nas comunidades menores, onde as pessoas se conhecem mais. O autor comenta que os seres humanos não são definidos apenas pelo espaço que seu corpo ocupa, mas pela soma das ações que ele desenvolve neste espaço e no tempo. Além de existir uma história externa e uma interna sendo construída, a função das grandes cidades é de fazer uma ligação com o conflito e a busca de unidade entre as duas. Estas histórias possuem um plano único e rico de significações imprevisíveis no desenvolvimento da existência humana, que não se precisa acusar ou perdoar, mas somente compreender.

Assim neste espaço físico, onde se dão as ações humanas, onde se constroem essas histórias, chego a esse espaço simbólico, que cada um partilha em seu cotidiano. Dá-se forma a uma "geografia imaginária", esse "espaço vivido em comum onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos, o espaço onde se inscreve a memória coletiva, o espaço enfim que permite a identificação"⁹⁴ de um grupo, de uma tribo.

Este mesmo espaço que é descrito por Duvignaud⁹⁵ como "o espaço onde nós vivemos, no qual nossa existência 'explode' nas suas mais variadas manifestações. Que nós percorremos, que nós dominamos com formas, linhas. O espaço de nosso corpo, de nosso 'Eros', o espaço da violência e do trabalho. Da guerra e do sagrado... Espaço onde se realizam as trocas e pelo qual somente

⁹⁴ MAFFESOLI. *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*, p.229. (Tradução. livre). Nesse livro o autor faz uma diferenciação entre identidade e identificação. Enquanto a identidade é conferida ao sujeito individual dentro de uma visão teórica e normativa do mundo, a identificação, para o autor, é conferida ao sujeito coletivo, aquilo que identifica o grupo, ou melhor, uma tribo, que se manifesta em um espaço compartilhado em comum. Ele dedica um capítulo desta obra para tal tema.

⁹⁵ DUVIGNAUD. *Lieux et non lieux*, p.123.

as coisas adquirem isto que chamamos de 'valor'... Espaços onde se jogam os sonhos..."

Esse espaço em que cada um constrói sua existência, seja lá como ele se apresenta, é o lugar que permeia o ser no mundo, que deixa marcas presas no imaginário. Espaço da casa, da família, dos amigos, que delimita o viver de uma "tribo", onde as histórias de uns se misturam com as histórias de outros tornando-se de todos.

No caso deste ensaio, esse lugar é a favela onde, apesar das precárias condições, pessoas escrevem suas histórias, trocam, sentem, crescem, vivem, sobrevivem e sonham. Arriscam, diariamente, sua existência, na tentativa de sobreviverem. Relacionam-se neste e com este espaço, partilhando as histórias do lugar, como histórias pessoais e fazendo das pessoais, histórias do lugar. *"O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um meio ambiente natural que partilho com outros. Estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: tempo que se cristaliza em espaço. A partir daí, a história de um lugar se torna a história pessoal."*⁹⁶

É isso que determina a socialidade de que Maffesoli fala. Esse estar junto, compartilhando coisas que possuem um significado especial para quem as vive, no momento em que as vive, neste *espaço cristalizado pelo tempo*.

⁹⁶ MAFFESOLI. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, p.169. (Grifos meus).

NO ESPAÇO DO TEMPO

No espírito olímpico que invadiu o país e o mundo, durante alguns meses do ano de 1996, e deixou adeptos esportivos diante da televisão horas a fio, inicio minhas considerações sobre o tempo.

Diante da “telinha”, torço, vibro e me emociono com esses atletas, heróis contemporâneos, que, como diz o Hino das Olimpíadas de Atlanta, precisam ser “mais forte, mais rápido, mais alto”, vencendo obstáculo após obstáculo, buscando sempre ultrapassar seus próprios limites para ter um momento de glória, subindo no pódio para ter no peito uma medalha. Eles possuem uma relação com o tempo, que muitos não conseguem ter. Sua glória depende do tempo mínimo com que conseguem realizar sua prova, ou da última jogada no último minuto, que pode fazê-los ganhadores ou perdedores.

O estampido soa e o corpo solta-se no espaço, voando contra o vento ou deslizando na água, jogando todo trabalho de anos de preparação contra os segundos que podem fazer de um atleta vencedor ou não. Mente e corpo em um só sincronismo para realizar um sonho, quebrar um recorde e entrar para a história.

A bola rola diante do time que deve mandá-la contra o campo do adversário, na intenção de estar sempre na frente do marcador. No último segundo, no empate incontestável, o atleta se infiltra e marca o ponto, o tempo acaba, seu time ganha.

Numa ou noutra competição, eles estão jogando contra o tempo, contra o segundo final, contra o imprevisível, contra o limite do seu próprio corpo. O instante onde o sonho se realiza ou se desfaz. O nome pode ser escrito na história, ou como de um vencedor, que aos 36 anos de idade, considerada como ultrapassada para o esporte, vence 3 provas distintas e se

consagra; ou como de um perdedor, que ao saltar para ultrapassar um outro e garantir a medalha de ouro, sente no vôo o grito de seu corpo e cai, mergulhando na areia e deixando ali todo o seu sofrimento.

Ao pódio só sobem os três primeiros colocados, no peito brilham as medalhas, a glória, os aplausos. O riso que se mistura com o choro de emoção da vitória, no momento que o hino nacional é escutado e a bandeira sobe, marcando a presença de todo um país. O instante fugaz que passa e se eterniza na memória. Mas, onde estão os perdedores?

No centenário das olimpíadas, dos 197 países participantes, apenas 69 levaram medalhas para casa, fazendo com que a maioria dos atletas permanecesse no anonimato. Muitos não conseguiram nem se classificar para as provas eliminatórias, foram e voltaram misturados à multidão, pois não conseguiram ultrapassar seus limites, não conseguiram ainda vencer o tempo. Mas, vale aqui a máxima do esporte, "o que vale é competir".

Para esses milhares de atletas anônimos vale pela tentativa, o que fica guardado na lembrança, a experiência desse segundo vivido, por tudo que o jogo representa para o ser humano. *"Os Jogos Olímpicos não devem ser vistos como um mero passatempo. Eles são um símbolo da vocação lúdica da criatura humana."*⁹⁷

Nesses instantes de glória ou tristeza, há dois aspectos a serem considerados: essa interação entre atletas e torcedores, que como dizia uma propaganda veiculada durante os jogos: "o torcedor brasileiro é diferente, ele torce, se emociona, veste a camisa, ele joga junto", dentro deste espírito lúdico que é parte inerente do ser humano. E há esse ser/estar junto, construído nesse tempo das olimpíadas, permitindo a comunhão de pessoas de diferentes

⁹⁷ NOGUEIRA. Esporte, imitação da vida, 1996.

raças, credos, que, mesmo na rivalidade, compartilharam o mesmo sonho. Pois, *“no mundo selvagem da nova ordem, do neoliberalismo, da vitória do ter e não do ser, do sacrifício, de milhões de pessoas, como um massacre ou num genocídio, comandado pela internacionalização do capital e do lucro, teve-se, por alguns dias, de volta o amor pela liberdade e a superação humanas. Vivam os jogos olímpicos, vivam os atletas que souberam fazer cumprir seu sonho...graças ao espírito olímpico, ser um pouco mais justos, livres e felizes. O sonho, saibam todos, não acabou”...⁹⁸*

E, como dizem Milton Nascimento e Lô Borges,⁹⁹ *“porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”*. Não envelhecem, pois os homens, atletas ou não, mantém essa estreita relação com o tempo, viver cada dia o imprevisível do momento presente, a inconstância do instante. Eles sabem, no caso das Olimpíadas, que ela vai se repetir daqui a quatro anos e renovam seus sonhos. Da mesma maneira que na repetição das ações humanas no dia-a-dia os homens renovam os seus.

Há, aqui, alguns aspectos a serem considerados sobre o tempo. Não falo, apenas, do tempo mostrado pelo relógio, que vai passando, linearmente, trazendo a vida cronologicamente marcada pelo nascimento, crescimento, velhice e morte. Este tempo é incontestável. Falo desse tempo, que caracterizado pela repetição, faz com que o homem renove, dia após dia, seu contrato com a vida e negocie seu tempo limite. Como diz Maffesoli,¹⁰⁰ *“basta assinalar que a repetição é certamente um meio que uma estruturação social*

⁹⁸ PEREZ. Um sonho que virou pesadelo, 1996.

⁹⁹ Milton Nascimento e Lô Borges. *Clube da esquina 2*.

¹⁰⁰ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.84.

dada como posta possui de negociar com a morte, e de gerir sua angústia frente à aceleração da história”.

É o tempo cíclico, repetitivo, mas mesmo assim imprevisível, que dá a certeza do renovar constante, e relativiza a angústia do finir que o tempo linear impõe. Aqui, se mostra a importância dos rituais na vida humana, na concepção de Maffesoli e de Eliade e mesmo do que é habitual, na concepção de Bachelard. O que fica, é que a insistência das ações, com as quais se constrói o cotidiano, não se esvai na mesmice ou na estagnação, pois se está sempre negociando com o tempo que passa.

Eliade¹⁰¹ afirma que *“o essencial é que há sempre uma concepção do fim e do princípio de um novo período de tempo, baseada na observação dos ritmos biocósmicos, enquadrada num sistema vasto, o sistema das purificações periódicas e da renovação periódica da vida”*. É o que ocorre, por exemplo, com as comemorações do Ano Novo, quando sempre se inicia um novo tempo, renova-se a existência cotidiana. Ou, como diz Maffesoli,¹⁰² *“a repetição pode ser percebida como o horizonte de todo ritual social, em seus aspectos paroxísticos ou patológicos, da mesma maneira que acentua o presente e seu querer viver em suas modulações matizadas e cotidianas”*. Isto é, as diversas formas com as quais me apresento no cotidiano, no tempo em que realizo minhas ações habituais. Aí, Bachelard¹⁰³ completa as concepções sobre esse tempo cíclico, marcado pela repetição, ao dizer que *“um hábito particular é um ritmo leve, onde todos os atos se repetem*

¹⁰¹ ELIADE. *O mito do eterno retorno*, p.67.

¹⁰² MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.81.

¹⁰³ BACHELARD. *L'intuition de l'instant*, p.68. (Tradução livre).

igualando muito exatamente seu valor de novidade, mas sem jamais perder esta característica dominante de ser uma novidade”.

Portanto, nesse tempo cotidiano, onde se repetem as infinitas ações habituais, sempre renovadas, pois estão carregadas dos imprevistos que se apresentam nos instantes vividos, é que se encontra a favela. Neste espaço, onde se encontram os “atletas” da vida, que também estabelecem uma estreita relação com o presente, na tentativa de sobreviver.

A relação deles com o instante presente parece ser mais intensa, pois não se propõem, pela condição em que vivem, fazer grandes projetos. Não afirmo, com isso, que eles não possuem sonhos, pelo contrário. Há uma vida lá que talvez passe despercebida a um simples olhar, que se traduz nas pequenas ações quotidianas. É a conversa no bar da esquina, a cerveja sem compromisso, uma roda de samba, cantar, dançar. A conversa entre amigas, enquanto se lava a roupa, a nova receita do bolo, a comida do dia dividida porque o vizinho está sem nada para comer. São as crianças dividindo espaços e brinquedos novos ou quebrados. A turma para se sair no fim de semana, a nova garota ou o novo rapaz, o novo passo do *rap* que a turma ensaiou junto, para dançar na festa no fim de semana. Coisas que podem ser consideradas sem importância, que se repetem todos os dias, mas que são cheias de significado para quem as vive, “os pequenos nada”. Isto é o que me faz pensar que há uma interação saudável tanto entre os moradores, como com o próprio espaço em que vivem.

Como diz Maffesoli,¹⁰⁴ *“isso mostra bem que o curto-circuito natureza-cultura induz uma nova relação espaço tempo, uma nova maneira de estar junto, a saber que ele pode ter uma crença que*

¹⁰⁴ MAFFESOLI. *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. p.167. (Tradução livre).

não deve nada à linearidade político-econômica, uma crença vivida por ela mesma, uma crença que, não se relacionando à uma finalidade situada fora dela mesma, traduz uma incontestável vitalidade”.

Pois, apesar das condições pouco favoráveis em que vivem, há uma incontestável vida acontecendo. Existe o pertencimento a um grupo que, de uma maneira ou de outra, marca uma existência comum, seja de que forma esta se apresente no cotidiano. Vive-se. Sobrevive-se, desde há muito, neste espaço-tempo da favela. Repetindo ações no dia-a-dia, negociando com a morte e reafirmando o contrato com a vida. Sabendo que *“repetir significa negar o tempo, é o signo de um “não tempo” que caracteriza o concreto da vida cotidiana, o instante vivido”*.¹⁰⁵

¹⁰⁵ MAFFESOLI, Michel. A conquista do presente. op. cit. p.82

7. DELINEANDO UM ESPAÇO ATRAVÉS DO TEMPO:

A FAVELA

**“Urbaniza-se? Remove-se?
 Extingue-se a pau e a fogo?
 Que fazer com tanta gente
 brotando do chão, formigas
 de um formigueiro infinito?...
 ...Um som de samba interrompe
 tão sérias indagações
 e a cada favela extinta
 ou em bairro transformada
 outra aparece, larvar,
 rastejante, insinuante,
 grimpante, desafiante
 de gente qual gente: amante,
 esperante, lancinante...
 O mandamento da vida
 explode em riso e ferida.”**
 (Carlos Drummond de Andrade -
 Crônicas das favelas nacionais -
 in: Valla)

Poderia dizer que “favela” sempre existiu. Senão em sua forma física, como a vemos hoje, um aglomerado de habitações populares, sem nenhum planejamento arquitetônico estabelecido, casas ou barracos construídos com um mínimo de recursos materiais, onde centenas, milhares de pessoas dividem um mesmo espaço; ou pela questão de exclusão, daqueles que vivem à margem de qualquer sociedade, pois chegaram de outro lugar, são estrangeiros e, portanto, sem direitos.

Alguns aspectos devem ser considerados na construção das favelas. Historicamente, sua origem está nos cortiços, as casas de cômodos que delinearão a vista de algumas cidades do Brasil, no início do século, como São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente.

Muitos dos estrangeiros que vieram atraídos pela oferta de trabalho na lavoura, depois da abolição da escravatura, ao chegarem ao país, não seguiram para o campo. Alguns por escolha, outros por não encontrarem quem os quisesse empregar, permanecendo assim nas cidades. Moravam geralmente nessas casas, consideradas como “habitações anti-higiênicas”, motivo principal que levou o governo da época a destruí-las, dando início à política de remoção das famílias para outros lugares, que permanece até os dias de hoje. Muitas destas destruições foram feitas com picaretas ou com fogo, na intenção de destruir totalmente o “mal”.

Valla¹⁰⁶ realizou um interessante trabalho histórico sobre as favelas do Rio de Janeiro. O autor coloca que *“o uso da picareta na destruição do cortiço simboliza, ao nosso ver, a maneira como as autoridades encaram a habitação popular até hoje. Em outras épocas usar-se-á fogo. O efeito e o significado são os mesmos: o problema da habitação popular é visto como algo exterior, algo não previsto dentro do processo histórico da expansão do capitalismo — um desajuste a ser corrigido”*.

A partir daí ressaltou algumas questões sobre a favela e suas relações, a nível institucional. A primeira delas é a favela não ser apenas o resultado de um desenfreado êxodo rural. De fato, se percorrermos um pouco mais a história se verá que na década de 60, quando se vivia sob a égide do “milagre econômico”, as cidades do Sul e do Sudeste do país ofereciam melhores condições de trabalho e de vida, com maneiras miraculosas de enriquecimento, atraindo sobretudo as populações que fugiam da seca do nordeste. Sabe-se, portanto, que não foi bem assim, pois o “milagre” só aconteceu para uma minoria. Entretanto, mesmo que esta migração tenha sido causa desse processo de favelização, como Valla se

106 VALLA. *Educação e favela*, p.29. (Grifos meus).

refere, outras causas se juntam. A cidade, seja ela qual for, oferece recursos diversificados para o homem, mas urbanização atrela em si a questão da habitação, entre outros. O processo cada vez mais crescente da industrialização, do comércio, da tecnologia, e a queda acentuada da agricultura dificultam a permanência na zona rural. Junte-se a isso, o fato de, atualmente, não serem só os moradores do campo que partem para as cidades grandes, como também não são apenas estas que criam favelas em torno de si, as cidades de médio e pequeno porte se tornam, às vezes, escalas para as primeiras, sendo também alvo neste processo. Constatei isso recentemente, quando conheci uma cidade do interior da Bahia de mais ou menos 10 mil habitantes. Com a queda da produção do cacau, os trabalhadores das fazendas mudaram-se para a cidade, criando ali algumas favelas. Na maioria das casas, construídas de pau a pique, encontrei mãe e filhos, enquanto os maridos haviam viajado para algum outro lugar, que variava de cidades vizinhas de médio porte a algumas capitais do país em busca de trabalho. Por outro lado, por causa do uso irracional da tecnologia, que traz consigo o desemprego, aumentando consideravelmente a carência sócio-econômica da população, várias são as famílias que vêm na favela a solução de moradia, pelo baixo custo que ela apresenta. Assim, a favela hoje aglomera "migrantes" rurais, de outras cidades e de sua própria cidade.

Outra questão a ser considerada é que como a favela não é uma parte prevista da urbanização deve ser removida, pois apesar de seu caráter marginal, periférico, ela não é construída em regiões longínquas, pelo contrário é estabelecida, geralmente, em áreas mais próximas do centro da cidade, onde estão os aparatos urbanos. Isso apresenta dois aspectos distintos: o primeiro é de caráter político-econômico, pois muitas vezes essas regiões são foco de especulação imobiliária, o que impede a concessão da

terra a quem já mora ali, fazendo com que essas pessoas sejam removidas. Em contrapartida, o segundo aspecto, de caráter sócio-econômico, atrela a questão da sobrevivência, pois justamente a proximidade com a região mais central, facilita o acesso dos moradores a toda estrutura que a cidade pode oferecer. Mas, a política de remoção, iniciada na década de 70, é uma realidade até hoje geralmente fundamentada nas precárias condições de saúde, na baixa qualidade de vida que se enxerga lá. O estereótipo da favela mostra que os moradores apresentam um baixo nível de conhecimento, são como criancinhas que precisam ser educadas, conduzidas, pois eles não sabem o que querem, cabendo a outros a determinação de suas necessidades. Por isso, os governos constróem conjuntos habitacionais, com casas de alvenaria, banheiro dentro de casa, água corrente e luz, o que muitos não tinham anteriormente, mas... nem todas as famílias podem comprá-las, mesmo vendidas a preços módicos. Além do que, estes conjuntos estão localizados longe do trabalho, da escola do filho, do posto de saúde, do hospital e, principalmente, dos amigos ou do que se tinha como lazer, pois, na sua grande maioria, não há lugar para todos os habitantes que habitam tal favela em via de "extinção". Sobre isso, diz Perlman:¹⁰⁷ *"Como as pessoas são espalhadas nos novos conjuntos com base em seu nível de renda, e não de seus conhecimentos sociais e familiares, a estrutura de apoio da favela não sobrevive à erradicação... Em seu novo ambiente, os favelados encontram-se separados dos serviços urbanos com que contavam nas favelas... Os moradores de conjuntos também ficam isolados dos fatores urbanos que enriquecem a vida... afinal com freqüência era por causa deles que*

¹⁰⁷ PERLMAN. O desenvolvimento e as favelas: adaptar o favelado à vida urbana e nacional, p.106.

as pessoas tinham vindo morar na cidade... Nesta atmosfera de desconfiança e insatisfação com as condições de moradia, a organização de atividades comunitárias como associações esportivas, clubes de jovens, escolas de samba e até grupos religiosos , parece condenada ao fracasso."

Tive a oportunidade de constatar, em momentos distintos de minha vida, duas situações que exemplificam esses dois aspectos citados acima. O primeiro, data de fins da década de 70, quando pertencia a um grupo de jovens, envolvido com trabalhos de comunidade de base, tão comuns na época. Atuei em uma das comunidades mais antigas de Belo Horizonte, chamada Morro do Papagaio, localizada na região centro-sul da cidade. Para quem chega pela estrada que liga Belo Horizonte ao Rio, ao fazer a última curva, depara-se com uma vista, à sua esquerda, de toda a cidade, que faz justiça ao nome — belo horizonte. Continuando a andar pela estrada a vista é cortada por um morro, onde já se localizam as primeiras casas da comunidade. Esta se delinea lateralmente em relação à via, circundando praticamente todo um bairro vizinho denominado de São Pedro, estendendo-se até uma outra comunidade conhecida como Barragem Santa Lúcia. Nos fins dos anos 70, um novo bairro começava a ser construído na cidade, no morro à direita de quem chega, que margeia a via, vizinho de frente do Morro do Papagaio. O contraste se faria muito grande, já que as construções ali são mansões e o panorama visto de lá não seria muito bonito. As terras ali valorizaram-se, resultando na remoção de alguns casebres construídos na encosta do morro. Os que permanecem ali até hoje estão meio espremidos por outras construções, inclusive uma grande distribuidora da Coca-Cola. Também o Bairro São Pedro começou a expandir-se para o morro, empurrando as casas mais para o interior. As famílias, portanto, foram transferidas, mas encontrei-me algum tempo depois com

algumas delas de volta para o Morro do Papagaio; inclusive a comunidade da Barragem Santa Lúcia iniciou-se na década de 80, com famílias que haviam sido removidas do Morro.

A outra situação mais recente foi no bairro Monte Cristo em Florianópolis, onde como membro do Gapefam¹⁰⁸ atuei junto às comunidades Chico Mendes, Novo Horizonte, Santa Terezinha e Via Expressa, nos trabalhos ali desenvolvidos pelo grupo. Estas comunidades estão localizadas ao lado da via de acesso à cidade e apesar de serem distintas umas das outras, separam-se fisicamente apenas por uma rua, não se sabendo ao certo quando uma inicia ou a outra acaba. O problema maior ali de remoção era com os moradores da Via Expressa, pois existe um projeto de duplicação da via, que exigiria a saída das famílias que habitam lá. Em 1993, houve as primeiras remoções feitas pelo Governo do Estado, que havia construído no município de Biguaçu, distante uns 20 quilômetros de Florianópolis, o conjunto habitacional Morro do Viveiro. *“Esse condomínio tem, segundo o governo, uma infraestrutura habitacional, e será vendido às famílias a um valor dito popular. Aqui existe um pequeno problema: as pessoas trabalham geralmente em Florianópolis e o acesso de ônibus não é dos melhores. Não existe, segundo algumas famílias, uma escola próxima que assista as crianças em idade escolar. Resultado: algumas famílias que foram levadas para lá voltaram.”*¹⁰⁹ E as autoridades não conseguiam entender o porquê.

¹⁰⁸ Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na área da saúde da Família, coordenado pela Dr.^a Ingrid Elsen, do qual participei durante o período em que cursei Mestrado e o Doutorado em Enfermagem da UFSC, como já mencionado anteriormente.

¹⁰⁹ PENNA. *Necessidades...* uma discussão acerca de saúde e moradia, p.67-77.

Existe aí o que Maffesoli chama de “resistência passiva da massa”. Em momento algum, nem no Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Florianópolis, os moradores lançaram mão de alguma resistência declarada, aberta, contra as decisões das autoridades, pelo contrário, aceitavam passivamente acreditando, inclusive, que elas estavam fazendo isto para o seu bem. Iam e retornavam, impreterivelmente. Isto foi constatado por Abrantes,¹¹⁰ na década de 70, no Rio de Janeiro, no período da ditadura militar. Diz o autor: *“No que toca aos moradores, a trajetória Favela-Conjunto Habitacional foi uma verdadeira via crucis. Aliás, essa trajetória acabou se tornando circular, já que depois de se estabelecer nestes locais grande parte era obrigada a voltar para as favelas. Os moradores tinham consciência de que suas condições de vida iriam piorar e em alguns casos tentaram resistir à remoção. Mas o momento político... era de repressão aberta e as autoridades não hesitaram em intervir nas Associações de Moradores... prendendo vários de seus líderes... Frente a essa situação os moradores não tiveram outra saída senão se submeter às determinações oficiais.”*

Se naquela época cediam por imposição militar, hoje, ela já não existe. Presenciei em Florianópolis toda uma ponderação por parte dos políticos para realizarem a remoção de forma pacífica, sem a necessidade do uso da força. Presenciei, também, a aceitação sem resistência dos moradores, que foram para o Morro do Viveiro, mas acabaram voltando.

O fato é que o problema continua. O que fazer com os moradores da favela? Eles querem morar nas regiões mais centrais da cidade, como qualquer outro cidadão, porque lhes facilita a vida em termos até mesmo da economia doméstica, mas não se pode

¹¹⁰ ABRANTES. *Novo período de redemocratização: política de urbanização*, p.112.

esquecer que a favela não está prevista em qualquer processo de urbanização. Eles querem na realidade ter a propriedade do lugar, onde possuem sua moradia, mas isso fica somente nas promessas de políticos elegíveis. O que nos faz pensar que além de uma reforma agrária, precisamos de uma reforma urbana, para atender os milhares de “sem-terras urbanos”, que existem.

Essa questão das promessas nunca cumpridas é descrita por Gilberto Gil, na letra de sua música *Procissão*:

Olha lá vai passando a procissão
se arrastando que nem cobra pelo chão
as pessoas que nelas vão passando
acreditam nas coisas lá do céu
as mulheres cantando tiram versos
e os homens escutando tiram o chapéu
eles vivem pensando aqui na terra
esperando o que Jesus prometeu
E Jesus prometeu vida melhor
Pra quem vive neste mundo sem amor
só depois de entregar o corpo ao chão
só depois de morrer neste sertão
eu também estou do lado de Jesus
só que acho que ele se esqueceu
de dizer que na terra a gente tem
de arranjar um jeitinho pra viver
Muita gente se arvora a ser Deus
e promete tanta coisa pro sertão
que vai dar um vestido pra Maria
e promete um roçado pro João
entra ano e sai ano e nada vem
meu sertão continua ao Deus dará
mas se existe Jesus no firmamento

cá na terra isto tem que acabar

A promessa de qualquer forma é humana, pois o que Deus prometeu através de seu Filho são na realidade interpretações dos homens, sempre arvorando em ser Deus. Essas promessas parecem que só irão se concretizar em algum lugar que não é conhecido aqui na terra, ou seja, o lugar nenhum, pois, afinal de contas, essa vida melhor prometida por Jesus, só acontece com a morte, depois de entregar o corpo ao chão, esse mesmo chão tão perseguido em vida. Como bem diz o poema, *Funeral de um Lavrador*,¹¹¹ “esta cova que estás, em palmo medido... é a parte que te cabe neste latifúndio, não é cova grande, é cova medida, é a terra que querias ver dividida”. Esta terra, que pelo visto só se tem com a morte, realmente. Propõe-se, aos que penam aqui na terra, que se coloquem numa “atitude de espera”, e passem a achar que o momento desta vida prometida vai chegar, de uma hora para outra. Essa atitude que, como diz Crespi,¹¹² “recusa viver a oscilação que caracteriza o presente, mas busca ‘um outro lugar’, sem ver que a única verdadeira utopia é compreender que não há lugar para o homem fora desta oscilação e não pensar o ‘não-lugar’ como o lugar real”. Mas a dura realidade é descobrir que Jesus esqueceu do principal e que se faz necessário aprender formas de vencer esse mundo sem amor, arranjando um jeitinho pra viver, porque é isso que a vida espera que o homem faça, viva-a, mesmo se for penando. E João e Maria vão escutando estas promessas nunca cumpridas, sem perder a fé no céu, cantando, rezando, se arrastando pelo chão, tão desejado. O compositor coloca um pouco de dúvida na existência de Jesus, pois se ele existir lá no céu, essas coisas devem, quem sabe, acabar um dia aqui na terra.

¹¹¹ Da peça musical *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, musicada por Chico Buarque de Holanda.

¹¹² CRESPI. Os riscos do cotidiano, 1993.

Esta música traz, também, este espírito religioso, místico, que é uma característica cultural marcante do brasileiro. Aqui se estabelece uma relação da favela com a questão da religiosidade. Por um lado, tem-se a questão da religião institucionalizada, da Igreja, que possui uma história feita de ajuda aos necessitados, por outro o significado de pertencimento, de comunhão, a religião no sentido de “re-ligare”, religação de si com o outro.¹¹³

Inicialmente, segundo Rios,¹¹⁴ a igreja sobe a favela, reproduzindo o que o Estado propunha, com a diferença de que ao prestar assistência aos moradores não se impunha a força e, sim, a benevolência. A idéia de que os moradores precisam de quem os pajeie continua, pois o medo da igreja na década de 60 era que se grupos políticos se instalassem na favela, pudessem transformar os moradores em comunistas. A igreja vai, portanto, reproduzir o estado até a década de 70, quando se inicia a Teologia da Libertação e suas comunidades de base, quando alguns padres começam a se rebelar contra a tradição e passam a enxergar que os moradores também são capazes de participar e de decidir sobre sua vida, desde que sejam educados para tal. Esta participação vai desde a discussão e busca de resolução para os próprios problemas até a construção de igrejas e centros comunitários, na própria favela.

Hoje não é só a Igreja Católica que marca sua presença nos morros, diversas são as orientações religiosas disseminadas ali, que vão desde as evangélicas até as espíritas, sendo que muitas vezes ocupam as mesmas ruas. Muitos moradores costumam freqüentar mais de uma, sem o menor constrangimento e tanto convivem com padres, pastores e pais de santo, como ajudam na

¹¹³ Maffesoli, Michel. Anotações em sala de aula, 1995.

¹¹⁴ RIOS. *O desenvolvimento e as favelas: adaptar o favelado à vida urbana e nacional*, 1986.

construção de igrejas e templos. Valla¹¹⁵ comenta que, se por um lado, isto é uma forma de exploração por parte das instituições, pois a mão de obra é praticamente gratuita, doada pelo morador, por outro lado, *“o fato de aceitar esta forma de exploração da sua força de trabalho não se explicaria apenas pela sua religiosidade, mas também pela percepção de que a construção de um prédio das proporções de uma capela ou templo contribui para a radicalização definitiva da favela”*. Desta forma, os moradores asseguram, também, a participação nas festas religiosas, quermesses, barraquinhas e mesmo a doação de algum benefício, como cestas básicas, roupas, resultado das diversas campanhas que as igrejas fazem. É a busca de aprender um jeitinho de viver.

A última questão levantada aqui é a relação de favela e qualidade de vida. Morando em condições precárias de higiene, sem saneamento básico, cinco ou dez pessoas habitando um espaço onde mal caberiam duas ou três, comendo, muitas vezes, uma vez por dia, é inconcebível pensar em saúde. É mais fácil imaginá-los sempre doentes, mas como Laplantine¹¹⁶ disse, cada um de nós desenvolve um senso de preservação, o que parece nos fazer resistir sempre. Os moradores de lá podem estar mais susceptíveis, mas não são, necessariamente, “doentes”. Eles podem não viver da maneira que a sociedade imagina que eles devam viver, no lugar que ela acha melhor para eles, como se os moradores da favela não tivessem condições de decidir por si. Não é também o fato de considerar tais condições de vida como normais, mas a proposta é de se começar a encarar o fenômeno favela sob um outro ângulo. Viver em favela, hoje em dia, não é fazer uma simples opção pela promiscuidade, marginalidade, é

¹¹⁵ VALLA. *Educação e favela*, p.194.

¹¹⁶ LAPLANTINE. *Antropologia da doença*, 1991.

antes de tudo fazer uma opção pela sobrevivência, num mundo em que o empobrecimento anda a passos galopantes. Não se pode querer homogeneizar todos os moradores da favela. Hoje moram nela, lado a lado, convivendo diariamente, trabalhadores fixos, temporários e desempregados; policiais e contraventores; crianças que estudam ou não, muitas que trabalham. Desenvolvem um senso de comunidade e de solidariedade, muitas vezes, não compreendido por nós, os não moradores. Podem, por exemplo, proteger um traficante de drogas por simples camaradagem.

O Gapefam trabalhou com uma família na comunidade de Chico Mendes, onde se supunha que o pai, um jovem de uns vinte anos, teria sido preso por venda de drogas, fato nunca confirmado nem pela família, nem pela vizinhança. Um outro mais cruel ainda, do pai que, segundo a avó, molestava sexualmente o filho. O grupo ficou sem ação durante um período, pois a mãe recusava-se a fazer qualquer tipo de denúncia. Ele foi preso e morreu "não se sabe como". Passado algum tempo de sua morte, a mulher comentaria com alguns membros do grupo que a vida estava pior sem ele, pois mesmo sendo do jeito que era, pelo menos, ele era o verdadeiro homem da casa, era bom para ela e, principalmente, punha dinheiro dentro de casa, não deixando a família passar fome.

Inúmeros são os exemplos que poderiam ser dados. Entretanto, como diz Valla,¹¹⁷ *"percebe-se que o problema da habitação popular é sempre visto como algo estranho à sociedade, um fenômeno canceroso que precisa ser erradicado. Assim, as soluções adotadas pressupõem a culpa dos moradores da favela, que inicialmente devem ser coagidos, e, com a crescente complexidade do problema, reeducados. As soluções não incluem a participação dos moradores. Afinal, eles já haviam participado, uma*

¹¹⁷VALLA. *Educação e favela*, p.42.

vez que 'criaram' o próprio problema. Daí, a necessidade de soluções autoritárias." O fato, porém, é que a favela não pode ser mais encarada como "um fenômeno canceroso que precisa ser erradicado". Ela não é um "problema", criado pelas pessoas que passam a morar na favela ou que a constroem, pelo contrário, ela é uma solução de moradia, uma tentativa de sobrevivência, usufruindo daquilo que os aparatos urbanos possam oferecer.

A compreensão desse morar ultrapassa qualquer questão institucional que se possa ter. Trata-se de um "problema" do desenvolvimento urbano desenfreado, que vem ocorrendo vertiginosamente e que exclui quem não se adapta. Assim, os "estrangeiros" se encontram na favela e constroem o que poderíamos designar como sua "tribo", no sentido que M. Maffesoli dá a essa expressão. É o pertencimento a um grupo que partilha as mesmas idéias, os mesmos problemas, com aqueles que realmente podem contar. Desenvolvem uma solidariedade e aprendem a dividir o que não têm, ou juntar coisas para terem algo.

Um dia andando pela comunidade da Via Expressa, em Florianópolis, perto de algumas casas que ocupavam praticamente o mesmo terreno, observei um grupo de mulheres conversando, em torno de um forno de barro feito no chão da parte externa da casa, de onde saía uma fumaça e um cheiro de algo assando. Algumas crianças brincavam ali por perto. Aproximei e comecei a conversar com elas, pois estava procurando uma das famílias que era assistida pelo Gapefam. Perguntei o que estavam fazendo, ao que a dona da casa me respondeu que eram pães. Contou-me que quase toda a semana ela e as vizinhas dividiam os ingredientes para fazerem os pães e no final os dividiam. Às vezes, uma delas não podia contribuir com nada, mas geralmente chegava com o café, o que lhe dava o direito de ganhar um pedaço. Vivem, assim, na favela a "socialidade", o "estar-junto" hoje, pois amanhã podem

não ter muita certeza se estarão no mesmo lugar. Ali mesmo naquele lugar da Via Expressa, as famílias estavam para ser removidas.

Eles possuem time de futebol para jogar ou a escola de samba, a roda de batucada, as festas nos fins de semana, coisas que congregam pessoas. O solo pode não lhes pertencer, mas estão fazendo naquele espaço uma vida em comum, e mesmo que sejam removidos dali, viveram, experienciaram juntos algo que ninguém pode lhes tirar. É esta a relação do homem com o seu espaço, construindo histórias no seu dia-a-dia, concomitantemente a diversas outras histórias, que devem estar sendo vividas em outros lugares. O *"lieu devient lien"*, ou seja, o lugar que se torna ligação, laço, *"que faz com que a agregação em torno de um espaço seja o dado básico de toda forma de socialidade"*, que dá *"o cimento da agregação — que poderíamos chamar experiência, vivido, sensível, imagem — é o cimento composto pela proximidade, pelo afetual (ou pelo emocional)"*, segundo Maffesoli.¹¹⁸

Como, por exemplo, contou a atriz Patrícia Pilar, que atualmente representa uma "bóia-fria", "sem terra" na novela *O Rei do Gado*, da Rede Globo. Por necessidade na construção da personagem, a atriz fez um "estágio" com mulheres bóias-frias do interior de São Paulo. Em uma entrevista, ela disse que esperava encontrar mulheres tristes, sisudas, mas, para sua surpresa, encontrou pessoas capazes de cantar, contar histórias engraçadas, fazer piadas de sua própria situação e rir. Descobriu pessoas felizes e mudou sua opinião sobre elas. Para mim, é a expressão de ser saudável, buscando formas de cristalizar o espaço das relações, onde, apesar das diversidades, é possível ser feliz.

¹¹⁸ MAFFESOLI. *O tempo das tribos*, p.181 e 207.

Esse espaço que pode apresentar-se no tempo de formas variadas, que se fundem umas às outras, mas que não se esgotam. E é de algumas dessas formas que falo a seguir.

8. DELINEANDO ALGUNS MATIZES

“A espacialidade é um conceito, ou antes, no sentido dado por G. Simmel, uma “forma” que se modula de várias maneiras”.

(Michel Maffesoli - A conquista do presente)

Maffesoli afirma que o espaço é uma forma que se modula de várias maneiras. Se considero que este espaço — físico — que é a favela circunscreve este outro espaço, que é o das interações, essa pode, então, se modular em várias formas.

Recordo que, para Simmel, a forma informa, deforma, reforma e transforma, como já dito anteriormente, o que ela quer mostrar, no tempo e no espaço, em um movimento contínuo. É ver a profundidade da aparência, sem deixá-la de lado, sem querer limpá-la, é observá-la antes de encontrar o seu conteúdo e me ater somente nele. Recordo, ainda, que, para o autor, uma forma pode moldar-se em vários conteúdos e cada um destes pode se moldar a várias formas, reafirmando esse movimento contínuo, que é a dinâmica social. Fazem parte dos conteúdos as ações recíprocas dos homens, aquelas que são esperadas nas relações sociais, como já foi apresentado em capítulo anterior.

Assim, para continuar refletindo sobre a favela, apresento quatro formas que, para mim, modulam a favela neste espaço-tempo. Elas não se esgotam em si próprias, isto é, existem muitas outras formas para descrevê-la, mas neste ensaio foram estas as escolhidas, fruto de minhas observações. São elas: a violência, o risco, o lúdico e o simbólico no espaço-tempo da favela.

A violência no espaço-tempo da favela

Afirmo que falar de violência é uma tarefa tão complicada quanto falar de amor, por exemplo. Sobre os dois se têm as mais diversas explicações, as quais parecem sempre remeter à necessidade de uma escolha e aceitação de uma delas como verdade. Ao buscar, portanto, encontrar uma explicação para a violência, pode-se chegar à questão de causa e efeito e considerá-la como uma das Leis de Newton que para cada força exercida sobre um corpo existe uma força contrária.

Dessa maneira, a violência sempre se coloca como resposta a uma outra violência exercida anteriormente, que vai dar origem a uma outra resposta. Se nas relações da sociedade, pelo poder do dinheiro, uns dominam outros, têm mais que eles, é de se esperar que estes se revoltem de alguma maneira e tentem conseguir o que, por direito, podem pensar que lhes pertence. É a desigualdade social que causa a pobreza, a miséria que provoca a criminalidade, que tem que ser exterminada, seja por que meios for, inclusive os violentos.

Dadoun¹¹⁹ afirma que nas relações é inconveniente exercer uma violência sobre alguém, mas tudo muda se exercer o que ele denomina de uma "contra-violência". Segundo o autor, parece não existirem violências verdadeiras na humanidade, somente reações àquelas sofridas, geralmente violentas, que apresenta o homem como um *ser-contra*.

Entretanto, vista dessa maneira, a violência se apresenta como o conteúdo de uma forma. Isto é, tenta-se explicar a violência como uma ação recíproca, esperada. Atos violentos desembocam

¹¹⁹DADOUN. *La violence: essai sur l'homme violent*. p.46. (Tradução livre).

reações violentas. É de se esperar que na sociedade contemporânea, com o progresso gerando a desigualdade social, o desenvolvimento desordenado e galopante das cidades, a violência se mostre imperiosa, fato que não se pode negar. Tanto que analistas sociais nomeiam de violência urbana, como se existisse, talvez, uma violência rural diferenciada, ou em menor quantidade, quem sabe.

O fato é que apesar da violência ser uma realidade no país, alguns fatos exacerbam sua presença de tempos em tempos, haja vista os últimos acontecimentos que marcaram São Paulo e que resultaram na campanha contra ela, veiculada pela mídia.

Esta violência pontual, que causou a morte de um dentista e uma estudante em um bar zona sul da cidade, parece ter despertado na sociedade sua presença constante e a consciência dela ser uma ameaça, cada vez mais, materializada. A violência passa a ter rosto e nome. O assassino da jovem é um adolescente de 16 anos, já com um passado criminal. Há três anos atrás, aos 13 anos, matou um economista, sendo condenado a dois anos de reclusão na Febem. Saído da instituição há alguns meses, veio cometer um outro crime, sem nenhum motivo que o justifique, o que o condenou, novamente, para o mesmo lugar. A reportagem do "Fantástico"¹²⁰ apresentou a opinião emitida pelo psiquiatra que o orientou nestes anos. Ele afirma não ter sido e nem ser este o melhor para o garoto, pois a Febem não tem estrutura para casos como esse, mas que não existe, no momento, outra solução. Há, porém, a opinião de uma outra psiquiatra entrevistada que diz que se desde a primeira vez ele tivesse tido a oportunidade de ter um acompanhamento médico, junto de um ambiente familiar, a situação poderia ser diferente. Mas que diante da atual condenação, ela não

¹²⁰FANTÁSTICO. Jornal da Rede Globo de Televisão, 1 set. 1996.

gostaria de encontrar o garoto, daqui a dois anos, quando voltará para a sociedade, pois ele não terá nenhuma chance de recuperação. Onde está sua família? Espanto-me com a continuidade da entrevista, quando a madrasta do rapaz, chorando, afirma não saber o que o fez ser desse jeito. Onde está sua mãe? Assassinada quando ele tinha dois anos de idade. O fenômeno violência parece não ter origem e ser cíclico, inacabado, inesgotável. Se contraventores são julgados e condenados por seus atos de violência contra a sociedade, esta os violenta colocando-os em condições subumanas para a sua recuperação. Já perdi a conta de quantas rebeliões ocorreram nas ditas cadeias públicas, onde presos se matavam como protesto, pois a lotação ultrapassava o dobro, às vezes o triplo, do número permitido.

Causa-me espanto, também, o que escreve Bernardes¹²¹ sobre as mortes referidas acima: *“Essas mortes estúpidas, absurdas pela futilidade, desencadearam uma daquelas comoções que revoltam as grandes cidades quando o banditismo sai dos bolsões dos bairros pobres da periferia e vem bater às portas da classe média.”* É como se tudo fosse permitido e permissível nas favelas, como se lá a violência fizesse normalmente parte do cenário, onde só habitassem bandidos, contraventores.

Entretanto, não se pode esquecer que na favela também moram famílias, trabalhadores, que essa mesma sociedade empurrou para lá, resultado do desenvolvimento desigual da população. O fato de se morar à margem da sociedade não faz do morador um criminoso em potencial; e, apesar de compartilhar dessa violência em seu cotidiano com bandidos, não pode carregar o estigma de marginal, bandido, sem que o seja, na realidade. Afinal, a favela não abriga um grupo homogêneo; nela,

¹²¹ BERNARDES. A morte às nossas portas, p.76-87. (Grifos meus).

também, as pessoas se reagrupam de acordo com as afinidades. Pode-se conhecer todo mundo, mas nem todo mundo faz parte da mesma "tribo".

Essa herança que o racionalismo moderno deixou, o de querer homogeneizar tudo e todos, não querer perceber que há diversidade mesmo nos grupos que pensa serem homogêneos, é um de seus maiores defeitos, e induz reportagens como essa referida acima. Não há justificativa nem para as mortes, nem para esse comentário preconceituoso, que representa o pensamento de muitos, enquanto a violência existir nos morros, a vida pode continuar sem problemas. Só que a violência não é privilégio de muitos ou de poucos, ela é algo inerente ao homem, presente em inúmeras ações que passam despercebidas no dia-a-dia, das quais o crime representa um de seus aspectos. Assim, na tentativa de compreender a violência não posso me ater somente neste aspecto, o da criminalidade. Mesmo porque, como diz Maffesoli,¹²² *"a criminalidade só pode ser medida em função do grau de justiça de uma sociedade; ora, como a história não nos dá exemplos de sociedade totalmente justa, é impossível avaliar de uma maneira normativa ou judicativa o que se chama criminalidade"*. De fato, que parâmetros reais se possui para julgá-la? Colocá-la dentro de qual norma? Não quero, com esses questionamentos, começar a fazer apologia ao crime. Somente tentar entender a violência, repito, sem tomar um partido, mas ver sua presença como algo inerente ao ser humano, uma construção cultural, que vem se delineando através da história da humanidade.

Apesar de várias pessoas afirmarem que ela vem se tornando mais presente e mais constante no mundo contemporâneo, provavelmente, trata-se da transmissão diária da

¹²²MAFFESOLI. *A dinâmica da violência*, p.41.

violência pelas emissoras de televisão, nos jornais, nos semanários, imagens e reportagens faladas, escritas e por ser este o tempo em que se está vivendo. Pois, sendo a violência um fenômeno inerente ao homem, não é privilégio da atualidade. Não há período da história sem algum fato violento. Ela sempre se fez presente nas conquistas humanas. Os limites de grande parte dos países, como são conhecidos hoje, foram estabelecidos através das guerras. Se ficar somente nesse milênio, pode-se citar as Revoluções Francesa, Inglesa e Russa como exemplos. Nesse século, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com o holocausto dos judeus, são marcas inesquecíveis. Há, ainda, a Guerra do Vietnã, mais recentemente a do Golfo, sem contar as guerras civis espalhadas em cada canto do mundo, a situação dos países do Leste Europeu e a Guerra Fria entre as grandes potências. Além de todos os acontecimentos terroristas que servem para completar esse quadro, como as bombas colocadas em Paris no ano de 1995, representando a resposta de grupos, distintos e discriminados, contra as violências denominadas institucionalizadas, que, no caso específico, a França, querendo retomar o que denomina de retorno ao nacionalismo, está impingindo sobre alguns imigrantes.

Assim, a violência não se apresenta apenas na atualidade. Tanto que ela preocupa estudiosos desde o século passado, como pode se ver em Simmel e Weber. Dos estudos sociológicos sobre o tema, independente de Simmel chamar de "conflito", Weber de "dominação", Foucault de "poder" e Maffesoli de "violência",¹²³

¹²³Esses quatro autores não são os únicos que possuem trabalhos sobre a violência. Cito-os, aqui, pela leitura que tenho de seus trabalhos. A reconhecida genealogia do poder de Foucault, na sensível análise que esse autor fez das relações entre dominantes e dominados em seus livros, em espaços específicos como o hospital e a cadeia, e também o corpo como finalidade de dominação. Weber, um dos

pode-se traçar um paralelo e afirmar que quando existem grupos humanos reunidos interagindo, esta se apresenta como uma das formas de expressão do homem, como fator estruturante do social. E, acompanhando a linha de pensamento desses autores, coloco o lado positivo da violência em evidência, dando-lhe uma forma.

Aqui, a violência é estruturante de uma sociedade, pois esta, como diz Simmel,¹²⁴ *“para alcançar uma determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis... Sociedades definidas, verdadeiras, não resultam apenas das forças sociais positivas e apenas na medida em que aqueles fatores negativos não atrapalhem... a sociedade, tal como a conhecemos, é o resultado de ambas as categorias de interação, que se manifestam desse modo como inteiramente positivas.”*

A violência, portanto, como “categoria de interação”, é um fenômeno positivo, mesmo que, para muitos, pareça ser inaceitável pensá-la como tal. Entretanto, não se pode iludir de que exista entre os homens sempre a escolha entre o bem ou o mal, entre a guerra ou a paz, entre o amor ou o ódio, entre a harmonia ou a desarmonia. O viver cotidiano me mostra que existe, sim, a presença do bem e do mal, da guerra e da paz, isto é, de um e do outro e não a existência de um ou do outro. Desta forma, a violência se reafirma como estruturante de uma sociedade.

primeiros a tratar da violência como antagonismo entre forças distintas, mostrando a divergência entre desejo e necessidade. Simmel, que mostra o conflito como estruturante da sociedade, pois não há interação harmoniosa. E Maffesoli que vem falar de uma resistência passiva, sem lutas, como uma brecha da anomia no mundo do progresso.

¹²⁴ SIMMEL. *Sociologia*, p.124.

Maffesoli coloca a violência como vetor de anomia na ordem estabelecida. Não existe unanimidade, igualdade nas relações sociais. O fato é que, como estruturante de uma sociedade, ela tira a máscara da igualdade que o racionalismo moderno quer nos impingir, e mostra uma outra, a da alteridade. A violência põe a nu as diferenças existentes em qualquer sociedade. No momento em que uma ideologia, política ou religiosa, quer se impor sobre outra, o confronto é inevitável, há sempre uma resistência. E esta não se apresenta somente abertamente, através da revolução declarada, das bombas estrategicamente colocadas. Ela vem dissimulada na aceitação passiva das imposições, que pode ser exemplificada, com a remoção dos moradores da favela para conjuntos habitacionais e o incontestável retorno para a favela, depois de um tempo. Ela vem dissimulada na astúcia, no jogo duplo, que o autor acima denomina de "resistência passiva da massa".

Se a violência presente no dia-a-dia da favela é resultado da precária condição de vida que aqueles moradores têm, imposta por um desenvolvimento urbano e desordenado do país, eles resistem e sobrevivem. Essa tentativa de sobrevivência acompanha a transgressão da ordem instituída, no viver cotidiano da favela, onde as pessoas convivem com a violência, pois ela faz parte do cenário: nas ruas sem calçamento, no esgoto a céu aberto, no aglomerado de pessoas na mesma casa, onde todos dividem o mesmo quarto para dormir; com a ameaça constante da remoção, do risco de desabamento da moradia, de ser contaminado por alguma doença, com a falta de comida, de emprego. Mas, "para tudo se dá um jeito". Astutamente, vive-se de biscate, troca-se ou vende-se algo para ter dinheiro, dorme-se em turnos, divide-se a comida com o vizinho, que não tem comida hoje, mas amanhã tem e vai dividi-la também. Resistem e sobrevivem. Se mantém contato com traficantes, criminosos, e não o denunciam, considerando-os,

inclusive, bons vizinhos, é porque ganham algo com isso. Formam uma rede de solidariedade entre eles, pois sabem que os protegendo das "autoridades" são também protegidos. Eles mantêm um código de ética entre si, pois se sabem excluídos da sociedade. Mas, é desta exclusão que vem o seu poder de coesão, como diz Hoggart. De acordo com o autor, o mundo dos "outros", que não são seus vizinhos, *"é um mundo desconhecido e hostil, que dispõe de todos os elementos do poder e difícil de afrontar sobre seu próprio terreno"*.¹²⁵

As relações entre eles, entretanto, nem sempre são de cordialidade. As comunidades Chico Mendes, Santa Terezinha, Novo Horizonte e Via Expressa, todas localizadas no bairro Monte Cristo, Florianópolis, tinham, cada uma, sua associação de moradores. Apesar dos limites entre elas não serem bem definidos, de apresentarem os mesmos problemas, divide-se o poder, por uma questão de incompatibilidade. Entretanto, no momento de reivindicarem perante o prefeito melhorias para as comunidades, uniram-se, sabendo que nessa união residia a força para fazê-lo.¹²⁶ Astúcia. Diz Maffesoli, *"que não é de se estranhar que a astúcia seja uma forma de resistência e que ela permita a conservação da própria pessoa. Nesta perspectiva, o homem sem qualificações, elemento da massa, possui uma identidade de camaleão numa selva com múltiplos obstáculos e perigos, deve trocar de pele para*

¹²⁵ HOGGART. *La culture du pauvre*, p.117.

¹²⁶ Fiz um relato sobre isso em um trabalho que se encontra publicado. Foram realizadas algumas reuniões com o governo municipal, decorrentes da apresentação de dados de pesquisa realizados pelo Gapefam, que apresentavam os problemas das comunidades e suas reivindicações. Ver PENNA. *Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia*, p.67-77.

sobreviver, deve ser politeísta para agradar a todos os deuses... em resumo, ele deve saber aproveitar da sombra para poder sobreviver; é nisto que reside o princípio de sua força."¹²⁷

Essa forma de resistência é bem caracterizada nas épocas de eleições, como pude observar em uma delas. Todos os candidatos eram escutados, aplaudidos, como se todos fossem ser votados. Uma moradora tinha propaganda de todos os candidatos. Como era uma das líderes da comunidade, todos iam até sua casa e ela recebia todos. Um dia, indaguei dela em quem iria votar, e ela, com um sorriso, me respondeu que ainda não sabia; mas que, independente de quem assumisse a prefeitura, ela seria escutada quando precisasse (agradar todos os deuses). Nunca soube se quem ganhou tinha sido o seu candidato.

Ao se passar para o campo mais restrito da saúde, com os fatos que abalaram o país este ano, pode-se demonstrar a estreita relação existente entre violência e saúde: as mais de quarenta mortes ocorridas no Instituto de Doenças Renais de Caruaru, em Pernambuco, provocadas por uma toxina liberada por uma alga que contamina a água não tratada e as mortes dos idosos na Clínica Santa Genoveva, na cidade do Rio de Janeiro, provocadas também pela água, que os próprios médicos disseram não tomar. Encontram-se aqui mais dois grupos de excluídos: os dos idosos e dos doentes crônicos, que por tal não se caracterizam como mão-de-obra produtiva.

Fatos como estes, sem entrar no mérito da condenação ou não dos responsáveis, trazem em si o caos e, também, desestruturam a norma estabelecida, confrontando-se diretamente com o que a máquina do progresso impõe. Pois, se nos dias de hoje, as pessoas portadoras de doença renal crônica, pela

¹²⁷ MAFFESOLI. *A dinâmica da violência*, p.120.

evolução da diálise têm um maior tempo de sobrevivência, acabam morrendo, vítimas da contaminação da água, abre-se mais uma brecha para a discussão da possível falência do setor saúde no país. Este, que toma para si a responsabilidade sobre o corpo do outro, tira o poder do próprio sujeito sobre si próprio e intervém inescrupulosamente sobre o uso deste, como bem mostra Foucault.¹²⁸

Fatos como estes mostram que o direito a uma qualidade de vida, a opção de uma morte digna, estão sendo espoliados no cotidiano. Demonstram que não se sabe cuidar dos idosos no Brasil, apesar do gradativo aumento desta população no país. Eles fogem da norma instituída da "Saúde para todos no ano 2000", apregoada pela Organização Mundial de Saúde. E fica a indagação, para mim, de como a população estará no ano 2000, se não há uma construção cotidiana desta saúde, se a violência contra o outro se faz presente a todo momento? Se se pratica a todo instante pequenas ações, que fogem do furo jornalístico, mas que estão violentando as pessoas em seu dia-a-dia, como será possível um ano 2000 com saúde? Será que ao se acordar no novo milênio, todos terão saúde, milagrosamente?

Assim, "fica evidente que a violência não pode se reduzir à sua estrutura utilitária; existe nela alguma coisa de inaceitável que a faz rejeitar moralistas de todas as correntes, porque ela é incompreensível, excessiva, sem finalidade (ao menos na sua atualização) — e sempre inquietante. É correto dizer na sua atualização, pois, efetivamente, na sua estrutura, ela acaba sempre por iniciar uma nova ordem (revolucionária), uma nova norma

¹²⁸ Foucault tem uma vasta obra sobre as relações de poder e corpo. Sobre isto ver, principalmente, os três volumes da História da Sexualidade.

(artística, literária), em resumo, uma qualidade canônica* apurada.¹²⁹

Há, também, uma outra questão se apresentando, nesta relação saúde e violência. Numa recente reportagem feita pela Folha de São Paulo sobre a violência, Dimenstein¹³⁰ apresenta que pesquisadores estão buscando explicações e soluções para a violência, utilizando métodos da epidemiologia. Levantam-se as causas, que são várias, estabelece-se a situação de risco e tenta-se minimizar sua propagação, como foi feito com o cólera, que dizimou populações inteiras na Europa, ou com a tuberculose. Entretanto, coloca Gladwell apud Calligaris,¹³¹ *“devemos concluir que fenômenos sociais como a violência devem ser considerados propriamente como epidemias? Mas neste caso, como não há vírus, como “ela pega”? Qual é o mecanismo de contaminação?”*

Diria que o progresso. Mas, enquanto pesquisadores, cientistas decidem se a violência é uma epidemia, vai-se convivendo com ela. Pois, ela é inerente ao homem e estruturante da sociedade. Seja lá como ela se apresente, ela continua incompreensível, excessiva, sem finalidade e inquietante. Pois como diz Simmel,¹³² *“o conflito está destinado a resolver dualismos divergentes”* e se pode com certeza traçar um paralelo, *“ao fato do mais violento sintoma de uma doença ser o que representa o esforço do organismo para se livrar dos distúrbios e dos estragos causados por eles.”* E, isto vai muito além do que os antigos

* O canônico de que fala o autor se refere não a uma questão religiosa, mas a regras ou normas especiais inferidas, deduzidas de uma regra mais geral.

¹²⁹ MAFFESOLI. *Dinâmica da violência*, p.37.

¹³⁰ DIMENSTEIN. *A epidemia da violência*, 1996.

¹³¹ CALLIGARIS. *A praga escravagista brasileira*, 1996.

¹³² SIMMEL. *Sociologia*, p.123.

diziam, se você quer a paz, prepare-se para a guerra. Pois, há uma linha muito tênue entre a paz e a guerra, entre o amor e o ódio, entre a violência e a calma, entre o conflito e a harmonia.

Esse percurso pela violência pode ser poeticamente ilustrado pela *A Paz*, de Gilberto Gil e João Donato:

A paz invadiu o meu coração
de repente me encheu de paz
como se o vento de um tufão
arrancasse meus pés do chão
onde eu já não me enterro mais.
A paz fez o mar da revolução
invadir meu destino. A paz
como aquela grande explosão
uma bomba sobre o Japão
fez nascer o Japão na paz
Eu pensei em mim
eu pensei em ti
eu chorei por nós
que contradição só a guerra faz
nosso amor em paz
Eu vim parar na beira do cais
onde a estrada chegou ao fim
onde o fim da tarde é lilás
onde o mar arrebenta em mim
o lamento de tantos "ais".

A paz, aqui, não se manifesta de forma tranqüila, isenta de conflitos, como seria de se esperar ao falar dela. Pelo contrário, ela invade, arranca, é um tufão, faz revolução, explode, arrebenta. Os autores fazem alusão ao final da segunda guerra, quando o Japão só se rendeu após a explosão da bomba, que destruiu duas de suas cidades, instituindo o caos, mas que "fez nascer o Japão

na paz". Essa paz que traz sentimentos contraditórios, quando se chora por "nós", faz com que paremos para pensar em nós, na humanidade, no que ela fez ou faz. Que nos leva ao momento de tranqüilidade que o lilás que tinge o fim da tarde traz para nós. Uma paz para o fim da vida? Pois nos leva para o fim da estrada, e, mesmo assim, trazendo no movimento do mar toda a dor que a violência traz, no "lamento de tantos ais".

Assim se confirma que a existência se estabelece sob a égide da harmonia conflitual, na compreensão e coexistência da alteridade, pois "só a guerra faz nosso amor em paz". É dentro deste aspecto que o risco também se apresenta como uma das formas da favela.

O risco no espaço-tempo da favela

Poderia discutir o risco enquanto violência, mas decidi dar-lhe destaque, pois ao se viver em favelas, de maneira consciente ou não, está-se correndo riscos diariamente. De arriscar-se a ser atingido por uma bala perdida ao fato de que o barraco pode, a qualquer momento, cair-lhe em cima, o risco pode ser uma das formas do ser humano enfrentar seu limite e se relacionar, como diz Le Breton,¹³³ de maneira real ou imaginária com a morte. O autor afirma que ao jogar com sua segurança ou sua vida, com o risco de perdê-la, as pessoas ganham a legitimidade de sua presença no mundo, além de arrancar na força deste instante, mesmo que efêmero, o sentimento de existir.

Assim, o risco se apresenta como uma opção de existência e, às vezes, de sobrevivência. Os dublês que substituem os atores

¹³³ LE BRETON. *Passions du risque*, 1991.

em cenas de perigo; os partidários de esportes, como automobilismo, alpinismo, entre outros; os trabalhadores que sobre andaimes se negam a usar qualquer tipo de proteção; as pessoas que atravessam uma rua movimentada em frente aos carros, sem se preocupar com a sinalização; os doentes crônicos que sabem que cuidados precisam ter consigo, mas que não aderem totalmente ao tratamento; e os moradores da favela que constroem seus barracos em áreas consideradas de risco, estão fazendo, conscientes ou não, uma opção de enfrentamento de seu tempo limite.

O fato de construírem seus barracos em locais que não lhes pertence, geralmente insalubres, a ameaça de remoção, ou mesmo do barraco lhes cair em cima, não os impede de fazer a escolha de se arriscar e permanecer ali. A possibilidade de adoecerem e não terem condição de se tratar ou mesmo conscientes de uma doença não seguir o que lhes é determinado; a convivência diária com a violência, que pode trazer uma bala perdida. Esses são alguns dos riscos diários a que os moradores da favela estão expostos. Frente a essa realidade dura, que não lhes perdoa nada, eles se colocam, dia após dia, frente ao seu tempo limite, pois convivem diariamente com um perigo iminente. Isto pode ser uma opção pela aventura, mas na maioria das vezes ser uma questão de sobrevivência.

Simmel¹³⁴ diz que a aventura, que correr riscos, é uma *forma de experiência*, por sua essência e seu charme específico. Se por um lado há quem faça oposição a ela, por outro, há quem se apodere dela, para jogar com a vida, sem que haja algum sinal de segurança nessa espécie de aventura diária. O autor vai mais além, ao dizer que a vida por si já é uma aventura, permeando a existência de todo ser humano. Segundo ele: "*Toda experiência*

¹³⁴ SIMMEL. *Philosophie de la modernité*, 1989.

singular comporta alguma quantidade de determinação que a faz alcançar uma certa medida no 'seio' da aventura."¹³⁵

Esse "jogo com a vida", que para os moradores da favela pode ser consciente ou não, mostra uma estreita relação com o tempo, daquilo que pode ocorrer de uma hora para outra. Entretanto, nem todos e nem sempre conseguem enfrentar a ameaça de remoção ou de desabamento.

Um dos moradores da Comunidade da Via Expressa, quando se iniciaram as conversações sobre as transferências dos moradores, desabafou: "as autoridades poderiam resolver logo, pois eu preciso dar segurança para a minha família, dar tranquilidade para eles... com falta de dinheiro, de comida, a gente até vive, dá-se um jeito, mas isso (de não ter casa), é difícil". Eles parecem conseguir enfrentar a vida quando o lar traduz segurança, senão fica-se como Tênisson Del-Rei mostra na letra de *Barracos*:

Pra quem mora lá no morro
 pra quem vive nas encostas
 onde o diabo faz o fogo
 onde Deus virou as costas
 Pra quem vive na surdina
 onde a luz não ilumina
 onde a morte começa
 onde a vida termina
 Esse barraco vai cair
 eu não me canso de avisar
 ele não tem alvenaria
 não tem coluna pra apoiar
 Ai, eu não quero ver o dia
 dessa zorra desabar

¹³⁵ Ibidem. p.322. (Tradução livre).

Pra quem vive nos escombros
sem poesia, sem paixão
sem mel, sem céu, sem sonho
com o coração na mão
Pra quem tá no fim da fila
tá no beco sem saída
tá perdendo a graça
tá ganhando mais ferida
não dá pra viver lá.

Aí fica a questão: se sabem que “não dá para viver lá”, por que o fazem? Por que continuam morando, apesar de tudo... da favela parecer com o inferno, o lugar para onde Deus não olha mais, e o que existe é o fogo feito pelo diabo. Não existe nada de bom, e além deles viverem sorrateiramente, sem luminosidade, pois não há luz, estão se colocando perante seu tempo limite, seu próprio finir, já que lá “a morte começa e a vida termina”. O barraco pode cair, porque não tem o que o segure, mas o morador continua lá, sem querer ver o dia “dessa zorra desabar”. No caso não há nada para contrabalançar essa angústia de se estar perante a morte, diariamente, viver no risco.

Entretanto há também um outro lado, que vem ao encontro do que diz Heidegger, apud Maffesoli: “O homem habita poeticamente.” Assim, ele pode permanecer se arriscando em perder sua casa, mas como enfrentar a vida se ele perdeu a poesia, a paixão, o mel, o céu, o sonho? Aqui ele vive nos escombros, tudo já ruiu. Se ele se coloca no concreto de sua finitude, sem nada que o faça sorrir, só lhe resta perder a “graça”, ganhar mais “ferida”. Aí, o risco se apresenta doloroso, o perigo é iminente, resta perder a vida. O fato é que o homem não consegue viver sem poesia, sem paixão, sem sonho, quando perde isso ele se coloca perante sua finitude, e a certeza da morte é, por si só,

angustiante, de entrega. Pois, como diz um outro trecho poético,¹³⁶ *“porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos e sonhos não envelhecem”*. Sem isso, ele está no “fim da vida”, num “beco sem saída”. E, por isso mesmo, apesar do pessimismo apresentado nesta letra, que retrata uma visão de uma realidade de um povo, existe no meio deste mesmo povo a alegria, o lúdico, que também é uma forma da favela se expressar.

O lúdico no espaço-tempo da favela

Em 1993, depois de alguns meses de reuniões preparatórias, realizadas na escola local, das quais participaram representantes do Gapefam, das comunidades do Bairro Monte Cristo,* presidentes das Associações, seminaristas que trabalhavam lá, diretora e alguns professores da escola, realizou-se a “Festa da Saúde”.

Como o próprio nome indica foi uma verdadeira festa. O Gapefam conseguiu mobilizar alguns setores da Universidade, como outros grupos de pesquisa, que trabalham em outras comunidades, para mostrarem seus trabalhos. Os alunos da escola apresentaram teatros e brincadeiras. Houve apresentação de um cantor local, de um grupo de *funk* da cidade, coral infantil, um torneio de futebol, com distribuição de troféus para os ganhadores. Houve palestras, filmes, cuidados de saúde alternativos, reunião de presidentes e representantes das comunidades que se faziam presentes.

¹³⁶ BORGES, Lô e NASCIMENTO, Milton. *Clube da Esquina 2*.

*O bairro Monte Cristo se localiza na cidade de Florianópolis, e, na época, as comunidades eram as de Chico Mendes, Santa Teresinha, Novo Horizonte e Via Expressa, já citados anteriormente.

Lembro-me que o nome "Festa da Saúde" foi questionado por algumas pessoas e bem defendido pelo grupo. Afinal, para alguns, não se fala de coisas sérias, como saúde, em uma festa. Mas, por que não? Por que não falar de coisas sérias em uma festa? Por que não festejar alguma coisa séria? Como diz Ribeiro,¹³⁷ contradizendo os mais céticos, *"a festa é festiva porque ela é séria. O festivo é alegre porque é gratuito. O festivo iguala os homens e é a oportunidade de solidariedade, gratuidade."* Junte-se a isso o que diz Maffesoli,¹³⁸ *"não há dúvida de que a festa pode adquirir formas múltiplas e bastante tradicionais, mas ela está presente inclusive nas atividades mais sérias"*.

Como diz o último autor citado, o sério e o lúdico possuem momentos equivalentes e, acrescento, fazem ambos parte da existência humana. O grupo, ao propor a realização desta festa, reconhecia naquela comunidade a presença do ludismo, da alegria que faz parte da vida daquelas pessoas, como de quaisquer outras. Havia ali, o objetivo formal de passar informações, de trocar conhecimento, compartilhar coisas, mas que se misturou na festa, na importância dos vários instantes vividos em comum, no prazer de se estar junto.

Viveu-se durante aquele dia o que Maffesoli chama de socialidade. Com uma câmera na mão, registrei durante todo o dia a alegria das pessoas e, penso, não havia uma obrigação com o amanhã, o importante parecia ser estar ali e compartilhar a festa. No grupo local que dançava um *rap*, havia a mesma alegria do grupo convidado que dançou um *funk*. Havia um senhor da comunidade que acompanhava, dançando, a apresentação do

¹³⁷ RIBEIRO. *A identidade do brasileiro: "capado, sangrado" e festeiro*, p.133/34/35.

¹³⁸ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.45.

grupo, no maior entusiasmo. Da mesma forma que os grupos de pesquisa convidados apresentavam seus trabalhos, os alunos da escola apresentavam brincadeiras, peças de teatro, e o público privilegiava um e outro indistintamente. Sem contar a importância dada ao jogo de futebol, que culminou na entrega das taças, tanto para ganhadores como para perdedores, tudo sendo filmado, no mais alto estilo "global".

O objetivo formal dessa festa era a troca de informações, de uma maneira que fosse leve; não se previa ali que houvesse alguma mudança de comportamento. O interessante esteve neste "estar junto", na alegria compartilhada pelas pessoas e que ficaram registradas em vídeo. Maffesoli¹³⁹ vem reafirmar que *"podemos entender isto como este desejo de provar em comum emoções e sentimentos que se esgotam, que não procuram um além disso, que se dá a ver e a viver"*. É, portanto, o momento que se esgota em si mesmo, que não tem nenhuma obrigação, a não ser com o que é vivido junto, que muitas vezes permanece presente para as pessoas.

O mesmo pude constatar quando fui com um grupo de universitários para uma cidade de dez mil habitantes no interior da Bahia, e que, como milhares de cidades do Brasil, está cada vez mais empobrecida. Tinha na produção de cacau, consumido dia após dia pela "vassoura de bruxa"*, sua maior fonte de renda e de

¹³⁹MAFFESOLI. *Aux creux des apparences*: pour une éthique de l'esthétique, p.68. (Tradução livre).

* Vassoura de bruxa é uma praga que dá nas culturas de cacau, não deixando que ele se desenvolva, causando enorme prejuízo para os produtores. Ela diminui a produção em mais da metade, isto é, para quem produzia, por exemplo, mil sacas de cacau, com a vassoura de bruxa produz umas 300, deixando de empregar metade dos trabalhadores.

empregos, não apresentando, na época, condições de sobrevivência para milhares de famílias que trabalhavam no plantio e na colheita dessa monocultura. Mas, o que mais impressiona na cidade, apesar de seus problemas sócio-econômicos, é a festa, em um lugar onde não se tem praticamente qualquer divertimento aparente. Todo final de semana, os donos de alguns bares colocam um "som" na rua, onde a maioria das pessoas, independente da idade, vão para dançar. Também há o rio para nadar, o futebol, que rola no campo, os seresteiros, o pessoal que toca atabaque e faz o maior samba e os amigos para beber cerveja e comer o churrasco.

Pode-se dizer que a festa, o riso são mostras de alienação do "homem sem qualidade", uma maneira de esquecimento da realidade. Mas o fato é que não se pode tentar compreender o lúdico dessa maneira, pois ele relativiza a dureza da vida e se revela até como forma de resistência. Ele não é algo permitido só para quem cumpre suas obrigações, faz seu "dever" bem feito. Um dos tocadores de atabaque é um dos líderes do movimento jovem atuante e conhece bem os problemas de sua cidade. Se ele tem consciência desses e a sua maneira busca soluções, ele não deixa de tocar atabaque e de se divertir. Pois, muitas vezes, discutem-se coisas sérias, ajuda-se alguém que se encontra em crise, no momento do divertimento. Porque o vivido não tem essa linearidade que se quer que ele tenha.

Inclusive, durante o período que passei na Bahia, muitas das conversas que se teve, das informações a serem trocadas, enquanto objetivo do trabalho realizado lá, entre alunos e população, foram feitas através da brincadeira.

Esses "pequenos nada" que pontuam a existência dessas pessoas mostram que *"a comunhão de emoções ou sensações, difundidas nos atos mais cotidianos ou cristalizadas nos grandes acontecimentos pontuais ou comemorativos é, "stricto sensu", o que*

*funda a vida social ou que faz lembrar sua fundação. O lúdico não é, portanto, um divertimento de uso privado mas, fundamentalmente, o efeito e a consequência de toda socialidade em ato.*¹⁴⁰

O lúdico é este sentimento compartilhado por todos e que também fundamenta esse estar junto, como forma de enfrentamento dos viés da vida. A brincadeira, o riso, o divertimento, o jogo, a festa, a conversa com os vizinhos, a cerveja no bar da esquina, entre outras coisas, relativizam a existência apesar dela se apresentar um tanto dura, mesmo permeada pela violência diária. Isto também é uma forma de usar a astúcia para enfrentar a vida.

O lúdico tem uma estreita relação com o tempo, pois ele se esgota em si próprio, na repetição. Ele não tem a obrigação de "dever ser", ele o relativiza com o estar junto.

Esse viver o dia-a-dia, relativizado por seus momentos efêmeros, na construção de uma existência cotidiana, está representado na letra da música *E Vamos à Luta*, de Gonzaguinha:

Acredito é na rapaziada,
que segue em frente e segura o rojão
eu ponho fé é na fé da moçada,
que não foge da fera e enfrenta o leão
 eu vou à luta é com essa juventude
 que não corre da raia a troco de nada
 eu vou no bloco dessa mocidade
 que não tá na saudade
e constrói a manhã desejada
 Aquele que sabe que é meu o coro da gente
e segura a batida da vida, o ano inteiro

¹⁴⁰ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.44.

aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
e apesar dos pesares, ainda se orgulha de ser brasileiro
aquele que sai da batalha, entra num botequim
pede uma cervinha gelada
e agita na mesa uma batucada
aquele que manda um pagode
e sacode a poeira suada da luta
e faz a brincadeira, pois o resto é besteira
e nós estamos por aí.

É através desses momentos efêmeros, na roda de samba, bebendo uma cerveja, fazendo brincadeira, que se consegue sacudir a poeira do cansaço do dia-a-dia. Aqui, ao se relativizar o dia de batalha, a seriedade que a vida parece querer impor, com o lúdico, é que se consegue segurar “a batida da vida, o ano inteiro”. Sem ele parece que não daria para segurar o rojão e enfrentar o leão, pois é pela sua existência, que isso se torna possível. O jogo duro se enfrenta com a brincadeira, porque com ela o resto todo parece ser besteira, fica mais fácil. E se está por aí, justamente porque se vive o cotidiano, sem fugir da raia, sem se estar preso no passado, na saudade, porque assim se está construindo o amanhã, e não esperando que ele traga dias melhores.

Desta forma, talvez, se encontre o ser saudável, mesmo que ele viva na favela. Relativizando sua existência diária, mesmo que ela se apresente dura. Compartilhando seu espaço, interagindo com ele, resistindo, rindo e chorando, pois a vida não se apresenta como uma reta ligada de um ponto a outro, pelo contrário, ela é cheia de caminhos obscuros, vai se delineando a favela. Este espaço construído pelas pessoas que estão nele, que o fazem. Enquanto espaço físico, ele é a junção dos vários significados que

possui para as pessoas que fazem dele um espaço de relações, o espaço simbólico.

O simbólico no espaço-tempo da favela

Em uma reportagem local, veiculada pela televisão¹⁴¹ sobre uma ação da Secretária da Saúde e Bem-Estar da cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, para a retirada de mendigos da rua e acomodação em abrigos, um repórter entrevista Seu João, que mora embaixo de uma ponte. Seu João se recusa a ir para o abrigo e mostra orgulhoso o seu “canto”, que tem até algum conforto, como um fogão improvisado de duas bocas e alguns pertences pessoais. O repórter pergunta ao Seu João por que ele se recusa a ir, já que no local ocorrem enchentes. Seu João responde que ali ele tem mais liberdade, que ele gosta dali. O repórter indaga do morador o que ele faz quando o rio enche e ele responde: “Eu pego as minhas coisas e corro. Graças a Deus, eu tenho onde ficar. Mas, quando a enchente passa, eu volto, porque eu gosto mesmo é daqui.”

Pode ser inexplicável o que faz as pessoas elegerem um lugar para morar. O fato é que existe uma profunda relação que liga o sujeito, seu território e tudo aquilo que a ele pertence. Morando em outro país durante um tempo, observei um homem, cujas características físicas fizeram-me apelidá-lo de “Filósofo”. Tinha os cabelos brancos, compridos, sempre presos em um rabo de cavalo, barba, usava óculos e fumava cachimbo. O “Filósofo” morava na rua, num largo passeio com canteiros, bancos de madeira, desses

¹⁴¹ MG/TV. Jornal da Rede Globo de Televisão. Belo Horizonte, 9 maio 1996.

que se tem em praças, bem em frente a uma grande loja de departamentos. Mudou-se para lá em um mês, chegando apenas com uma mochila. No final, ele já tinha trazido quatorze volumes, entre malas, caixas, sacolas, um saco de dormir e seus dois cachorros. Nunca o vi pedindo esmolas, bebendo em demasia, ou com roupas rasgadas. Ele morava em um raio de 10 metros, dormia embaixo da marquise da loja e ficava ali quando chovia. Sentava-se nos bancos, onde passava boa parte de seu tempo, às vezes, conversando com outras pessoas, dando a impressão de ser uma sala de visitas, onde também cochilava. Quando dormia, os cachorros tomavam conta de seus pertences para que ninguém se aproximasse, sendo que uma vez os vi avançar em um transeunte que passou muito perto. Dividia com estes o que comia e bebia, como se fossem uma família. Sempre imaginei que ele havia sido despejado e que fez daquele passeio seu novo território, sua casa, pois no período de um ano morou ali. Deu-me a impressão de um filósofo, pois muitas das vezes que passei por ele, fumava tranquilamente seu cachimbo, sentado no banco, com as pernas esticadas, observando o que acontecia ao seu redor.

Num percurso pelo imaginário, essa relação pode ser apresentada pela letra do samba *Moro Onde não Mora Ninguém*, de Agepê e Canário:

Moro onde não mora ninguém
onde não passa ninguém,
onde não vive ninguém
é lá onde moro que eu me sinto bem.
Não tem bloco na rua, não tem carnaval
mas não saio de lá
meu passarinho me canta
a mais linda cantiga que há
coisas lindas tem do lado de lá

moro onde não mora ninguém...
uma casinha branca no alto da serra
um coqueiro ao lado
um cachorro magro amarrado
um fogão de lenha todo enfumaçado
é lá onde moro, aonde não passa ninguém
é lá que eu vivo sem guerra
é lá que eu me sinto bem

O lugar que se elege para morar, a relação que se tem com ele, está repleto de símbolos, que tem significados, importância para quem os constrói, mesmo que para outros não os tenha. A simplicidade de uma casinha branca, no cachorro magro, mas que é o companheiro, um fogão de lenha enfumaçado, é lá que se sente bem, tranquilo, em paz. Pode até não ter a alegria compartilhada de um bloco de rua, do carnaval, mas o passarinho canta para ele cantigas, que só ele escuta e por isso mesmo são as mais bonitas. Pode ser incompreensível para a maioria como alguém pode morar em um lugar onde não mora ninguém, mas com certeza lá existem coisas lindas, muitas vezes vistas só pelos olhos de quem é o dono do território, porque é lá que ele se sente bem. Como disse seu João acima, “a enchente passa e eu volto, porque eu gosto mesmo é daqui”.

Reafirmo que pode ser inexplicável para muitos a razão dessa interação do homem com o seu lugar. Mas, o significado de pertencimento a um lugar, seja ele qual for, depende do que foi vivido ali. Apesar de afirmar que esta questão passa pela sobrevivência, do não ter um lugar melhor para ir, muito fica no “não-dito”. De acordo com Maffesoli, *“isso nos obriga a repensar a misteriosa relação que une ‘o lugar’ e o ‘nós’*. Pois, ainda que isso irrite os mantenedores do saber institucional, a atribulada e

*imperfeita vida do dia-a-dia não deixa de produzir um verdadeiro 'co-naissance comum'.*¹⁴²

O lugar onde se vive, ou sobrevive, possui um significado, para quem o habita. É a casa objetiva e subjetiva, é a família, para onde se retorna no fim de um dia. É o grupo de amigos, é o bar, onde se vai, para jogar conversa fora, dançar o samba. É o campo de futebol, onde se joga nos fins de semana. É seu João, dona Maria, anônimos para milhões de pessoas, mas conhecidos no bairro, na comunidade. É a casa de pau-a-pique, com três cômodos apenas, com pouco conforto, banheiro do lado de fora, mas que dona Maria mostra e diz orgulhosa: "Pode ser pequena, mas eu consegui comprar, é minha, não preciso depender de ninguém para morar."

Na favela, como os espaços internos são pequenos, os externos são compartilhados, fazendo a extensão da casa aumentar, formando "tribos", que reafirmam neste espaço a socialidade, que se traduz neste estar junto. *"Por isso o altar doméstico, quer seja o da família ou, por contaminação, o da cidade, é o símbolo do cimento social. Lar, onde o espaço e o tempo de uma comunidade se deixam ler. Lar, que legitima, sempre e de novo, o fato de estar junto.*"¹⁴³

Aqui, quando se insere o simbólico, a analogia da ponte e da porta de Simmel se faz presente. A ponte é o que liga o familiar

¹⁴²MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.208. O tradutor optou por deixar a palavra em francês, respeitando o jogo de palavras feito pelo autor, afirmando que é intraduzível. No meu entendimento, como "Conaissance" significa conhecimento, naissance-nascimento, considero que um "verdadeiro conhecimento" provoque um renascimento compartilhado.

¹⁴³MAFFESOLI. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, p.180.

àquilo que pertence ao mundo subjetivo de cada um, a relação do “lugar” com o “nós”, o homem em suas interações quotidianas que estabelece o espaço, que delimita essa vida do dia-a-dia. A ponte que vai ligando os significados de cada sujeito e vai construindo esse conhecimento comum com outros sujeitos. É o que aponta Maffesoli quando diz que *“eu sou de um mundo que eu constituo. É nesse sentido que é necessário compreender essa construção social da realidade que, de encontro ao que se pensa sempre, é essencialmente simbólico.”*¹⁴⁴ Essa existência comum que forma um conjunto de referências que é compartilhado com quem eles interagem, com quem estão juntos. A porta, ao permanecer fechada, tanto pode separar o que a ponte reúne num dado espaço-tempo, como também proteger o que é familiar ao homem. No momento em que se abre, entretanto, vai estabelecer as outras formas de interação, que vão ultrapassar o familiar, não ficando no que se é conhecido, apenas. Ela se abre e o homem se vê diante de outras possibilidades, que são inúmeras, para estabelecer outros tipos de relações.

Mas, estas não vão construir as histórias do dia-a-dia de uma existência, para muitos precária, mas que traz um odor especial, que fica na memória de quem as vive. Coisas simples, os “pequenos nada” compartilhados no quotidiano, mas que vão deixar marcas e significados registrados para a vida, mesmo que a casa seja uma maloca, como bem mostra Adoniran Barbosa em *Saudosa Maloca*:

Se o sinhô num tá lembrado
dá licença d’eu contá
lá qu’onde agora está esse edifício alto
era uma casa véia um palacete assombrado

¹⁴⁴ MAFFESOLI. *Au creux des apparences*, p.212.

foi ali seu moço qu'eu, Matogrosso e o Joca
construímos nossa maloca,
Mas um dia nós nem pode se alembrar
veio os homê com as ferramentas
que o dono mandou derrubá
Peguemos todas nossas coisas
e fomos pro meio da rua apreciá a demolição
que tristeza que nós sentia
cada tábua que caia doía no coração
Matogrosso quis gritar mas encima eu falei
o dono tá com a razão, nós arruma outro lugar
só nos conformemos quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o cobertor
E hoje nos pega as paias nos banco do jardim
E prá esquecer nos cantemos assim
Saúdosa maloca, maloca querida
onde nós passemos
dias felizes de nossas vidas

Mesmo a casa sendo velha, era um palacete, que abrigava os amigos, onde se vivia a socialidade. Pode-se traduzir, desta maneira, o que passam os moradores da favela, que de uma hora para outra são transferidos, por ocuparem o que não lhes pertence. No momento em que a maloca é destruída, a dor que se sente, por tudo que ela significa, por tudo que se viveu lá, é a da perda de algo muito querido. Afinal, ela é a lembrança de um espaço vivido, com suas alegrias compartilhadas, dos dias felizes que se passaram lá, como também dos tristes. E isto acontece, muitas vezes, com as famílias que são removidas das favelas para outros lugares. Pois, o que geralmente se leva em conta é somente as precárias condições físicas em que se encontram, mas nunca os vínculos já fixados, tanto com o lugar como com as pessoas. E, por

isso, muitas vezes, o retorno é inevitável, porque senão só resta cantar “saudosa maloca, maloca querida, onde nós passamos dias felizes”.

Nesse espaço onde se constroem as histórias de cada um, que se tornam histórias de todos, é onde se constitui a socialidade. Construído com as ações mundanas, mesmo que permeado com a violência, com o risco, mas relativizado com a alegria, com a força desse estar junto. Pois é *“no espaço humilde onde se exprimem tantas alegrias e desventuras, nesse espaço onde estão em jogo tantos afetos e conversações, a sólida trama social se constitui gradativamente. Não se trata de extrapolar mas, certamente, nesses espaços é que melhor se vive a relação de alteridade em toda a sua pequenez e em todo o seu trágico.”*¹⁴⁵

Assim, no estilo próprio do cotidiano, que ora requer cores fortes, outras suaves, vai se esboçando o ser saudável, que se mostra com seus matizes, concretizando o que chamo de sua estética.

¹⁴⁵ MAFFESOLI. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*, p.62.

9. A ESTÉTICA DO SER SAUDÁVEL

“Sob esse aspecto, a vida pode ser considerada uma obra de arte coletiva. Seja ela de mau gosto, *kitsch*, folclore, ou uma manifestação de *mass entertainment* contemporâneo. Tudo isso pode parecer futilidade oca e vazia de sentido. Entretanto, se é inegável que existe uma sociedade “política”, e uma sociedade “econômica”, existe também uma realidade que dispensa qualificativos, e que é a coexistência social que proponho chamar socialidade...” (Michel Maffesoli - O tempo das tribos)

Em meados de 1860, nascia na França uma nova escola artística, que se iniciou com a pintura, destacando-se principalmente nesta área. Não posso afirmar, entretanto, que era uma escola. Poderia dizer que se firmou mais como um movimento, uma explosão, uma expressão de impressão, que se contrapunha ao estilo acadêmico, de descrição objetiva e precisa das formas, que caracterizava a escola clássica. Era o movimento impressionista, que reuniu pintores como Monet, Manet, Renoir, Cézanne, mais tarde Van Gogh, entre outros.¹⁴⁶

Não se pode falar em escola, pois a marca deixada por eles foi a de não tê-la. Se o academicismo da época fazia com que expertos julgassem as obras artísticas, indicando quem e o que iriam expor no Salão*, os impressionistas se caracterizavam pela

¹⁴⁶ GEORGE, FERLONI. *Claude Monet*, 1994.

* Lugar onde se realizavam as exposições oficiais da época e como estas eram chamadas por todos.

liberdade de escolha do próprio artista. Se os clássicos se esmeravam na busca de perfeição das formas, os impressionistas buscavam colocar a subjetividade nas telas, isto é, como eles sentiam e percebiam seus modelos.

Dentre eles, tenho uma admiração especial por Monet, pois foi através dele que entrei em contato com o impressionismo. Ao ver a reprodução de um de seus quadros, pendurado na parede da casa de uma amiga, uma certa emoção tomou conta de mim. Nascia, naquele momento, uma paixão por esse pintor, considerado pelos seus pares como o líder do movimento. Foi, inclusive, a partir de uma de suas obras, intitulada *Impressão, Sol Nascente*, que um crítico de arte sugeriu o nome ao movimento, sendo aceito pelos artistas. Essa paixão se consolidaria quando conheci suas obras e sua vida, além de vê-lo através de fotografias e como modelo de Manet e de Renoir. O rosto, modulado por uma vasta barba, que lhe caía até o peito, mostrava olhos sensíveis que captavam as formas que a vida lhe passava.

Podem estar se perguntando o porquê dessa minha incursão pelo Impressionismo neste momento. O que o Impressionismo tem a ver com meu ensaio? E, principalmente, por que essa declaração de afeto a Monet? Eu poderia responder que tudo.

Pois os impressionistas tiveram como principal musa de suas obras a vida cotidiana. Monet teve como modelo Camille, sua mulher, eternizada em suas telas em variados momentos de vida familiar. Suas telas traduzem todos os lugares onde morou, seus jardins, uma certa atração pela água, pela luminosidade e as nuances de cores que esta criava na primeira. Seu trabalho revela, inclusive, a mudança de percepção que teve na última fase de sua carreira, quando vivia a angústia de ficar cego, acometido por uma catarata. Além disso, todos os impressionistas retratavam-se uns

aos outros em diversas situações do dia-a-dia, nas quais estavam inseridos.

A impressão que a vida lhes passava, a simplicidade com a qual expressavam suas percepções e descreviam sua existência diária, apesar de criticado na época, como se faz com aquilo que é novidade, mostravam que o cotidiano se inscreve em um estilo que lhe é próprio. Ao criarem esse estilo e eternizarem cada instante vivido, mostraram a existência de uma estética quotidiana, que hoje tomo de empréstimo. Tanto em suas obras, como na própria postura da vida no dia-a-dia, marginalizados artisticamente, deram vida ao que Maffesoli chama de tribalismo. Os pequenos grupos que se unem por interesses comuns, no prazer do estarem juntos, dando forma à socialidade, apesar do que a sociedade lhes imponha.

Assim, amparada pelo impressionismo, volto meu olhar aos "artistas da vida", que interagem no espaço-tempo da favela, modulada nas formas com as quais a descrevi, para expressar o que propus chamar de estética do ser saudável.

Estética, aqui, não entendida apenas como o "*estudo racional do belo e quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ela suscita no homem*",¹⁴⁷ mas compreendendo-a em seu sentido etimológico, "*no sentido de vivenciar ou de sentir em comum*", como coloca Maffesoli.¹⁴⁸

É o experienciar essa socialidade, presente na interação quotidiana desses atores que vivem na favela, que mesmo cercados pelas adversidades que lhes são comuns e já descritas neste trabalho apresentam possibilidades de serem saudáveis. Possibilidades essas que coloco na ordem do vitalismo. Essa

¹⁴⁷ FERREIRA. *Dicionário Aurélio Eletrônico*, 1994.

¹⁴⁸ MAFFESOLI. *O tempo das tribos*, p.15.

potência inerente ao homem, que é encontrada na vontade, no desejo, na permanência de viver, permeada pelo sentimento, pela emoção, pelo afeto, que não se explica pela razão.

No meu entendimento é esse vitalismo que lhes dá sentido à luta diária pela sobrevivência, nesta vida considerada sem qualidade. Que, “apesar de”, lhes permite enfrentar as adversidades, manter o instinto de preservação, dá-lhes o riso, a alegria, o sonho. Algo que fica na ordem do inexplicável, mas que se compreende na “*necessidade de uma centralidade subterrânea*”, como denomina Maffesoli.

Essa centralidade subterrânea que não é única, mas que são múltiplas e que se encontram além da história oficial ou do que ocorre nas relações sociais. Ela constrói infinitas histórias no cotidiano da existência das inúmeras tribos, entre elas as favelas espalhadas em cada canto do país. Essas centralidades subterrâneas que margeiam o social, dando crédito a essa socialidade que, como aponta Simmel,¹⁴⁹ se traduzem em infinitas, incontáveis e minúsculas formas de interações, que se dissimulam entre as formas oficiais das relações sociais e que, mesmo passando despercebidas, contribuem também para constituir a sociedade, tal como ela é.

Essas minúsculas formas de interação que dão força a esse vitalismo inerente ao homem podem ser traduzidas nas ações cotidianas, no que ele compartilha com outros, na inserção em seu espaço. É o estar junto, à toa ou não, vivenciando instantes que são importantes pela sua própria efemeridade. É o experimentar em comum, trocar, ter significados próprios, experienciar sentimentos, sejam eles quais forem, pois a socialidade não é vivenciada apenas harmoniosamente, pelo

¹⁴⁹ SIMMEL. *Sociologie et épistémologie*, 1991.

contrário, ela é da ordem do diferente e por isso conflituosa, por isso compartilhada numa "harmonia conflitual".

Essa socialidade que tira do anonimato o seu João e dona Maria, aqueles que estão sempre prontos a ajudar. É a dona Ana, que benze todos os vizinhos nas moléstias que o "doutor" não consegue dar jeito. É seu José, que ajuda os vizinhos quando alguém da família falece, porque tem as "manhas" da burocracia do enterro. É a Ritinha, que tem a seus pés, pelo menos, meia dúzia de garotos. É o Tião, com quem todo mundo toma um "trago", no boteco do seu Chico. É o Pingo, o traficante. São pessoas comuns, que eu não conheço bem, sem rosto para uma grande maioria de pessoas, mas que qualquer um, lá da favela, sabe quem são. Essa socialidade que *"assiste ao desenvolvimento da solidariedade orgânica, da dimensão simbólica, do não-lógico, da preocupação com o presente"*.¹⁵⁰ Essa solidariedade orgânica que se fixa e se esgota no presente, no sentimento, com quem está próximo. Ela se diferencia de uma solidariedade que Maffesoli chama de mecânica e que se apresenta através da instrumentalidade, do projeto, da racionalidade e da finalidade. Assim, a solidariedade mecânica pertence ao social, enquanto que a solidariedade orgânica pertence à socialidade.

Essa socialidade que se traduz na escola de samba, no jogo de futebol, nos passeios de fins de semana, nas festas, quermesses, barraquinhas próprias dos bairros populares, na comemoração do santo padroeiro, quando todos se empenham por um objetivo comum, deixando espantados os descrentes, pois como festejam tanto se não têm dinheiro. Que se traduz na cerveja ou na pinga sem culpa do final do dia, na conversa sem compromisso entre as vizinhas. Na reunião semanal para se fazer o pão, quando

¹⁵⁰ MAFFESOLI. *A ética pós-moderna*, p.197.

se dividem os ingredientes. Das festas de aniversário, de casamento, quando os amigos se reúnem para comemorar. Traduz-se, também, na alimentação dividida, quando o vizinho não tem o que comer, no apoio moral, e mesmo financeiro, quando alguém perde um parente, naquele amigo que se é para sempre, sem nenhum interesse. Na ajuda tanto de adultos como das crianças no orçamento domiciliar, mesmo que isso signifique vender chicletes no sinal, ou mesmo pedir esmolas. E, pode-se mostrar, na solidariedade presenciada, quando um dos grandes hospitais de Florianópolis incendeia e os primeiros a chegar para prestar socorro aos doentes, e retirá-los de lá, são os moradores de uma favela próxima.

Que importância isso tem? Tem a importância do efêmero, do instante que se esgota em si mesmo. Parafraseando Bachelard,¹⁵¹ é a interação deles com o “instante poético”, quando, mesmo que se tenha a consciência das adversidades, se vive o tempo cíclico, da repetição, do estar junto, sem se preocupar com o tempo do mundo, negociando com a morte. São esses “pequenos nada” que pontuam o cotidiano dessas pessoas, que parecem fazer o seu viver saudável, em um lugar onde, dependendo do olhar que se lança, não se pode percebê-lo como tal. É o viver esse espaço enquanto “socialidade”, do viver interagindo em um lugar, com seus amores e seus ódios, com suas alegrias e suas tristezas, com sua vida e sua morte quotidianas.

Tudo isso traduz, para mim, a estética do ser saudável, que possui movimentos peculiares, que mostra a interação com seu espaço e o constrói. A estética que se expressa de forma própria, a qual preciso captar de maneira sutil, sem querer conceituá-la. Captá-la com suas nuances, ora suaves, em sua forma lúdica ou

¹⁵¹ BACHELARD. *L'intuition de l'instant*, 1992.

simbólica, ora fortes, em sua forma violenta ou de risco. Porque compactuando com Maffesoli e Simmel, entre outros, concordo que os homens não vivem a rigidez dos conceitos¹⁵² e nem o têm como lei. Eles vivem a maleabilidade dessa forma, que se move no espaço-tempo da existência, sem rigidez, que é o ser saudável.

Assim, apesar de “saudável” ser um adjetivo, uma qualidade da saúde e que, como tal, deve acompanhá-la, proponho separá-los. A saúde fica na ordem do “ter”, enquanto o saudável fica na ordem do “ser”. Para se ter saúde é preciso, portanto, adquirir. Para se ser saudável é preciso sentir.

Para se ter saúde é preciso ter alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. Portanto, a saúde se estabelece como resultante, algo que se está no futuro, quando se conseguir todo o resto, que está na ordem do objetivo.

Para ser saudável é preciso se sentir vivo, se sentir bem e às vezes até mal, interagindo no espaço-tempo que é o presente. Viver em comum, construir uma história na centralidade subterrânea. Viver o efêmero, o imprevisível. Ser livre. Sobreviver, fundamentado nesse vitalismo, que está na ordem do subjetivo, com contornos que não se pode precisar.

É Apolo que se apresenta, que vem como um desejo, um projeto, mas o ser saudável deixa-se seduzir por Dionísio, ele

¹⁵²Lembro, aqui, o conceito de saúde adotado pelo Sistema de Saúde: “Em sentido mais abrangente, a saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. E, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção, as quais podem gerar desigualdades nos níveis de vida.”

transgride a norma, a regra e aprende a relativizar. Participa do jogo da vida e negocia com a morte. Arrisca-se (mora onde não devia), astutamente aprende a blefar (é removido e retorna), silencia e resiste. Como diz Maffesoli,¹⁵³ *“a astúcia, apesar do que pensavam os críticos do século XIX, não está ao lado de uma história impessoal e transcendente, ela é feita de atitudes e situações cotidianas, e é ela que, de alguma forma, permite a resistência (...) uma atitude subversiva que nos parece expressão da saúde”*.

Essa resistência não é aberta, clara, precisa, frontal, pelo contrário é passiva. Como relatei anteriormente, algumas famílias da Comunidade Via Expressa, em Florianópolis, que foram removidas para o conjunto habitacional do Morro do Viveiro, iam passivamente e retornavam algum tempo depois. Outro exemplo, é a atitude silenciosa e cordata que muitas famílias adotam, no momento de uma orientação em relação aos cuidados na prevenção de uma doença. Pode-se dizer tudo, mas elas continuam agindo da forma que lhes convém. Elas sabem, inclusive, o momento em que devem procurar os serviços de saúde e que caminhos seguir, quando uma doença acomete algum familiar.¹⁵⁴

Assim a estética do ser saudável se expressa no vitalismo, que pode ser difícil de explicar, mas que não se pode negar. Expressa-se nas ações diárias realizadas, na existência comum da vida cotidiana, que esses atores compartilham na favela, com a força da interação que possuem entre si e com o espaço que circunscreve esta existência. Uma existência um tanto precária, difícil, dura, uma realidade cruel, mas nem mesmo por isso vazia

¹⁵³ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.120.

¹⁵⁴ Isto está relatado em uma pesquisa realizada na comunidade de Chico Mendes sob coordenação do Gapefam: Eckert, Hanse e Penna. *A família buscando saúde*. 1993

de significados. Se a vida ali é considerada por muitos como banal, vive-se uma existência comum — uma existência em comunhão —, vive-se o aqui e agora, o presente. Ali, independente de como a vida se apresenta, há o “eu pertença” a uma “tribo” que lhes confere uma identificação, que não espelha no dever-ser e, sim, no estar-junto.

Sabendo-se que é ali na favela, onde moram, desenvolvendo uma solidariedade orgânica, que eles tentam sobreviver, não no amanhã, mas no hoje, aqui e agora. Eles simplesmente vivem o seu presente, a sua morte de cada dia — o seu tempo limite — mediando a obrigação do dever ser, com esse estar-junto.

Apesar de, geralmente, esse espaço não lhes pertencer, é nesse lugar, permeado pela violência, pelo risco, suavizado pela brincadeira, pelo riso, pela alegria, pelo lúdico, com toda a carga simbólica, que ele tem para cada morador. Eles moram com toda a complexidade e contradição que existe nesse morar... Moram com o sentido de pertencer a um lugar, subdivididos nas diversas tribos, que pode ser a família ou um dos vários grupos que se espalham na favela, cada uma com sua identificação, formada pelas emoções, que compartilham juntos. Interagem com a miséria, mas sabem buscar a forma de como sobreviver. Ali, onde a vida se apresenta precária, vive-se o presente, porque pelo pouco que se tem, não se pode projetar um futuro, buscar melhoras para o amanhã, como prega o mundo prometeico, progressista. Como diz Maffesoli,¹⁵⁵ se há um ajustamento desta existência em comum, ela tem um lugar, que dá espaço para esta ligação social, pontilhada e abalada por sobressaltos violentos, caóticos, imprevisíveis, mas

¹⁵⁵MAFFESOLI. *La contemplation du monde*, p.73. (Tradução livre). (Grifo meu). Apesar da inexistência da palavra “relacionismo” em português, foi traduzida da palavra “relationisme”, escrita pelo autor, que é uma neologia para dar força à expressão utilizada.

que testemunham uma sólida organicidade, que, para mim, traduzem o ser saudável. Mesmo que estas relações sejam *“impostas, violentas ou agressivas, às vezes, ou ao contrário, relações de cumplicidade, de aliança ou simplesmente afetuais. Em todo caso, não é o isolamento, próprio de um individualismo exacerbado, mas ao contrário um “relacionismo”, em todas as direções, que predomina na moldura do tribalismo.”*

Talvez seja complicado concebê-los saudáveis nessas condições, mas parece ser possível. Talvez possa ser possível compreender que ser saudável é uma *forma* de estar inserido nesse espaço-tempo, ao qual pertencem.

Maffesoli,¹⁵⁶ ao finalizar o “Pretexto” de seu livro *A Conquista do Presente*, indaga se *“não constitui uma constante da saúde social viver o melhor possível ‘o interesse do aqui e agora’?”* Ao que eu respondo afirmativamente e que perante isso e a tudo discutido no presente ensaio, reafirmo a tese apresentada: É possível ser saudável no cotidiano das favelas.

¹⁵⁶ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.15.

10. DE VOLTA AO COMEÇO...

NA PERSPECTIVA DE APRENDER A RELATIVIZAR

“Seduzir é fragilizar. Seduzir é desfalecer. É através de nossa fragilidade que seduzimos, jamais por poderes ou signos fortes. É esta fragilidade que colocamos em jogo na sedução, e é isso que lhe confere seu poder. (Jean Baudrillard - Da sedução)

Atena era a filha preferida de Zeus. Conta a história que o deus dos deuses devorou Métis, grávida de Atenas, pois aquela estava destinada a ter filhos sábios, que um dia poderiam vir a destronar o pai de todos. Como não existe apenas uma versão, em se tratando de Mitologia, conta-se, também, que Zeus devorou Métis, para que a sabedoria dela passasse para ele. Algum tempo depois, Zeus, sentindo grandes dores de cabeça, pediu a Hefesto, o ferreiro divino, para que lhe abrisse o crânio, de onde nasceu Atena, vestida de guerreira, já em idade de ajudar o pai na luta contra os gigantes. Assim, no nascimento de Atena, a figura do pai foi mais importante que a da mãe, ressaltando-lhe as características masculinas.

Atena não é uma deusa exuberante, como muitas outras e, portanto, não chama a atenção sobre si por sua beleza, que era modesta, descuidada, mas sempre com um ar grave, representada com sua armadura, o elmo e a lança, que lhe reafirmam o caráter masculino. Ao surgir da cabeça, recebeu como atributo a racionalidade, além de ter sido grande estrategista nos momentos de guerra, sendo assim reconhecida. Mas apesar disso é amante da paz, preferindo enfrentar e resolver os problemas através de

sábios conselhos, pois tinha um grande senso de justiça, ao invés de batalhas violentas.

A história a chama, em vários momentos, de Palas Atena. Conta-se que Palas, filha de Tritão, o deus-rio, foi sua grande amiga e sua tutora, com quem treinava suas lutas. Em um desses treinamentos, Zeus interviu distraído Palas, pois pressentiu que ela iria ferir a filha, a qual num golpe perfeito matou a tutora. Entristecida, passou a usar o nome de Palas, como homenagem à amiga. Kerényi diz que na língua grega *“a palavra pallas pode ser variadamente acentuada e inflectida, de modo que venha a ter um sentido masculino ou um sentido feminino. No masculino significa o moço forte, no feminino, a virgem forte.”*¹⁵⁷

Ela guardou a sete chaves sua virgindade, o que lhe atribui pureza e limpidez de caráter, pois nunca participou dos jogos amorosos tão comuns no Olimpo. Entretanto, apesar de nunca ter concebido um filho, é considerada a mãe divina dos homens. Foi ela, por exemplo, que ajudou Leto no difícil parto de Apolo. Ela é, também, a protetora de vários heróis, principalmente Ulisses, a quem sempre ajudou, e de algumas cidades, como Atenas, a qual ganhou estrategicamente numa disputa com Posídon, uma divindade marinha.

Como filha predileta de Zeus, tinha alguns privilégios. Não andava armada, pois sempre que havia uma guerra ia diretamente ao pai, pegar-lhe emprestadas as armas. Concedia aos mortais uma vida mais longa, por isso muitos a chamam de deusa da saúde, além de lhes dar o dom da profecia.

Proponho uma pausa nesta história. Convido-os a embarcar em uma viagem no tempo. Entremos na nave que nos levará até meados de 1800, da Grécia à Inglaterra. A heroína deixa,

¹⁵⁷ KERÉNYI. *Os deuses gregos*, p.99.

momentaneamente, de se chamar Atena e passa a se chamar Florence Nightingale, filha de família abastada, que vai, em 1860, institucionalizar a enfermagem moderna. Diferente da maioria das moças de sua idade daquela época, criadas geralmente para o casamento, Florence vai se dedicar inteiramente à profissão escolhida, sem se casar. Segundo Torres, *“sua capacidade de escritora... pode encontrar explicação em sua educação, conquistada principalmente através do tutoramento de seu pai. Ela viajou muito e possuía a capacidade de tratar com governantes e políticos. Muitos a consideraram um gênio.”¹⁵⁸*

Assim, em 1857, Florence vai prestar seus serviços de enfermeira ao exército, durante a Guerra da Criméia, diminuindo sensivelmente a mortalidade entre os soldados. Com o pagamento recebido pelo serviço prestado ao exército, funda, no pós-guerra, a primeira escola de enfermagem, no Hospital Saint James. O ensino proposto divide a enfermagem em duas categorias de trabalho. Uma constituída pelas enfermeiras, que cuidavam diretamente dos doentes, voltadas para o trabalho manual, as chamadas *nurses*, oriundas das classes sociais mais baixas; a outra constituída por mulheres, oriundas das classes burguesas, as chamadas *ladies-nurses*, que se formavam para o ensino e a administração da enfermagem. Rezende¹⁵⁹ diz que *“caracterizada por uma disciplina de tipo militar, a escola nightingaliana priorizava as qualidades morais das candidatas”*.

Para finalizar essa resumida história da “mãe” da enfermagem moderna, não posso esquecer de uma imagem, que se tornou o símbolo da profissão. Florence, em sua dedicação extrema

¹⁵⁸ TORRES. Florence Nightingale, p.38. (Grifos meus).

¹⁵⁹ REZENDE. Saúde: dialética do pensar e do fazer, p.75.

aos enfermos, saía à noite para prestar-lhes cuidados, munida de uma lamparina que ia iluminando o seu caminho.

Onde as histórias se cruzam? As duas nasceram ligadas ao poder, uma filha de Zeus, a outra de família rica. Florence “nasce” profissionalmente sob uma disciplina militar, como Atena, fazendo prevalecer, assim, a característica masculina. É chamada de “gênio”, o que lhe concede uma inteligência e uma sabedoria acima da média para a sua época, qualidade atribuída a Atena. Estrategista, conversava com políticos e governantes, o que lhe proporcionou mais tarde a direção do Hospital. Da mesma maneira, estão ligadas pela concessão de uma vida mais longa para os homens, já que através das estratégias de Florence ela diminuiu a mortalidade entre os soldados, além de tomar sob sua proteção, um tanto maternal, na minha percepção, os doentes.

Rezende¹⁶⁰ afirma que *“sobreviver à rotina do trato com a doença, com a morte, com a dor, ‘acostumar-se’ a este contato, pode conduzir a identificar em nós a ‘chaga de Atena’, ou seja, sua descorporalidade, pela falta de princípio materno”*. Chaga que Florence reafirma, quando institui a enfermagem moderna, fundamentada na disciplina militar, no bojo do capitalismo, que lhe confere características masculinas, ligadas à pura razão, com a quais se aprende, na profissão, o enfrentamento da morte, da dor, o esquecimento da sensibilidade, para acostumar-se com elas.

Proponho, neste momento, uma outra viagem no tempo. Convido-os a entrar de novo na nave, acompanhados por Atena e Florence, até fins de 1990, da Inglaterra ao Brasil, nos dias de hoje. Antes, porém, uma breve parada na década de 20, só para observar a chegada das enfermeiras americanas da Fundação

¹⁶⁰ REZENDE. A harmonia da desordem: sofrimento e transgressão no trabalho de saúde, p.85-92.

Rockefeller, que vieram organizar o serviço de enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública, o que originou a primeira escola de enfermagem do país no sistema nightingaliano. Retomemos, pois, nossa viagem até os nossos dias contemporâneos.

Desde que me tornei enfermeira, escuto, participo, discuto em reuniões, que têm por objetivo definir o perfil do enfermeiro. Quem somos nós? A que viemos? Esse enfermeiro racional, acostumando-se a sobreviver à dor, à doença, à morte, ou seja, enfrentando, diariamente, a angústia do finir humano. Esse ser masculinizado,¹⁶¹ numa profissão eminentemente feminina, que se veste com sua armadura, seu elmo e sua lança e se coloca como o mediador estratégico do serviço, para que ele caminhe dentro da esperada normalidade, e produza o máximo de eficácia, na maior eficiência, em prol de uma “saúde para todos no ano 2000”.

Entretanto, algo me incomoda na definição de um perfil. Se esclarecendo o significado da palavra perfil, Ferreira¹⁶² aponta que se trata de um *“contorno do rosto de uma pessoa vista de lado; aspecto dum objeto que é visto só de um lado; contorno, silhueta; descrição de uma pessoa em traços mais ou menos rápidos”*, aí me pergunto o que fazer com o outro lado, aquele que fica nas sombras?

¹⁶¹ Vale ressaltar que o masculino e feminino designam, aqui, a questão de gênero, com as características próprias de cada um, ou seja, ao masculino confere-se a razão, o poder, o progresso, o lado iluminado, o ativo. Ao feminino confere-se o sensível, a emoção, a sedução, o afeto, o lado de sombras, o passivo. Não se refere, portanto, a simples questão biológica, de homem e mulher.

¹⁶² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Aqui começa a se mostrar a contradição de Atena, o que indica que ela tem, também, um lado feminino. Faço um breve parêntese, e retorno a um momento da história da deusa. Nas bodas de Tétis e de Peleu, a Discórdia, para se vingar por não ter sido convidada, irrompe repentinamente no salão e joga entre Atena, Afrodite e Hera um pomo com a inscrição: "Quem é a mais bela?" Desencadeia, assim, uma disputa entre as três, julgada por Páris. Cada uma fez, a ele, uma oferta, para se sair vencedora. Não entrarei em maiores detalhes, mas Atena não foi a ganhadora e se mostrou decepcionada e infeliz, pois intimamente torcia para que sua oferta tivesse sido aceita por ele. Para quem tinha uma aparência descuidada e nunca se preocupou com a questão de beleza, o fato revela, como afirma Rezende,¹⁶³ *"uma deusa contraditória, que se propõe racional para despistar seus desejos. Só razão, mas que espera ver seu corpo reconhecido como atraente."*

Aqui se mostra o outro lado do perfil, as possibilidades infinitas que, imagino, estão presentes no lado das sombras, daquele lado que não enxergo. Uma nova enfermeira? Não. Alguém que se permita relativizar esses dois lados e delinear uma forma, como propõe Simmel. Uma forma que indique movimento; informe, que se mistura a outra, sem contornos muito rígidos, apenas nuances, para que possa se deformar, às vezes, e se transformar em outras. Isto pode trazer insegurança, medo, sentimentos femininos. Mas, será que a força desta profissão, eminentemente feminina, não está no afloramento da feminilidade, na transgressão de seus atributos masculinos?

No meu convívio com os moradores das favelas, aprendi que é necessário relativizar. Não é o caso de transpor a linha e tornar-

¹⁶³ REZENDE. A harmonia da desordem, p.87.

se somente sentimento, emoção, mas de se permitir uma racionalidade sensível. Entrar no jogo, deixar-se seduzir por ele, permitir-se o uso de máscaras, para desempenhar os papéis que são indicados.

Jogo? Sedução? Máscaras? Calma... Não quero desencaminhar enfermeiros, propor que se inclinem arditamente para o mal ou para o erro, que comecem a enganar os outros, a blefar. Falo das máscaras que já são usadas no jogo das relações sociais, que se relativizam entre a sinceridade e o cinismo, tais como escutar atentamente, silenciosamente, todas as orientações de saúde e fazer, certo ou errado, da maneira que se quer. É reconhecer o que Maffesoli¹⁶⁴ aponta: *“Quer esse cinismo seja latente ou confesso, ele se encontra na base de todas as relações interpessoais, e o advogado, o médico ou o professor sabem o que seus clientes esperam, ou seja, que esperam muito menos a absolvição, a cura ou o saber, do que a segurança proporcionada por um papel bem representado. Mesmo que os profissionais sejam pouco seguros em relação ao seu saber, têm de dar a impressão de o serem.”*

É permitir se sentir frágil perante a sedução do outro e deixar-se seduzir. Baudrillard¹⁶⁵ diz que *“se a sedução é uma paixão ou um destino, no mais das vezes é a paixão inversa a que a suplanta: a de não ser seduzido. Lutamos para fortalecer em nossa verdade, lutamos contra aquilo que nos quer seduzir. Renunciamos a seduzir por medo de ser seduzidos.”* E é justamente nessa renúncia que, talvez, persista nosso equívoco. Porque, se é um jogo, faz parte de sua regra ora ser seduzido, ora seduzir, na troca constante de verdades, pois já é bastante dito que não existem

¹⁶⁴ MAFFESOLI. *A conquista do presente*, p.123.

¹⁶⁵ BAUDRILLARD. *Da sedução*, p.136.

verdades absolutas. E tanto nós, os profissionais de saúde, como aqueles que nos procuram, possuímos nossas verdades, que precisam ser trocadas.

É preciso aprender a relativizar o poder, a sabedoria, a razão de Atena, com a inconstância, a fragilidade — que é onde reside a força —, a sensibilidade de Dionísio. É, também, aceitar o seu convite para a transgressão, para o lúdico, para viver o aqui e agora, pois é a forma que, talvez, tenhamos para aceitar o vitalismo que é inerente ao ser humano e que, com certeza, sempre vai nos surpreender. Pois o profissional de saúde também é “*um homem que transgride, usa máscaras, usa astúcia e sensatez e ri*”, como afirma Ramos.¹⁶⁶

É preciso reconhecer a incapacidade de conduzir o carro de sol de Apolo, pois não se tem a força da divindade, para se assegurar a saúde perfeita. Mas, que se é capaz de segurar a lamparina de Florence, mesmo na incerteza de que a luz vai permanecer todo o tempo acesa, o que me dá a certeza de que existem possibilidades de se ser saudável, mesmo nas condições pouco favoráveis. Uma forma de reencantar o mundo, talvez. Pois não sendo Atena, não temos como conceder mais dias de vida aos mortais, mas podemos relativizar isso, em nossa interação com eles em seu processo de vida, no reconhecimento desse vitalismo que lhes permite sobreviver. Esse vitalismo, onde reside a *potência da vida comum*, onde se inscreve a estética desse ser saudável. Nesse cotidiano, onde se sobrevive na alegria e na tristeza, no amor e no ódio, no prazer e na dor, no trabalho e no lazer, no riso e no choro, no ser e estar junto que relativiza esse viver. É onde

¹⁶⁶ RAMOS. *Obra e manifesto: o desafio estético do trabalhador da saúde*, 1995.

quero ter a certeza de que ao se dar ***“voz ao morro toda a cidade vai cantar”... e quem sabe reencantar o mundo!***

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Paulo Roberto de A. Novo período de redemocratização: política de urbanização. In: VALLA, Victor Vicent. *Educação e favela*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1980.
- BACHELARD, Gaston. *L'intuition de l'instant*. Paris: Stock, 1992.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. 2.ed. São Paulo: Papyrus, 1992.
- BERLINGER, Giovanni. *A doença*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BERNARDES, Ernesto. A morte às nossas portas. *Veja*, São Paulo, a.29, v.1458, n.34, p.76-87, 21 de agosto de 1996.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. v.II.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CASTIEL, Luís David. *O buraco e o avestruz: a singularidade do adoecer humano*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- CALLIGARIS, Contardo. A praga escravagista brasileira. *Folha de São Paulo*, Mais! 5º caderno, São Paulo, 21 set.1996, p.5
- COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CRESPI, Franco. Os riscos do cotidiano. In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v.74, p.39-45, 1983. Tradução livre: REZENDE, Ana Lúcia Magela de. (Mimeografado).

- DADOUN, Roger. *La violence: essai sur l'homo violens*. Paris: Hatier, 1993.
- DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- DETIENNE, Marcel. *Dionísio a céu aberto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DIMENSTEIN, Gilberto. A epidemia da violência. *Folha de São Paulo*, Mais! 5º caderno, São Paulo, 21 set. 1996. p.4
- DUVIGNAUD, Jean. *Lieux et non lieux*. Paris: Galilée, 1977.
- ECKERT, Elisabeta R., HANSE, Denise e PENNA, Cláudia M. de Mattos. *A família buscando saúde: um estudo com famílias sobre o conhecimento e utilização dos recursos existentes em sua comunidade*. Florianópolis: UFSC, 1993. Pesquisa (Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na saúde da Família) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].
- ELSEN, Ingrid. Conceitos e práticas de saúde de famílias catarinenses vivendo em uma vila pesqueira. In: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, 1, 1988, São Paulo, *Anais...* São Paulo: USP, 1988.
- EURÍPEDES. *As bacantes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio*, 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- FREUND, Julien. Introduction. In: SIMMEL, George. *Sociologie et épistémologie*. Paris: PUF, 1991.
- FREUND, Julien. Préface. In: WATIER, Patrick (Dir.). *George Simmel, la sociologie et l'expérience du monde moderne*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.
- FREUND, Julien. Introduction. In: WEBER, Max. *Essais sur la théorie de la science*. Paris: Plon, 1992.
- GEORGE, Serge e FERLONI, Julia e Sophie. *Claude Monet*. Paris: Edita, 1994.
- GRAVES, Robert. *Os mitos gregos*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HELLER Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. 3.ed. Barcelona: Península, 1991.
- HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*. Paris: Minuit, 1970.
- JAVEAU, Claude. George Simmel et la vie quotidienne: Tur et brucke et socialité. In: WATIER, Patrick. *George Simmel, la sociologie et l'expérience du monde moderne*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.
- KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- LAMAS, Maria. *Mitologia geral*. Lisboa: Estampa, [s.d.].
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LEAVELL, H. e CLARK, E. T. *Medicina preventiva*. São Paulo: Macgrawhill, 1986.
- LE BRETON, David. *Passions du risque*. Paris: Métailié, 1991.
- LIMA, Heber Salvador de. *Os deuses não morreram*. São Paulo: Loyola, 1996.

- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. *La contemplation du monde: figures du style communautaire*. Paris: Bernard Grasset, 1993.
- MAFFESOLI, Michel. Le paradigme esthétique. In: WATIER, Patrick (Org.). *George Simmel, la sociologie et l'expérience du monde moderne*. Paris: Méridiens, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *Au creux des apparences: pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. A ética pós-moderna. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v.17, n.1, p.194-202, jan./dez. 1991.
- MAFFESOLI, Michel. *A dinâmica da violência*. São Paulo: Vértice, 1987.
- MAFFESOLI, Michel. *La transfiguration du politique: la tribalization du monde*. Paris: Grasset, 1992.
- MG/TV. Jornal da Rede Globo de Televisão. Belo Horizonte, 9 de maio 1996.
- MORIN, Edgar. *La méthode: la nature de la nature*. Paris: Seuil, 1977.
- MORIN, Edgar. *La méthode. La connaissance de la connaissance*. Paris: Seuil, 1986.
- MORIN, Edgar. *Sociologie*. 2.ed. Paris: Fayard, 1994.
- NASCIMENTO, Paulo César. Democracia e saúde: uma perspectiva arendtiana. In: FLEURY, Sônia (Org.). *Saúde coletiva? questionando a onipotência do social*. Rio: Relume-Dumara, 1992.

- NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. São Paulo: Ediouro. s/d.
- NITSCHKE, Rosane. *Nascer em família: uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável*. Florianópolis: UFSC, 1991. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.
- NOGUEIRA, Armando. Esporte, imitação da vida. *Jornal Hoje em Dia*, Caderno de Esportes, Belo Horizonte, domingo, 4 ago.1996, p.10.
- PENNA, Cláudia M. M. *A enfermagem interagindo com famílias de pessoas com doença crônica*. Relatório apresentado na Disciplina Prática Assistencial. Curso de Mestrado em Enfermagem, 1991. (Mimeografado).
- PENNA, Cláudia M. M. *Repensando o pensar: análise crítica de um referencial teórico de enfermagem à família*. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.
- PENNA, Cláudia M. M. Necessidades... uma discussão acerca de saúde e moradia. *Cadernos de Enfermagem*, PUC-MG, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.67-77, out. 1993.
- PEREZ, Rogério. Um sonho que virou pesadelo. *Jornal Hoje em Dia*, Caderno de Esportes, Belo Horizonte, domingo, 4 ago.1996, , p.10.
- RAMOS, Flávia R. Souza. *Obra e manifesto: o desafio estético do trabalhador da saúde*. Florianópolis: UFSC, 1995. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem).

- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela de. *A sedução dos mitos da saúde-doença na telenovela*. São Paulo: USP, 1991. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 1991.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela de. *Saúde: dialética do pensar e do fazer*. São Paulo: Cortez, 1986.
- REZENDE, Ana Lúcia Magela de. A harmonia da desordem: sofrimento e transgressão no trabalho de saúde. *Rev. Enf. UERJ*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.85-92, maio 1995.
- RIBEIRO, Hélcion. *A identidade do brasileiro: "capado, sangrado" e festeiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- RIOS, Rute M. M. Machado. O desenvolvimento e as favelas: adaptar o favelado à vida urbana e nacional. In: VALLA, Victor Vicent. *Educação e favela*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 4.ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.
- SIMMEL, George. *Sociologie et épistémologie*. Paris: PUF, 1991.
- SIMMEL, George. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.
- SIMMEL, George. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. *Antropologia, cotidiano e educação*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- TORRES, Gertrudes. Florence Nightingale. In: GEORGE, Julia B. *Teorias de enfermagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.38.
- VALLA, Victor Vicent. *Educação e favela*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

- VAITSMAN, Jeni. Saúde, cultura e necessidades. In: FLEURY, Sônia (Org.). *Saúde coletiva? questionando a onipotência do social*. Rio: Relume-Dumara, 1992.
- VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. Introduction. In: SIMMEL, George. *Philosophie de la modernité*. Paris: Payot, 1989.
- VIGUIER, Odile. *Mémento de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Roudil, [s.d.].
- WEBER, Max. *Essais sur la théorie de la science*. Paris: Presses Pocket, 1992.
- WEBER, Max. *La ville*. Paris: Aubier, 1982.

MÚSICAS

- AGEPÊ e CANÁRIO. *Moro onde não mora ninguém*. Disco: Minha História. faixa 3. Polygram, 1974.
- BARBOSA, Adoniran. *Saudosa maloca*. Disco: Elis - série grandes nomes. faixa 13 - disco 4. Polygram.
- DEL-REI, Tênisson. *Barracos*. (retirado de um caderno de música)
- GIL, Gilberto. *Procissão*. Disco: Simone Bittencourt de Oliveira. faixa 5. Columbia, 1995.
- GIL, Gilberto. *A paz*. Disco: Gilberto Gil Unplugged. faixa 7. Warner Music Brasil, 1994.
- GONZAGA JÚNIOR. *E vamos à luta*. Disco: O talento de Gonzaguinha. faixa 20. EMI-ODEON, 1980.
- HOLANDA, Chico Buarque e NETTO, João Cabral de Mello. *Funeral de um lavrador*. Disco: Chico. faixa 2 - disco 1. RGE.

JOBIM, Antônio Carlos e MORAES, Vinícius de. *O morro não tem vez*. Disco: A arte de Tom Jobim. faixa 7. Polygram do Brasil, 1967.

LINS, Ivan e MARTINS, Vítor. *Bom vai ser*. Disco: Anjo de mim. faixa 14. Velas Prod, Art. Mus. e Com. Ltda, 1995.

MAGALHÃES, Oldemar e ANTÔNIO, Luís. *Barracão*. (retirado de um caderno de música)

MONTE, Marisa e REIS, Nando, *Enquanto isso*. Disco: Verde Azul Amarelo Cor de Rosa Carvão. faixa 12. EMI, 1994